

DM

***A Sketch of Madeira* de Edward Vernon Harcourt**
Um diálogo cultural no Oceano Atlântico
para a preservação da Memória

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Liliana Patrícia Felgueiras Lopes Pestana
MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

julho | 2025

***A Sketch of Madeira* de Edward Vernon Harcourt**
Um diálogo cultural no Oceano Atlântico
para a preservação da Memória

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Liliana Patrícia Felgueiras Lopes Pestana
MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE

ORIENTAÇÃO

Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz

COORIENTAÇÃO

Luísa Maria Soeiro Marinho Antunes Paolinelli

Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade
2023/2025

***A Sketch of Madeira* de Edward Vernon Harcourt: um diálogo cultural no
Oceano Atlântico para a preservação da Memória**

Por:

Liliana Patrícia Felgueiras Lopes Pestana

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Literatura Cultura e
Diversidade

Orientação:

Professora Doutora Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz

Professora Doutora Luísa Marinho Antunes Paolinelli

Funchal, 2025

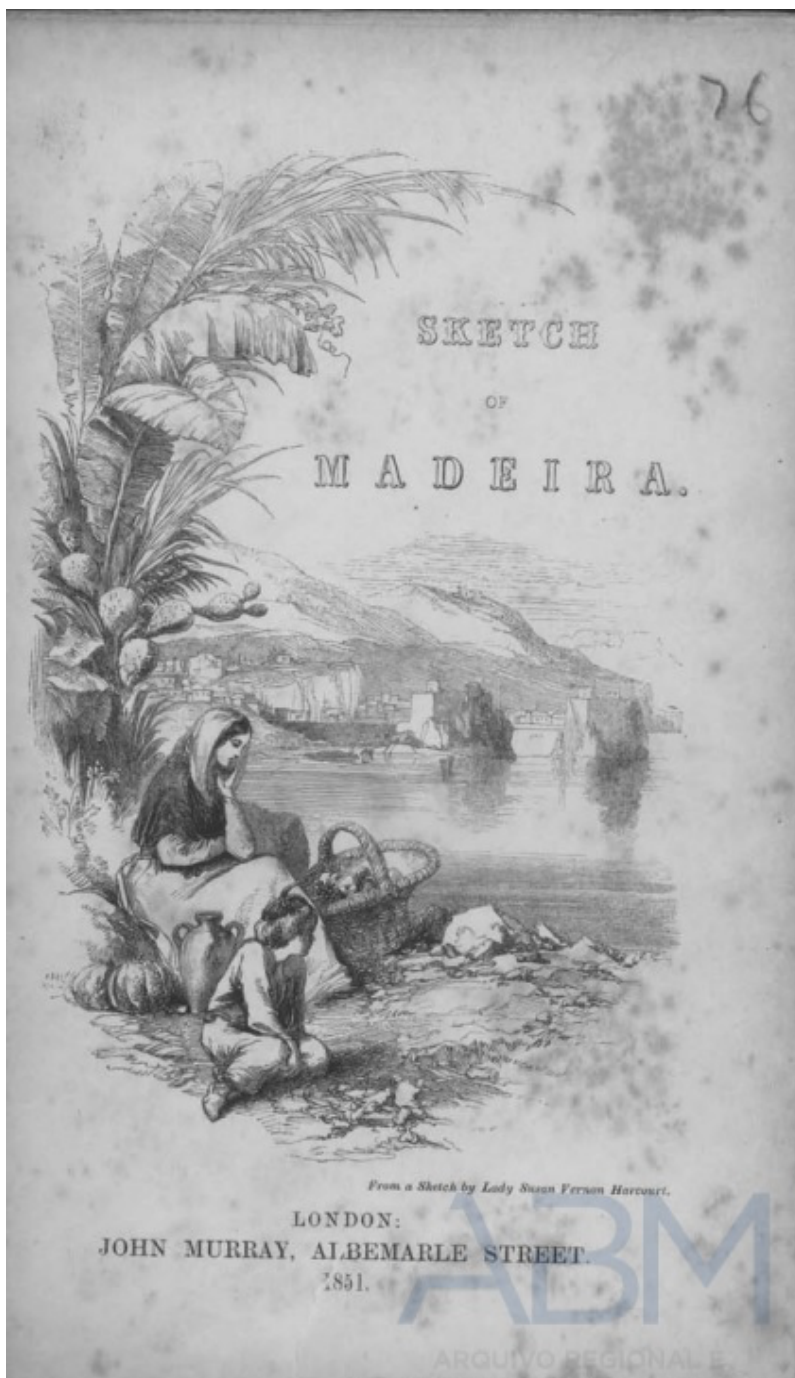


FIGURA 1: FOLHA DE ROSTO DO LIVRO *A SKETCH OF MADEIRA* (1851) DE EDWARD VERNON HARCOURT

Ao Jorge e ao Artur

Para que saibam que nunca é tarde!

Agradecimentos

“A vida é uma grande universidade, mas pouco ensina a quem não sabe ser um aluno” – Augusto Cury¹

Às vezes precisamos de voltar, porque a nossa história nunca está escrita. Comigo foi assim!

A todos aqueles que me acompanharam neste novo desafio:

às minhas orientadoras, as Professoras Doutoradas Ana Isabel Moniz e Luísa Paollineli, pelas sugestões ao longo desta dissertação e sobretudo pela paciência durante as inseguranças desta caminhada. À Professora Luisa Paolinelli, por me ajudar a encontrar o meu nicho de investigação, com o qual eu me identifico. À Professora Ana Isabel Moniz, por me apresentar aos Estudos Insulares e por aceitar me orientar num desafiante campo de estudo, que são as Humanidades Azuis. Às duas, uma última palavra de apreço, admiração e amizade;

ao Professor Doutor Joaquim Pinheiro, meu professor de Cultura Clássica durante a licenciatura, por me incentivar, pelas palavras que me dirigiu, quando regresssei: “Bem-vinda de volta!” – fez-me sentir em casa;

à Professora Doutora Celina Martins, pela amizade, pelas palavras de carinho, por ser luz na minha vida académica. A frase que elegemos as duas acompanhar-me-á para o resto da vida: “A vida começa verdadeiramente com a memória” (Hatoum, 1989, p. 12);

à Professora Doutora Leonor Coelho, por todo o apoio, mesmo após o fim das aulas, que esteve sempre disponível para me ajudar. Pelos seus “Debates Contemporâneos”, que me abriram a mente e fizeram com que os trouxesse para o corpo desta dissertação. Obrigada por tudo;

ao Professor Doutor Rui Fonseca, por ajudar a organizar uma cabeça, por muitos anos, demasiado técnica. Gratidão;

¹ Cury, A. (2004). *Dez leis para ser feliz*. Pergaminho. p.13.

à Professora Doutora Cristina Pinheiro, pelas suas aulas que, sendo mais do que um debate sobre o género, falam de respeito, tolerância e empatia. Obrigada por me incentivar e sobretudo pela amizade. P. S.: Acho que serei sempre uma ... Antígona;

à Professora Doutora Diana Pimental, pelo apoio como Diretora do Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade, e também pela amizade;

aos meus colegas de mestrado, foi um prazer partilhar as aulas convosco;

à minha mãe, por me apoiar incondicionalmente;

ao meu marido, pelo incentivo, por me ajudar a estar disponível e concentrada neste repto. As palavras: “Vai! Faz! Não estás só”, ajudam nos dias de tempestade. Gratidão;

aos meus filhos, pela paciência nas minhas horas ausentes e pelo amor incondicional que sempre me demonstram. Amo-vos!

Resumo:

A localização estratégica no oceano Atlântico e o clima ameno destacaram a Ilha da Madeira nas cartografias náuticas europeias que, ao longo dos séculos tem atraído a atenção de cientistas, historiadores e escritores, tornando-se não só um destino turístico, como também tema principal de inúmeras obras científicas e literatura de viagens europeias, que fazem parte do nosso Património Bibliográfico.

Neste sentido, a presente investigação pretende recuperar uma dessas obras literárias sobre a Ilha da Madeira, publicada no século XIX, intitulada *A Sketch of Madeira: containing information for the traveller, or invalid visitor* (1851), de Edward Vernon Harcourt, bem como as litografias de Susan Vernon Harcourt, sua mulher. Trata-se de um testemunho relevante sobre uma ilha marcada pela imponência da sua paisagem, pelo mar e pela hospitalidade da sua gente, numa possível aproximação à abordagem das “Humanidades Azuis” e de uma exposição da cultura insular madeirense, no modo como o autor estabelece um diálogo cultural com a terra, o mar e os seus habitantes. Com esta dissertação, propomos ainda preservar a memória e identidade de um espaço insular, que se desenvolveu e se tornou global.

As Humanidades, a partir dos estudos culturais, literários e históricos ocupam um lugar significativo neste debate, pela sua função de contar, descrever e preservar a História da humanidade. Neste sentido, esta dissertação incide ainda sobre o papel da Ilha, da insularidade e do mar no estudo dos ecossistemas, temas relevantes para as “Humanidades Ambientais”, uma abordagem contemporânea que, através de várias disciplinas científicas, refletem sobre a forma como o ser humano se relaciona com o mar.

Palavras-chave: Ilha da Madeira; Nissologia, Memória; Diálogos interculturais; Humanidades azuis; *A Sketch of Madeira*; Edward Vernon Harcourt

Abstract:

Over the centuries, due to its strategic location in the Atlantic Ocean and mild climate, Madeira stood out in the European navigation charts and caught the attention of scientists, scholars and writers. The Island became not only a tourist destination, but also a major topic of countless scientific books and European travel literature, that are part of our literary and cultural heritage.

Thus, our investigation aims to revisit one of these literary works about Madeira, published in the 19th century, entitled *A Sketch of Madeira: containing information for the traveller, or invalid visitor* (1851) by Edward Vernon Harcourt, as well as the lithographs by Susan Vernon Harcourt, his wife. This book is historically relevant within the studies of the “Blue Humanities”, as it bears witness of an island distinguished by its majestic landscapes, its surrounding sea, and the hospitality of its people. It also promotes the Madeiran culture, as the author establishes a cultural dialogue between the land, the sea and its inhabitants. Furthermore, this study also seeks to preserve the memory and identity of an Island, which overtime developed and became global.

The Humanities, based on their cultural, literary, and historical analyses, occupy a significant role in this debate, due to its mission of narrating, describing, and preserving the History of humanity. Therefore, this master’s dissertation also focuses on the role of Island, insularity and the sea in the study of the ecosystems, relevant subjects for the “Blue Humanities” studies, that through a multidisciplinary approach, seek to establish how humans engage with the sea.

Keywords: Island of Madeira; Nissology, Memory; Intercultural Dialogues; Blue Humanities; *A Sketch of Madeira*; Edward Vernon Harcourt.

Conteúdo

<i>Resumo:</i>	<i>VI</i>
<i>Abstract:</i>	<i>VII</i>
<i>Índice de gráficos</i>	<i>X</i>
<i>Introdução</i>	<i>1</i>
1. <i>A Ilha da Madeira na literatura europeia do século XIX: viagens de ciência, convalescença e lazer</i>	<i>5</i>
1.1. <i>A Literatura de viagens sobre a Madeira do séc. XIX: para uma cultura comportamental</i>	<i>11</i>
1.2. <i>A Sketch of Madeira (1851) de Edward Vernon Harcourt: pelo seu valor cultural, histórico e literário</i>	<i>17</i>
1.3. <i>A Sketch of Madeira (1851) de Edward Vernon Harcourt à luz das Humanidades Ambientais</i>	<i>25</i>
1.3.1. <i>Ilha e mar: retratos (azuis) da insularidade</i>	<i>38</i>
1.3.2. <i>O romantismo da paisagem na orografia insular</i>	<i>54</i>
2. <i>A cultura insular madeirense: entre a história e a memória</i>	<i>64</i>
2.1 <i>Fragmentos da organização insular madeirense: chegar e viver na Ilha da Madeira</i> <i>68</i>	
2.2 <i>Entre o ilhéu e o estrangeiro: educação, vida cultural e religiosa</i>	<i>82</i>
3. <i>Susan Vernon Harcourt: a mulher e a artista</i>	<i>103</i>
3.1. <i>A arte como preservação da memória da Ilha</i>	<i>104</i>
<i>Considerações finais</i>	<i>111</i>
<i>Bibliografia</i>	<i>115</i>
Ativa	<i>115</i>
Passiva.....	<i>115</i>
<i>Anexos</i>	<i>139</i>
<i>Índice Onomástico</i>	<i>159</i>

Índice de figuras

Figura 1: Folha de rosto do livro <i>A sketch of Madeira</i> (1851) de Edward Vernon Harcourt	II
Figura 2: Tabela do Dr. Heberden (Harcourt, 1851, p. 39).....	151
Figura 3: Tabela do Dr. Mason (Harcourt, 1851, p. 43)	152
Figura 4: Tabela Censos Ilha da Madeira 1847 (Harcourt, 1851, p. 54).....	153
Figura 5: Tabela Censos Ilha da Madeira 1835 (Harcourt, 1851, p. 53).....	154
Figura 6: Carro de bois. Harcourt, E. (1851) <i>A Sketch of Madeira</i> . John Murray, p. 32	155
Figura 7: Frontispiece. Funchal from the sea.....	155
Figura 8: View of Funchal from Hollway's Cottage	156
Figura 9: Group of peasants	156
Figura 10: Bananas.....	157
Figura 11: Table of courses and distances	158
Figura 12: English Burial Ground.....	158

Índice de gráficos

Gráfico 1: Literatura de viagens sobre a Ilha da Madeira em língua inglesa - Séc. XIX (CCBM).....	147
Gráfico 2: Estudo Bibliométrico: Worldcat e googlescholar.....	148
Gráfico 3: <i>A Sketch of Madeira (1851)</i> - Estudo bibliométrico (CCBM).....	148
Gráfico 4: <i>A Sketch of Madeira (1851)</i> - worldcat e google scholar.....	149
Gráfico 5: <i>A Sketch of Madeira (1851)</i> : estudos por ano de publicação.....	149
Gráfico 6: <i>A Sketch of Madeira (1851)</i> – título por país e área do conhecimento	150

Introdução

a Biblioteca existe ab aeterno. Dessa verdade cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar. O homem, o imperfeito bibliotecário, pode ser obra do acaso ou dos demiurgos malévolos; o Universo, com a sua elegante dotação de estantes, de tomos enigmáticos, de infatigáveis escadas para o viajante e de latrinas para o bibliotecário sentado, somente pode ser obra de um deus² - Jorge Luís Borges

Do Património Documental da Região Autónoma da Madeira fazem parte fontes bibliográficas consideradas raras, devido ao número de exemplares existentes, ano de publicação e conteúdo. Trata-se de obras de cientistas, historiadores e escritores estrangeiros, cujo olhar sobre a Ilha permitem compor a memória e a identidade madeirenses.

Devido à sua localização estratégica no oceano Atlântico e ao clima ameno, a Madeira cedo conquistou um lugar nas cartografias náuticas europeias, tornando-se não só um destino idílico, como também título de muitas obras científicas e de literatura de viagens europeias, uma estância de lazer e de turismo terapêutico.

Como guardiãs da memória e do conhecimento, as bibliotecas têm assumido um papel fundamental para a conservação e preservação desta literatura. A sua missão de disponibilização do saber fez com que, nas últimas décadas, estas instituições apostassem em projetos de preservação digital, com o objetivo de conservar e divulgar estas fontes. O livro analógico desmaterializou-se e o objeto digital, de um modo sustentável, abriu caminho ao acesso democrático do conhecimento, à leitura da história de um povo, incentivando a investigação científica nos diversos campos das Ciências Humanas.

Neste contexto, as Humanidades, a partir destes suportes, têm a oportunidade de desenvolver estudos culturais, literários e históricos, pois ao analisar, descrever, preservar a História e a memória da Região, qualquer investigador encontra, nestas obras, fontes

² Borges, J. L. (1998). *Jorge Luís Borges: Obras Completas (1923-1949)* (Vol. 1). Teorema. p.484.

credíveis e relevantes para o desenvolvimento de novos estudos e reflexões sobre a Madeira, testemunhos na primeira pessoa sobre Ilha de outrora.

Neste sentido, a nossa dissertação ocupar-se-á do contributo da literatura de viagens sobre a Madeira, em língua inglesa, para o estudo das literaturas e culturas insulares, através da obra *A Sketch of Madeira: containing information for the traveller, or invalid visitor* (1851) de Edward Vernon Harcourt, ilustrada com as litografias de Susan Vernon Harcourt, sua mulher.

A nossa indagação incidirá sobre diversos campos de investigação que se entrecruzam na abordagem multidisciplinar das Humanidades e se coadunam com o plano de estudos do Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade. É nosso objetivo compreender o valor histórico, cultural e literário do *corpus* da nossa dissertação, para a afirmação da literatura de viagens, enquanto fonte indispensável para a preservação da memória coletiva madeirense, e, assim, contribuir para a divulgação da literatura em língua inglesa sobre a Madeira.

Para tal, questionaremos como a obra escolhida poderá contribuir para enriquecer os estudos culturais e insulares. Serão somente relatos de viagens, com uma visão britânica sobre a Ilha da Madeira do século XIX? Ou poderá este subgénero literário demonstrar como se formou um diálogo intercultural e uma comunidade diversa? Qual a abordagem do autor ao falar da Ilha? De que modo o seu discurso contribuiu para a construção da identidade e cultura madeirenses? O que poderá este livro oferecer na contemporaneidade além da preservação da Memória? Ou seja, que lugar poderá esta obra ocupar no debate atual sobre um campo interdisciplinar recente como o das “Humanidades Ambientais”?

Com uma abordagem aplicada à história e através do método dedutivo, direcionamos a nossa investigação para fontes teóricas que abarcam a multidisciplinaridade das ciências humanas. De modo a atingir os objetivos propostos, organizamos a estrutura da nossa dissertação em três grandes momentos: “A Ilha da Madeira na literatura europeia do século XIX: viagens de ciência, convalescença e lazer”, “A cultura insular madeirense: entre a história e a memória” e “Susan Vernon Harcourt: a mulher e a artista”.

Na primeira parte, pretendemos fazer uma abordagem teórica quanto ao surgimento da Ilha da Madeira como temática principal na literatura de viagens europeia e contextualizar *A Sketch of Madeira* (1851) num período histórico e género literário. Depois, entender qual o registo evolutivo da Ilha como destino turístico europeu, no

contexto do século XIX. Finalmente, compreender os aspetos que atraíram os viajantes e cientistas à Ilha da Madeira.

Após esta contextualização histórica, consideramos relevante a aposta num estudo bibliométrico, com base num levantamento de todos os exemplares de literaturas de viagens sobre a Madeira do século XIX, em língua inglesa, à guarda da Região Autónoma da Madeira. O propósito é poder aferir o seu valor patrimonial, histórico e cultural, e a sua relevância para os estudos insulares. De igual modo, procuraremos localizar estes exemplares nas bibliotecas madeirenses, como também perceber o eco destas fontes nos catálogos europeus, circunscrevendo a nossa pesquisa e o tratamento da informação à obra que constitui o *corpus* da nossa dissertação.

A nossa investigação prossegue com a análise da estrutura da obra e do discurso de Edward Vernon Harcourt. O objetivo é identificar o tom usado pelo autor e a quem se dirige este livro.

Delineamos, igualmente, uma secção para examinar o diálogo cultural que o autor estabelece com base na ilha, o mar e os seus habitantes. Tentaremos fazer uma abordagem à luz do recente campo de investigação das novas Humanidades Ambientais, com o escopo de identificar as temáticas presentes no subgénero de literário de literatura de viagens, relacionar a obra com um debate contemporâneo, contribuir para aumentar a discussão em torno dos conceitos da “Insularidade”, “Ilheidade” e “Maritimidade”, e como estes termos formam a identidade madeirense.

O segundo capítulo, “Um tratado da cultura insular madeirense: entre a história e a memória”, tem como propósito averiguar como Edward Vernon Harcourt retrata a organização da sociedade madeirense: a sua vida cultural, suas tradições e costumes. Uma exploração que conduziremos para detetar quais as observações do autor sobre o ordenamento da sociedade insular, o modo como descreve os seus habitantes, quais as informações que escolhe para atrair o leitor britânico à Ilha da Madeira e, finalmente, estabelecer o papel das Humanidades Ambientais neste contexto.

Consideramos pertinente dedicar o último capítulo à ilustradora de *A Skeetch of Madeira* (1851). Sob o dístico “Susan Vernon Harcourt: a mulher e a artista”, abordaremos as litografias de Susan Vernon Harcourt, nas quais a Madeira se vê imortalizada através do olhar artístico. Analisaremos a sua importância para a divulgação da Ilha da Madeira como destino de lazer, o seu contributo na construção da identidade madeirense e na preservação da memória.

A análise que fizemos ao nosso *corpus* foi fundamentada em artigos e obras de índole científico da época contemporânea, que se constituem como contributos relevantes e pertinentes sobre História, Ciências da Documentação e da Informação, Estudos Insulares e as *Blue Humanities*. Por vezes, foi igualmente necessário aceder a outras obras de Literatura de viagens sobre a Madeira da época em estudo, para legitimar informações referidas pelo autor, conjuntura que veio complementar e enriquecer a nossa análise. Uma vez que as fontes foram em número considerável e visando uma organização autoral mais metodológica, reunimos no final da nossa dissertação um índice onomástico.

Por último, por uma questão de economia e para cumprir com as normas estabelecidas pelo regulamento do nosso mestrado, optamos por adicionar as ilustrações e gráficos como anexos. No entanto, por forma a proporcionar uma leitura organizada no que concerne a relação texto – imagem, criámos para cada figura a respetiva ligação no corpo do texto.

1. A Ilha da Madeira na literatura europeia do século XIX: viagens de ciência, convalescença e lazer

Jean-Louis Backès define literatura europeia como aquela que é composta por livros “que escritos na Europa, numa das línguas da Europa, foram traduzidos e difundidos por todo o continente” (Backès, 1999, p. 11). Deste modo, a literatura europeia ganha contornos geográficos, culturais e, inclusive, antropológicos, difundindo-se no mapa ocidental e relatando “experiências humanas vividas e [ou] imaginadas” (Ferreira Dias & Vecchia da Rocha e Silva, 2022, p. 1).

De país em país, a literatura produzida na Europa ganha uma dimensão humana. Fruto de influências e acontecimentos, produzem-se histórias e relatos de viagens, descobertas, cidades e panoramas de uma Europa imortalizada como um “lieu de la memoire” (Steiner, 2017, p. 33). Ao longo dos anos, a literatura deste continente foi definindo uma identidade própria, lapidando a sua cultura com cenários da vida quotidiana, como “café[s], [paisagens] a uma escala humana que possibilita a sua travessia; [com] as ruas e praças nomeadas segundo estadistas, cientistas, artistas e escritores passados” (Steiner, 2017, p. 44) e construindo um diálogo intercultural com o mundo.

Deste modo, com o passar do tempo, a literatura europeia desenvolveu temáticas recorrentes que refletem o seu modo de vida, como a da viagem, uma tônica que desenvolve “na respiração do quotidiano” (Seixo, 1998, p. 22) aspetos de cada país, ilhas ou cidades, traçando “Itinerários”⁴ e fazendo surgir na teoria da literatura a “literatura de viagens” (Cristóvão, 2009, p. 10), no qual a “História e a Antropologia [...] dão as mãos para narrar acontecimentos diversos relativos a viagens” (Cristóvão, 2009, p. 10).

Por forma a entender e justificar as tendências da literatura de viagens europeias, Fernando Cristóvão propõe uma análise cronológica que vai do século XV à contemporaneidade, dividindo esta literatura em três momentos chave da sua cronografia

³ Este conceito surge na obra intitulada *Les Lieux de mémoire* (1984-1992), organizada pelo historiador Pierre Nora e publicada na década de oitenta. Uma definição que se difundiu e que reuniu ao longo dos anos posições significativas nos debates científicos sobre a memória histórica e patrimonial coletiva.

⁴ Segundo Jacinto do Prado Coelho, no *Dicionário da Literatura*, o verbete “Itinerários” define o vocábulo como: “Ligados ao descobrimento geográfico como sua expressão imediata, as *relações*, as *informações*, as *jornadas*, algumas *cartas*, algumas *histórias*, alguns *tratados da terra e da gente*, os *itinerários*, que todos podemos reunir sob este último nome, constituem um dos mais autênticos géneros da nossa criação literária, e também, de certo modo, um dos aspectos da historiografia directa da Expansão” (Coelho, 1983, p. 497). Sublinhado do autor.

e classificando-os como: “Literatura de viagens tradicional”, “Nova Literatura de viagens” e “Novíssima Literatura de Viagens” (Cristóvão, 2009, p. 10), as quais revelam marcas linguísticas, literárias e históricas singulares.

Iniciando-se no século XV, com a “Literatura de viagens tradicional” (Cristóvão, 2009, p. 10), a Europa viu surgir relatos e histórias de “viagens de peregrinação” (Cristóvão, 1999, p. 45) em obras como *L'Antichità di Roma* (1554) de Andrea Palladio⁵ ou a *Peregrinação*⁶ (1614) de Fernão Mendes Pinto. O século XVI trouxe-nos narrações de expansão como a *Crónica da Tomada de Ceuta*⁷ (1651-1700), de Gomez Eannes de Zurara, sem esquecer as viagens de comércio.

Já à literatura de viagens do século XIX, Cristóvão (1999 e 2009) atribuiu o termo de “Nova Literatura de viagens”, na qual, com o “advento do turismo” (Cristóvão, 2009, p. 10), se incluem obras inspiradas pela onda iluminista europeia, pela racionalidade do pensamento e pelo “positivismo industrial” (Cristóvão, 2009, p. 12), que dão lugar a descrições de expedições científicas como *The Origin of Species*⁸ (1859) de Charles Darwin, de viagens filosóficas como *Novum Organum*⁹ (1902) de Sir Francis Bacon, entre outras.

Na contemporaneidade, a literatura de viagens que se insere na denominada “Novíssima Literatura de viagens” (Cristóvão, 2009, p. 11), apresenta-se como uma literatura marcada por uma “linguagem veloz e sincopada [...] acompanhada de imagens” (Cristóvão, 2009, p. 18), apoiando-se nas novas tecnologias constroem-se textos sobre viagens *express*, elaborados com estruturas gramaticais e linguísticas simples para incentivar férias e divulgar destinos idílicos.

A Ilha da Madeira, desde o seu descobrimento, ocupou um lugar na pena de muitos escritores, de que pode ser exemplo o canto V, estância 5 de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões, um autor pertencente ao cânone da Literatura Portuguesa, criador de um dos poemas épicos mais traduzidos a nível mundial. A Ilha da Madeira foi objeto de

⁵ Ficha bibliográfica e folha de rosto da obra no HathiTrust Digital Library (2024). Em [Record Citations | HathiTrust Digital Library](#).

⁶ Ficha bibliográfica e folha de rosto da obra na Biblioteca Nacional Digital (2024). Em [Peregrinação de Fernam Mendez Pinto em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouuiu no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos - Biblioteca Nacional Digital](#).

⁷ Ficha bibliográfica e folha de rosto da obra na Biblioteca Nacional Digital (2024). Em [\[Crónica da Tomada de Ceuta\], \[1651-1700\] - Biblioteca Nacional Digital](#).

⁸ Descrição bibliográfica e folha de rosto da obra na Enciclopédia Britannica (2024). Em [Charles Darwin - Evolution, Natural Selection, Species | Britannica](#).

⁹ Referência e folha de rosto da obra na On line Library of Liberty (2024). Em [Novum Organum | Online Library of Liberty](#).

outros géneros literários, encontrando o seu lugar como chancela na “Literatura de viagens Tradicional Europeia”, mencionada por Fernando Cristóvão (2009), podendo ser lida e preservada através dos livros. Obras como a de Francisco Alcoforado¹⁰ datada do início do século XV, considerada pelo historiador Rui Carita (1997, p. 69) como o primeiro livro de literatura de viagens sobre a Madeira, enobrecem a descoberta da Ilha.

De acordo com Rui Carita (1997), a Ilha da Madeira cedo se estabeleceu na Europa como um dos principais centros de produção de cana-de-açúcar, sendo uma das principais estações das rotas comerciais europeias do século XV. Devido à sua posição estratégica no mapa das navegações europeias, em pleno século XVI, a Ilha torna-se conhecida como o “centro internacional de aventureiros” (Carita, 1997, p. 70), no qual o Porto do Funchal cumpre o desígnio de ser uma paragem obrigatória para as armadas comerciais inglesas. Um facto que levou a Madeira, em pleno século XVII, a se estabelecer como umas das grandes colónias mercantis da sociedade britânica e a figurar como uma extensão do espaço continental.

Rui Carita (2019) menciona que, a partir do século XVIII, a Madeira cresceu como destino turístico e como fonte de interesse no seio da comunidade científica europeia. Com o desenvolvimento do cosmopolitismo citadino europeu - “*ius cosmopolitanum*” (Santos, 2022, p. 98), defendido, entre outros, por Immanuel Kant no seu tratado publicado originalmente em 1795, do qual conseguimos aceder à tradução portuguesa *A paz perpétua: um projeto filosófico* (2020), o Reino Unido passa a incentivar jovens a realizar viagens de estudo, acompanhados por familiares e/ou tutores, fazendo surgir na aristocracia inglesa um fenómeno denominado por “grand tour” (Carita, 1997, p. 71). Tratou-se de uma onda pedagógica em viagem, sendo encarada pela aristocracia inglesa como um momento único de socialização e de conhecimento, não só na área das ciências naturais e da filosofia, como também na área das humanidades, colaborando para o intercâmbio entre os diferentes países europeus. Uma oportunidade de convívio entre pessoas com diferentes idiomas, costumes e culturas, experienciando a tão almejada “hospitalidade universal” (Santos, 2022, p. 98).

¹⁰ A versão impressa intitulada *An Historical account of the discovery of the Island of Madeira, abridged from the Portuguese original* (1750) chega-nos publicada em língua inglesa pela editora J. Payne and J. Bouquet, um exemplar editado tardiamente face ao descobrimento da Ilha, no século XV. Segundo Rui Carita (1997), este facto deve-se às reservas existentes sobre a autenticidade dos relatos do documento original, pelo que o seu reconhecimento histórico só aconteceu com uma reedição nos anos setecentos. Atualmente, está acessível na íntegra a versão digital na Biblioteca Nacional Digital. Vide a entrada bibliográfica no catálogo da Biblioteca Nacional Digital em: <https://purl.pt/17192>.

Deste modo, surgiu uma série de estudos em jornais científicos da época, referenciando a Ilha da Madeira nas suas publicações, tendo a fauna e a flora madeirenses gerado um interesse particular entre os estudiosos europeus. Livros como *On the vatiation of species*, de Thomas Vernon Wollaston (1856), mencionam as espécies raras encontradas na Ilha e dão conta da sua passagem pela Madeira, como podemos ler: “The most interesting of the Madeiran Molhusks was first detected by myself on the Southern ascent of the Pico do Conselho, of Porto Santo, April 22, 1849” (Wollaston, 1856, p. 132). O exemplar *Principles of geology*, de Sir Charles Lyell (1837), informa sobre a passagem de outros naturalistas pela região, quando menciona: “Mr. Lowe [...] collected by him in the islands of Madeira e Porto Santo” (Leyll, 1837, p. 58), ou no livro *On the classification and geographical distribution of Crustacea*, de James Dwight Dana (1853)¹¹, quando o autor menciona a Ilha da Madeira numa lista de destinos, na página 1552. Foram obras que divulgaram a Ilha pelo continente Europeu e cujos títulos, na atualidade, fazem parte dos catálogos de muitas bibliotecas europeias.

Seja em sociedades aristocratas britânicas ou de outra nacionalidade, a ideia do cosmopolitismo disseminou-se por toda a Europa. Estas viagens naturalistas e peregrinas do conhecimento desenvolveram-se inclusive nas cortes portuguesas.

Deste facto dá-nos conta Ana Isabel Buescu (1988), no seu artigo “O Peregrino Instruído”. Em torno de um projeto de viagem setecentista.”¹², no qual a autora faz a contextualização histórica de Lisboa de setecentos e remete o leitor para um Códice, à guarda da Biblioteca Nacional de Lisboa intitulado *O Peregrino Instruído*.¹³ Da transcrição do manuscrito datado de 1658, Buescu (1988) dá a ler o seguinte:

Devem aquelles que por meio das viagens querem conhecer utilmente o Mundo, informarse em cada Lugar do estado natural, Ecclesiástico, Político e Militar delle
Conhecerão o Estado natural tomando noticia da qualidade do clima, do terreno, dos campos, dos montes, dos rios, das fontes; dos frutos, dos gados, dos mineraes, das aves, e dos peixes. [...] (Buescu, 1988, p. 49)

¹¹ A Biodiversity Heritage Library (2024) disponibiliza em formato digital uma série de livros da biblioteca particular de Charles Darwin. Fruto de uma política de indexação criteriosa é possível fazer a pesquisa por áreas geográficas, permitindo-nos recuperar os livros e as páginas, nas quais a Ilha da Madeira é mencionada. Vide <https://www.biodiversitylibrary.org/DLIndexBrowse.aspx?cat=4&sub=396202>.

¹² Publicado na *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* da Universidade Nova de Lisboa em 1988.

¹³ Segundo Buescu (1988) foi redigido por “D. Manuel Caetano Sousa” (Buescu, 1988, p. 34) para o rei D. João V, que há algum tempo planeava uma viagem por cidades europeias para conhecer outras culturas e costumes.

Deste modo, verificamos que estas expedições naturalistas, inspiradas nos mesmos ideais dos países europeus, permaneciam reservadas às famílias abastadas portuguesas, ou neste caso, à corte. Não obstante, o objetivo seria idêntico, o de contribuir para expandir o conhecimento sobre outras culturas e cooperar para a formação de uma Europa inclusiva e cosmopolita.

No que concerne a Ilha da Madeira, Vladimir Jankovic (2006) descreve as observações elaboradas e publicadas por climatologistas britânicos sobre as estâncias a sul da Europa, mais precisamente no mediterrâneo, onde o clima era favorável à cura de determinadas doenças. Trata-se de uma série de interesses e curiosidades que colocam a Ilha da Madeira na “Nova Literatura de viagem” (Cristóvão, 2009, p. 10), que demonstra uma nova mentalidade de investigadores que “apoiados por sociedades científicas e outras instituições procedem a um novo mapeamento [...] elaborando ‘viagens filosóficas’ que tudo registam” (Cristóvão, 2009, p. 13).

Segundo Todorov “A viagem coincide com a vida, nem mais, nem menos” (Todorov, 1999, p. 23), colocando o conceito de viagem como uma atividade de lazer que completa a vida. Neste contexto, e transpondo esta citação para a época da obra em estudo, podemos afirmar que, com o passar dos anos, as várias referências em livros científicos e as diversas viagens para estudar a sua riqueza natural contribuíram para divulgar a Ilha em outros círculos no norte da Europa, desenvolvendo a imagem da Madeira, também, como destino turístico.

Embora não pareça haver uma opinião consensual por parte de muitos historiadores, a partir da obra que ocupa a nossa dissertação, julgamos poder afirmar que o primeiro turismo na Ilha da Madeira se deveu às deslocações dos cientistas e naturalistas. Apesar de o título remeter para o leitor da sociedade britânica, aquele viajante à procura de lazer ou de uma estância de saúde, do seu conteúdo fazem parte várias informações científicas publicadas em jornais e obras científicas britânicas por outros autores, com dados concretos acerca do clima, estatísticas e sobre a da Madeira, confirmando as informações fornecidas por Vladimir Jankovic (2006) , como podemos ver na Figura 2, em anexo, na qual Harcourt insere informações sobre a temperatura da Madeira com os dados do Dr. Heberden: “Dr. Heberden’s Table. Phil. Trans., x. abr., 1751, 232” (Harcourt, 1851, p. 39).

Estas são informações adicionadas por Harcourt, que nos remetem para um turismo que chegou a frequentar a Ilha da Madeira com propósito científico, com origem

em viagens organizadas com um objetivo claro de investigação. Estes cientistas levaram consigo a pesquisa recolhida sobre a fauna e flora madeirense, culminando na divulgação da Ilha da Madeira em livros das diferentes áreas das ciências naturais, mas também as suas experiências vividas, passando a Madeira a figurar no mapa da Europa como um destino aprazível e obrigatório.

Os estudos médicos mencionados por Jankovic (2006) em relação ao clima quente do sul da Europa e os seus benefícios para a saúde fazem com que a Madeira seja igualmente escolhida por doentes, dando origem ao turismo terapêutico. De igual modo, Rui Campos Matos menciona que “[devido às] guerras napoleónicas (1799-1815) e da dificuldade de acesso dos ingleses às tradicionais estâncias terapêuticas mediterrânicas” (Matos, 2022, p. 244), a Madeira tornou-se uma alternativa pacífica.

Com o fim das guerras, no início do século XX e toda a literatura (científica e terapêutica) divulgada por autores e cientistas, a Madeira começou a receber muitas famílias inglesas, que recorreram à Ilha para puro lazer, dando origem ao turismo como o conhecemos atualmente. Como exemplo, Lady Susan Vernon Harcourt aproveitou a sua estadia para desenhar as paisagens da Ilha, cujas visitas à Madeira contribuíram para divulgar a Ilha na sociedade britânica, levando ao aumento das visitas de carácter científico, como também do turismo medicinal.

De acordo com George Alão (1997), a abordagem a qualquer obra inserida no subgénero “literatura de viagens” requer quatro tipos de análise, do ponto de vista da investigação científica, a saber: um estudo cronológico, uma investigação geográfica, uma reflexão sobre as línguas de publicação e, por último, uma atenção dedicada às editoras.

Segundo Alão (1997), a pesquisa e observação desta tipologia literária deve seguir uma aproximação a nível cronológico, de modo a contextualizar a obra em determinado período histórico e a transmitir uma “visão do mundo de uma época determinante da vida cultural” (Alão, 1997, p. 543). De igual modo, uma reflexão sobre a área geográfica a que a obra se dedica ajuda o investigador a construir um diálogo entre as diferentes culturas. No que concerne à língua em que a obra é publicada, esta tem especial relevância, pois a partir daí qualquer investigador poderá analisar a pluralidade linguística existente no texto. Assim sendo, as obras de literatura de viagens podem ser exploradas cientificamente, permitindo ao investigador fazer uma análise aprofundada a nível das diversas áreas de estudos das Humanidades.

Por se tratar deste subgênero literário dedicado à viagem, Alão (1997) defende, igualmente, o valor de uma análise fundamental sobre “os títulos e os autores” (Alão, 1997, p. 543). De igual modo, Hans Robert Jauss (1978), Pierre Macherey (2014) e Leo H. Hoeck (1981) teorizam a importância do título como um “cartão de visita que identifica e individualiza a obra” (Alão, 1997, p. 291). Por último, há que considerar a nacionalidade dos autores, uma particularidade não só influenciadora do estilo linguístico para a construção do texto, como também um identificador da relação intercultural que estabelece com o país da viagem.

A viagem e o destino escolhido tornam-se, assim, um meio de transformação, que dá lugar a uma redescoberta do “eu” em relação ao “outro”. Como defende Michel Onfray (2009), a viagem dá espaço à alteridade, permitindo ao viajante a descoberta da subjetividade, um olhar o “outro” e reescrever o “eu”, resultando numa consequência do encontro. Uma experiência que vai até ao fulcro da personalidade, onde muitas vezes a viagem transforma o indivíduo, como menciona: “eis a grande questão da viagem, nós próprios e nada mais.” (Onfray, 2009, p. 80).

1.1. A Literatura de viagens sobre a Madeira do séc. XIX: para uma cultura comportamental

Somos os únicos animais que fabulam, que afugentam a escuridão com histórias, que aprendem a conviver com o caos graças aos relatos, [...] E, quando partilhamos os mesmos relatos, deixamos de ser estranhos. – Irene Vallejo¹⁴

O *incipit* que inaugura este capítulo de Irene Vallejo (2023) não só apresenta a relação intemporal dos homens, as suas histórias e os livros, como também a capacidade da Humanidade em partilhar os relatos passados, circunstância que dá origem a uma nova relação, aquela que deixamos de ser desconhecidos por força de um diálogo partilhado. Um facto que ecoa no *corpus* da nossa dissertação, *A Sketch of Madeira* (1851) de Harcourt, um diálogo e uma experiência contada em 1851, que chega até nós pela

¹⁴ Vallejo, I. (2023). *O infinito num junco*. Bertrand. p. 405.

capacidade que o Homem tem de organizar, guardar e conservar todo o documento publicado, como refere Irene Vallejo: “Há algo assombroso no facto de termos conseguido preservar as ficções urdidadas há milénios” (Vallejo, 2023, p. 405).

Na contemporaneidade, como guardiães da memória e do conhecimento, os arquivos e as bibliotecas têm assumido um papel fundamental para a conservação e preservação desta literatura de viagens. Neste sentido, Cristina Filipe Caetano (2017) fundamenta que:

As bibliotecas e arquivos são instituições por natureza de recolha e preservação de dados e de memória do Homem do passado. Constituindo-se como o principal *locus* da memória cultural, bem como o símbolo do acesso ao conhecimento, as bibliotecas e arquivos são uma pedra basilar para o estudo das ciências sociais e humanas. Assim sendo, estas instituições devem assegurar o seu papel na criação, preservação e divulgação das coleções especiais e trabalhar com alunos, professores e investigadores para demonstrarem o seu valor para a excelência da investigação académica. (Caetano, 2017, p. 34)

A sua missão de disponibilização do saber fez com que, nas últimas décadas, estas instituições apostassem em projetos de preservação digital, com o objetivo de conservar e divulgar estas fontes. O livro analógico desmaterializa-se e o objeto digital abre caminho ao acesso democrático do conhecimento, à leitura da história de um povo, incentivando a investigação nos diversos campos do conhecimento, que de outro modo, devido à sua antiguidade e estado de conservação, seriam obras de difícil acesso.

A literatura de viagens sobre a Madeira do século XIX ocupa a categoria de “Livro Raro” (Pinheiro, 2009, p. 31)¹⁵, um documento com “uma matriz distintiva, única, irrepetível e insubstituível e que, pela sua vulnerabilidade, requer um tratamento especial” (Caetano, 2017, p. 48). Com acesso reservado, estas obras passam a integrar o Fundo Local¹⁶ das bibliotecas regionais, por serem publicações relevantes para a preservação da memória e identidade da Região Autónoma da Madeira. Como refere Caetano (2017):

¹⁵ Pinheiro (2009) estabelece uma série de critérios a serem avaliados de forma a considerar a raridade de um documento: “1 limite histórico / 2 aspectos bibliológicos / 3 valor cultural / 4 pesquisa bibliográfica/ 5 características do exemplar” (Pinheiro, 2009, p. 33). Estes aspetos são avaliados segundo um conjunto de normas inseridas na política de gestão de coleções adotadas por cada biblioteca.

¹⁶ Segundo Henrique Barreto Nunes (1998), “o Fundo Local engloba documentos sobre a história, a política a economia, a sociedade, as instituições, a vida religiosa, as actividades associativas e sindicais, culturais e desportivas, as artes e as letras, as personalidades, etc., de uma determinada comunidade e ainda sobre a geografia, a geologia, a fauna, e a flora da região em que ela está inserida. De uma maneira geral será a

o Fundo Local tem como finalidade preservar a memória para servir os cidadãos e construir um património histórico- cultural que servirá a conscientização da comunidade base para a tomada de decisões. (Caetano, 2017, p. 51)

Neste sentido, com o objetivo primordial de fundamentar a relevância desta literatura, do ponto de vista histórico, literário e cultural, como também avaliar o desenvolvimento desta literatura na atualidade, recorreremos a uma análise documental e bibliográfica com base em indicadores bibliométricos¹⁷, aplicados a fundos desta natureza¹⁸.

Para o efeito, reunimos uma lista de obras de literatura de viagens sobre a Ilha da Madeira, atualmente à guarda da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL) e das Bibliotecas Municipais da Região Autónoma da Madeira. Para tal, usamos como motor de pesquisa o Catálogo Coletivo das Bibliotecas da Madeira (CCBM), da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL) e, seguindo a linha de investigação escolhida para o *corpus* da nossa dissertação, estabelecemos os seguintes critérios: livros sobre e que mencionam a Ilha da Madeira no título e/ou seu conteúdo; obras publicadas unicamente em língua inglesa; janela cronológica: século XIX a inícios do século XX e o número de exemplares existentes nas bibliotecas.

Antes de qualquer dado estatístico e de valor comportamental, torna-se relevante uma análise da lista em anexo, Tabela 1¹⁹, seguindo os parâmetros propostos por George Alão (1997) indicados no capítulo anterior.

Acompanhando Alão (1997), podemos verificar os vários temas plasmados na literatura sobre a Ilha da Madeira, sendo visível em cada título a contextualização

documentação que respeita ao seu património cultural e Natural, mas também que reflecta o quotidiano dessa comunidade.” (Nunes, 1998, p. 129).

¹⁷ Segundo Pimenta, Oliveira & Ribeiro (2017), “A bibliometria, como área de pesquisada da Ciência da Informação, tem papel importante na avaliação da produção científica mundial, uma vez que seus indicadores podem retratar o comportamento e a evolução de um campo de conhecimento” (Pimenta, Portela, Oliveira, & Ribeiro, 2017, p. 7). No âmbito da nossa dissertação, importa analisar o comportamento destas publicações na atualidade, pelo que recorreremos a bases de dados de forma a sustentar a nossa análise com dados quantitativos e estatísticos.

¹⁸ A Bibliometria é um campo de estudo aplicado às Ciências de Informação e Documentação relativamente jovem. Os autores, títulos e datas das publicações referidas no âmbito da nossa dissertação não estão indexados em base de dados como *Scopus* ou *Web of Science* (WoS). Para a literatura do século XIX, construiremos os nossos indicadores a partir do Catálogo Coletivo das Bibliotecas da Madeira (CCBM) da Direção Regional dos Arquivos, Bibliotecas e do Livro (DRABL), do *WorldCat* e do *Google Scholar*.

¹⁹ A lista bibliográfica em anexo foi organizada cronologicamente.

histórica comentada no início do capítulo anterior: viagens de lazer, com descrições e excursões pela Ilha oitocentista, aparecem no primeiro guia existente nos acervos da Região, publicado pela casa editora G. Woodfall e datado de 1810. A obra mais antiga existente nas nossas estantes, com conteúdos sobre a história natural, a flora e fauna madeirense, data de 1811, pela escrita de William Gorlay. O exemplar mais vetusto dedicado unicamente ao clima e meteorologia da Ilha foi escrito por James Mackenzie Bloxam e data de 1855. Exposições de uma época e uma história de relações luso-britânicas, numa ilha que não deixou muitos escritores indiferentes. Facto refletido, igualmente, em livros que abordam a história da religião protestante na Madeira, o mais antigo datado de 1844 ou a contribuição do Dr. Robert Reed Kalley com um livro de 1875, em língua portuguesa, publicado pela tipografia Luso-Britannica. Uma ilha, uma segunda casa para muitos construírem negócios, experiências que merecem ser recontadas na obra *Bolton Letters. The Letters of an English Merchant in Madeira, 1695-1714*, de William Bolton, somente publicada em 1928.

Apesar da nossa investigação recair somente sobre a literatura do século XIX, adicionamos à lista obras publicadas até 1959. Deste modo, abrimos um espaço de reflexão sobre a evolução da literatura de viagens neste pequeno conjunto do século XX, as quais começam a ornar a Madeira como destino turístico de lazer, com conteúdos atraentes ao viajante moderno. Trata-se de publicações que mencionam os fabulosos jardins da Ilha, como *The garden interests of Madeira* de Michael Comport Grabham publicado em 1926 ou *The English church in Madeira now the church of the holy and undivided trinity: a history*, de H. A. Newell, datado de 1931, fazendo chegar à contemporaneidade a “História das relações internacionais” (Guyard, 1951, *apud* Brunel, 2004, p.34), na Ilha da Madeira.

Embora não tenha sido um indicador utilizado na nossa pesquisa, torna-se relevante informar que muitos destes livros de acesso reservado já se encontram digitalizados pela Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL) no âmbito da sua missão de disponibilização do conhecimento. Uma circunstância que torna possível a leitura e acesso a estes documentos, de forma fácil e de qualquer localização geográfica.

De igual modo, é importante referir que o Catálogo Coletivo das Bibliotecas da Madeira (CCBM) se encontra em constante atualização, agregando registos de novas bibliotecas cooperantes. Atualmente, da Rede Regional de Bibliotecas Públicas da Região Autónoma da Madeira fazem parte bibliotecas municipais, bibliotecas escolares,

bibliotecas especializadas e Centros de Documentação, pelo que em futuras pesquisas poderão surgir novos exemplares em diferentes localizações.

No que concerne ao arco cronológico elegido, desta feita, a nossa análise recaiu somente sobre as publicações até 1900, em concordância com o âmbito de estudo da nossa dissertação.

O propósito desta primeira abordagem foi perceber quantos exemplares de Literatura de viagens sobre a Madeira existem à guarda das bibliotecas públicas da Região, de modo a fundamentar o seu valor histórico e cultural, deixando à consideração uma seleção de fontes imprescindíveis para a construção de um diálogo intercultural em futuros estudos académicos. Para melhor apresentar a nossa análise, distribuimos os nossos indicadores no Gráfico 1 em anexo.

A informação recolhida apresenta uma perspetiva dos títulos recolhidos na Tabela 1, ao qual adicionamos informação sobre as bibliotecas que contêm exemplares nos seus catálogos bibliográficos. Deste modo, podemos verificar nas colunas azuis, respeitantes à Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL), um conjunto de 46 registos totais em catálogo e nas colunas laranja, pertencentes à Biblioteca Municipal do Funchal (BMF), somam-se 43 exemplares da lista inicial. Ambas as instituições contabilizam o total de livros 89 existências na Região Autónoma da Madeira (RAM), (coluna verde). Trata-se das únicas instituições, até à data da nossa pesquisa, que possuem exemplares dos títulos inventariados.

A distribuição dos títulos pelos dois acervos não é equilibrada, sendo que alguns registos bibliográficos existem somente no acervo da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL) e outros só no catálogo da Biblioteca Municipal do Funchal (BMF), uma circunstância que causa obstáculos no processo de preservação destes livros, uma vez que nem todas as instituições têm as mesmas condições físicas e financeiras para acondicionar e preservar estes documentos raros.

Não obstante, alguns títulos são partilhados por ambas as instituições. O título com o maior número de existências na Região perfaz o número (7) e trata-se do livro *Madeira: its scenery and how to see it* (1882) de Ellen Taylor. A restante bibliografia distribui-se pela Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL), e pela Biblioteca Municipal do Funchal (BMF), preenchendo em alguns casos um total mínimo de um único livro a nível regional.

O resultado da nossa auscultação vem fundamentar a importância de sustentar tais obras. É imperativo a continuação da aposta do seu acondicionamento regulamentar nos

arquivos, bibliotecas e na sua digitalização, de modo que os exemplares impressos possam resistir aos sinais do tempo, pois fazem parte de um acervo que “contém a memória de um povo e a memória [...] é a ferramenta com a qual se recorda o passado e com a qual construímos o futuro” (Caetano, 2017, p. 51).

De modo a entender o eco da literatura de viagem nos catálogos europeus, realizamos uma indagação ao catálogo coletivo mundial *WorldCat (Libcites)*, e para aferirmos a sua divulgação no panorama científico e acadêmico, estendemos a nossa pesquisa ao *Google Scholar (Libcitations)*. É importante mencionar que nem todas as bibliotecas são cooperantes do *WorldCat*, pelo que a nossa investigação nos proporcionará somente uma visão geral da distribuição desta bibliografia pelas instituições europeias.

O princípio de pesquisa teve por base unicamente as publicações até 1900, inseridas na Tabela 1. No entanto, uma vez que a faixa tem um total de 46 livros inventariados e o que pretendemos realmente é analisar a ventura comportamental desta literatura na Europa, reduzimos a nossa pesquisa a título de exemplo, confinando a observação a cinco títulos pelo que apresentamos os resultados no Gráfico 2, em anexo.

No *WorldCat (Libcites)*, a pesquisa incidiu sobre os livros impressos e com a mesma edição dos exemplares inseridos no nosso mapeamento original, cujos resultados se encontram nas colunas azuis. Números que, tendo em conta um arco cronológico de mais de 200 anos, nos remetem para a raridade destes volumes e a importância da preservação desta literatura, como também a urgência numa aposta de reedição de tais produções.

Tratando-se de uma análise ao contexto europeu/ mundial, e uma vez que o conceito de livro raro e valioso para uma comunidade dependerá da tríade autor/título(assunto)/país, a nossa análise corre o risco de ser alvo de apreciação. No entanto, um livro de mil oitocentos terá sempre um grande valor histórico, sendo relevante informar que os resultados obtidos são maioritariamente de geografias europeias (Reino Unido, Portugal e de uma biblioteca alemã).

Um dos principais modos de eternizar um autor ou um livro é efetivamente através da sua leitura e estudo. São com os relatos, narrações de acontecimentos passados, que construímos a nossa História e formamos uma identidade coletiva, como menciona Astrid Erll (2009): “Communities ritually renarrate events of a distant past, in order to represent shared values and shape cultural identities” (Erll, 2009, p. 212).

Neste sentido, a nossa indagação recaiu sobre as citações destes autores e títulos. Os resultados obtidos da base de dados *Google Scholar (Libcitations)* encontram-se distribuídos pelas colunas laranjas. Ao aplicarmos o mesmo critério cronológico da análise anterior, em 200 anos, poucas foram as reflexões sobre esta literatura selecionada, pelo que urge incentivar à investigação, estudo e leitura desta bibliografia sobre a Madeira.

Consideramos, assim, ser uma interrogação necessária de forma justificada para trazermos à contemporaneidade estas literaturas como uma experiência histórica e cultural. Atualmente, quase todos estes livros podem ser consultados em livre acesso, uma conquista do mundo digital contemporâneo, proporcionando-nos a oportunidade de estabelecer um vínculo entre o passado e o presente, e, a partir daí, não só produzir um diálogo com a atualidade, acrescentar valores, formular sentidos à ação humana, como também construir e preservar a nossa identidade de ilhéus, já que estes livros são uma visão do “outro” sobre “nós”.

Estas obras nos depósitos das bibliotecas, sem serem lidas, invertem-se em peças de museu, mas com a tecnologia do lado do homem, o acesso ao conhecimento estará mesmo atrás de uma porta como menciona George Steiner (1992): “Fá-lo-emos com a lucidez desolada, que a música de Bartok prodigiosamente nos comunica, porque abrir portas é o trágico preço da nossa identidade” (Steiner, 1992, p. 141).

1.2. *A Sketch of Madeira* (1851) de Edward Vernon Harcourt: pelo seu valor cultural, histórico e literário

A Sketch of Madeira (1851), por Edward Vernon Harcourt, é uma obra com especial importância nos estudos culturais e insulares, que abarca nas suas páginas assuntos contextualizantes de uma época histórica e identificadores da cultura madeirense, permitindo não só construir um diálogo comparatista do encontro entre dois povos, como também verificar em Harcourt uma experiência insular naturalista da Madeira, como menciona Augustin (2006):

A Literatura de viagens textualiza a travessia das fronteiras, tanto geográficas quanto interculturais e interdisciplinares. Ela representa olhares diferentes, distanciados que alimentam a memória e os imaginários culturais” (Augustin, 2006, p. 1).

De igual modo, seguindo a reflexão de Vilma L. da Fonseca (2001), podemos afirmar que *A Sketch of Madeira* (1851) se configura como uma obra proporcionadora de um estudo interdisciplinar, expressando nas suas páginas pegadas científicas, geográficas, históricas, sociológicas, antropológicas e psicológicas da Ilha da Madeira de novecentos.

À parte desta transdisciplinaridade, a importância da preservação e divulgação deste livro é igualmente suportada por um estudo documental bibliográfico, nas mesmas bases de dados, à semelhança do que apresentamos no capítulo anterior.

Com base na nossa pesquisa, observamos a existência de apenas três exemplares desta obra na Região Autónoma da Madeira, atualmente à guarda da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL), como podemos verificar no Gráfico 3 em anexo.

A realidade do seu comportamento a nível europeu, Gráfico 4, mostra-nos que nas bibliotecas europeias existem atualmente 26 exemplares desta edição. Quanto aos estudos em que o livro foi citado, o resultado mantém-se desanimador, uma vez que a obra foi referida somente em 32 publicações. Tendo em conta o arco cronológico de mais de 200 anos, é efetivamente um número reduzido. De modo a podermos auferir quando surgem as primeiras referências à obra em estudo, resumimos a nossa pesquisa no Gráfico 5, em anexo.

Do ponto de vista cronológico, verificamos que *A Sketch of Madeira* (1851) foi citado entre os anos de 1992 e 2022, de uma forma intermitente. Esta circunstância justifica-se pela entrada da obra em Domínio público e sua subsequente disponibilização *online*, também como o parco número de exemplares analógicos distribuídos pelas 26 bibliotecas, Gráfico 6, e provavelmente pela sua condição de “Documento Reservado”. Refira-se que o acesso à leitura desta obra só acontece em finais do século XIX e inícios do século XX. Embora não faça parte do diagrama, gostaríamos de informar que as 32 publicações se dividem em 21 artigos científicos e 11 livros, 4 dos quais são Dissertações de Mestrado e 1 Tese de Doutoramento.

Um dos indicadores considerados para este estudo bibliométrico foi construído para estimar as áreas de conhecimentos e os países de publicação destes artigos e livros. Assim sendo, na nossa análise, organizada no Gráfico 6 em anexo, constatamos que *A Sketch of Madeira* (1851) foi referenciado em 18 trabalhos científicos da área das Ciências Exatas e 13 nas Humanidades. Atendendo que Edward Vernon Harcourt era naturalista, e a sua obra tem muitas alusões à flora, fauna e aves endémicas madeirenses,

é natural que as Ciências Exatas estejam na dianteira das citações. Quanto aos países de publicação, podemos aferir que as obras e estudos publicados situam-se essencialmente na Europa, contando a Ilha da Madeira com 9 das 32 publicações, 5 da área das Humanidades e 4 das Ciências exatas, seguido do Reino Unido com 7, 3 das Ciências exatas e 4 das Humanidades. Não deixa de ser curioso e interessante constatar que em finais do século XX e inícios do século XXI, a Madeira e o nosso *corpus* seja mencionado em três continentes distintos, com estudos em países como a Alemanha (2), Itália (1), Espanha (4), Estados Unidos da América (4) e Austrália (1).

A todas estas particularidades, acresce o facto de *A Sketch of Madeira* (1851) possuir um valor considerável no mercado livreiro. Após uma pesquisa por livrarias *online*, encontramos na Livraria Castro e Silva²⁰ em Lisboa a mesma edição à venda por 1200 euros.

Harcourt teve o cuidado de contextualizar a importância do livro. A parca informação sobre a Ilha da Madeira no Reino Unido torna esta publicação uma mais-valia, como podemos ler:

In presenting to the public the following pages, the compilation of which has afforded me amusement during many leisure hours. I am encouraged to hope they may be acceptable, rather from the general lack of available information concerning an island becoming daily of more importance as a place of sanatory resort, than from any merit of their own. [...] Should these pages prove useful to any that are intending to visit Madeira, or are otherwise interested in it, (Harcourt, 1851, pp. vii-viii)

Numa tentativa de justificar o valor cultural, histórico e literário do nosso *corpus*, fazemos agora uma apreciação, seguindo as orientações propostas por George Alão (1997).

Através do título *A Sketch of Madeira; containing information for the traveller, or invalid visitor*, conseguimos identificar a tríade de um diálogo: emissor – mensagem - recetor, pois trata-se de uma obra escrita por um autor de nacionalidade inglesa, o assunto é a Ilha da Madeira, escrita em língua inglesa, pelo que é destinada a um público inglês. Logo à partida, apresenta-se como uma oportunidade com várias reflexões passíveis de ser investigadas: relações entre diferentes nacionalidades, diálogos, lugares, gentes.

²⁰ Vide <https://www.castroesilva.com/store/sku/1311JC068/a-sketch-of-Madeira>

O dístico remete-nos igualmente para o “*the traveller*”, aquele que escreve sobre um lugar em forma de recordações, da sua experiência, procurando provocar curiosidade no leitor. Harcourt apresenta-se como viajante que descreve a Madeira como destino perfeito para passar os meses mais frios do inverno europeu. O modo como descreve a Ilha orienta-nos para uma viagem tridimensional, convidando o leitor para “three tours simultaneously: abroad, into the author’s brain, and into his own” (Fussel, 2001, p. 106).

De igual modo, a estrutura da obra orienta para o seu conteúdo. Dividida em seis capítulos, Harcourt reúne informação sobre diversas áreas do saber: a história e descrição da Ilha, informações como chegar à Madeira, o clima, a flora, a fauna, a agricultura, informações geológicas, os costumes, as diversas instituições de saúde, educação e lazer, entre outras, temas que descrevem um povo e constroem a sua identidade.

Ao começar a leitura, deparamo-nos com um discurso informativo, pelo que esperamos uma certa subjetividade no discurso por parte do autor. Todavia, o autor surpreende o leitor com uma comunicação repleta de exposições sobre a Ilha numa prosa poética, fluída numa “diversidade de discursos como textualização do olhar de múltiplas perspetivas do viajante” (Augustin, 2006, p. 1).

Edward Vernon Harcourt foi um naturalista e político britânico, nascido a 1825 em Oxfordshire, filho do eclesiástico e cientista William Vernon Harcourt, que influenciou o seu interesse pelas ciências naturais. Segundo Frank James (2013), William Vernon Harcourt fundou a *British Association for the Advancement of Science* em 1831. A sua carreira política ganha destaque entre 1878-1885, na *House of Commons* (1886), como membro parlamentar pelo partido conservador, contribuindo para muitas leis em prol de um Reino Unido cosmopolita. Em 1875 foi nomeado Juiz de Paz de Berkshire e Sussex e também como Vice-tenente para Oxfordshire. Em *Debrett’s illustrated Heraldic and biographical House of Commons and judicial bench*. (1886), podemos ler:

Edward William Harcourt, el. son of the late Rev. William Harcourt, of Nuneham Park, Oxfordshire, by Matilda Mary, da. of the late Col, William Gooch, and grandson of the late Most Rev. Edward Harcourt, Archbishop of York, and gt. -grandson of the 1st Baron Harcourt, whose estates he has inherited; b. 1825; ed. at Ch. Ch. Oxford: m. 1849, Lady Susan Harriet Holroyd, only da. of 2nd Earl of Sheffield; is a J. P. for Berks and Sussex, and a J. P. and a D.L. for Oxfordshire (High Sheriff 1875); is Hon. Col. 3rd Vol. Brig. Cinque Ports Div. R.A.; was a member of Royal Commn. for organizing the Volunteer Force 1862, and was 15 years Pres. of National Artillery Association. A

Conservative-, sat for Oxfordshire Feb. 5th, 1878, to Nov. 1885; has sat for S., or Henley, Div. of Oxfordshire since Dec. 1885. (Debrett, 1886, p. 71)

Harcourt casou com Lady Susan Harriet Holroyd, em 1849, com quem teve duas filhas, tendo falecido em 1891.

Segundo Luís. P. Clode (1949), Rui Carita (2020) e Elisabete Rodrigues (2019), a Ilha da Madeira não era propriamente desconhecida para Edward Vernon Harcourt, uma vez que a sua família costumava passar o inverno na Madeira. De igual modo, Harcourt era um aficionado das publicações sobre a Ilha divulgadas em jornais britânicos. A sua vertente naturalista incidia particularmente na fauna e flora da Madeira, razão pela qual passou largas estâncias na Ilha entre “outubro de 1847 a abril de 1848 [...] de novembro de 1848 a maio de 1849” (Carita, 2020). Após casar com Susan Vernon Harcourt, viajou para a Madeira por mais duas vezes, regressando ao Reino Unido em abril de 1851.

A obra *A Sketch of Madeira* (1851) é dedicada à sua sogra, a Condessa de Sheffield, que o acompanhou com a sua filha Susan na viagem à Madeira, como podemos ler na página da dedicatória “To Harriet Countess of Sheffield, this memorial of the beautiful island visited by her in 1848, is inscribed by her affection son-in-law” (Harcourt, 1851, p. 6). Estas são as informações que finalizam a biografia introdutória de quem descreveu uma ilha, sendo evidente a parca informação disponível sobre tão relevante visitante. Durante a nossa investigação tivemos alguma dificuldade em encontrar informações biográficas sobre o autor, as escassas disponibilizadas *on-line* tornam a sua biografia em língua portuguesa pouco desenvolvida.

Uma vez que o arquivo da família Harcourt se encontra à guarda da Biblioteca Bodleian da Universidade de Oxford, entrámos em contacto com a instituição de modo a tentar encontrar mais informações sobre Edward Vernon Harcourt e Susan Vernon Harcourt. Recebemos por parte dos funcionários desta instituição dois catálogos sobre a documentação da família e respetivas informações para podermos requerer os documentos, que são de consulta presencial. No entanto, dado o curto espaço para a investigação e redação da nossa dissertação, foi-nos impossível deslocar ao Reino Unido para consultar presencialmente os documentos e tentar conseguir mais informações relevantes para a nossa investigação. Não obstante, registamos a pronta resposta da Biblioteca e toda a informação disponibilizada, a qual ser-nos-á indispensável para futuras investigações.

Ao abordar cronologicamente *A Sketch of Madeira* (1851), o leitor é confrontado com a experiência de uma ilha de um outro século e o reflexo que esta teve sobre o autor. Inserida no subgênero de literatura de viagens, a obra é publicada em 1851 pela editora John Murray, aparentemente como um guia de viagem dedicado a possíveis viajantes da sociedade britânica, à procura de um retiro para recuperar.

Não obstante, após a leitura e análise do livro, como teremos oportunidade de explanar nos capítulos seguintes, observaremos como Harcourt consegue transmitir mais do que simples informações sobre a Ilha. Veremos como *A Sketch of Madeira* ultrapassa um “guia de viagens”, tentando colecionar aficionados de viagens. Como menciona Paul Fussel (2001):

A travel book, at its purest, is addressed to those who do not plan to follow the traveler at all, but who require the exotic or comic anomalies, wonders, and scandals of the literary form *romance*, which their own time or place cannot entirely supply. Travel books are a sub-species of memoir in which the autobiographical narrative arises from the speaker’s encounter with distant or unfamiliar data, and in which the narrative – unlike that in a novel or romance – claims literal validity by constant reference to actuality. (Fussel, 2001, pp. 105-106)²¹

Assim, esta obra apresenta-se com um olhar atento sobre a Ilha da Madeira pelo seu viajante. Harcourt abandona a subjetividade inerente àquele que se dedica somente a informar sobre os percursos, restaurantes ou locais de interesse, para um aficionado da Madeira. Através de uma escrita fragmentada dentro da narrativa, típico da literatura de viagens do século XIX, o autor revela-se “num registo a todo o momento interrompido para acolher um discurso de pendor reflexivo” (Outeirinho, 2008, p. 312), saltando das informações sobre a ilha para “o desvanio poético” (Outeirinho, 2008, p. 312) sobre a paisagem da Madeira.

De igual modo, as suas deslocações pela Ilha, com momentos de interrupção e contemplação paisagística, marcam o ritmo da escrita do autor, que parece, no contexto da obra, “cumprir um papel de afirmação cultural” (Augustin, 2006, p. 13), envolvendo o leitor numa descrição romântica, através de um discurso revelado no corpo do texto com recurso a adjetivação e prosa poética. Como menciona Maria Alzira Seixo (1998):

²¹ O itálico faz parte do texto original.

O acentuar da paragem na deslocação (ligando a viagem muito mais a um ritmo do que a um impulso, sobre quando se trata de várias paragens, e por isso tornando-a consentânea da existência humana e decalcando-a na respiração do quotidiano) faz com que uma parte assinalável da literatura de viagens pouco tenha, de facto, a ver com elas, e seja muito mais um resultado, ou uma consequência, do que um processo ou sequência. (Seixo, 1998, pp. 22-23)

Harcourt devolve o texto ao leitor, envolvendo-o com uma narração idílica, convidando-o a parar e a contemplar a paisagem, a entrar na Ilha e nela permanecer. Por isso, apresenta o leitor a personalidades madeirenses, descreve os habitantes e os costumes, numa pluralidade linguística fática e minuciosa, permitindo ao leitor deslocar-se numa leitura ao encontro de “dinâmicas culturais [que] confrontam com a cultura de pertença do viajante” (Outeirinho, 2008, p. 312),

Pierre Bordieu (1991) refere que “every speech act and, more generally, every action, is a conjuncture, an encounter between independent causal series” (Bordieu, 1991, p. 37), sendo que a língua se torna um meio proporcionador de aproximação entre duas culturas.

Neste contexto, ao longo da obra o leitor depara-se com termos madeirenses em itálico no corpo do texto, tal como: “a *rábo*, as they call it, or a cow’s tail fastened on to the end of a stick [...]” (Harcourt, 1851). Trata-se de uma particularidade literária denominada “Languaging”²² (Bazenga, 2019, p. 333), como refere Aline Bazenga (2019) e Gloria Cappelli (2013), com a qual o autor assume uma função social ao fornecer ao leitor termos no idioma local, com o objetivo de incluir o leitor no quotidiano madeirense e a familiarizar-se com a língua. De acordo com Gloria Cappelli (Cappelli, 2013), “Languaging” (Cappelli, 2013, p. 353) é muito usado no discurso turístico, está intimamente “connected with local culture” (Cappelli, 2013, p. 355) e transmite ao leitor “linguistic sense of place” (Cappelli, 2013, p. 353). Assim sendo, a utilização de palavras portuguesas no corpo do texto vem permitir um encontro através da língua, como menciona Giuseppina Cortese “International communication [...] encounters taking place in intercultural settings” (Cortese & Duszak, 2005, p. 12).

²² Segundo Aline Bazenga (2019), *Languaging* no discurso turístico, tal como explorado por Gloria Cappelli (2013) define o uso de ‘foreign words in a text’ e, mais especificamente, ‘the use of local language in tourism material’ (Bazenga, 2019, p. 333). De igual modo, *languaging* tem uma “função sociopragmática [...] de fornecer ‘cor local’, como observado por Boyer e Viallon, para quem este processo consiste na utilização de ‘foreign words to provide local colour or to flatter the pseudo-linguistic abilities of the reader’” (Cappelli, 2013, p. 353).

Transferindo para a atualidade, a leitura de *A Sketch of Madeira* (1851) permite recolher uma série de informações resgatadas pelos estudos históricos e culturais insulares. Ao refletir sobre como é a vida numa ilha obriga a aferir e a repensar políticas sociais, culturais e efetivamente económicas.

Para Luísa Marinho Antunes (2010), a literatura e os vários géneros literários são fontes primárias relevantes para a construção da memória cultural. Segundo a investigadora:

A literatura pensada como parte integrante da cultura [...] deve ser entendida justamente como um dos seus modelos de sobrevivência, da dinâmica de disseminação e frutificação que a caracterizam. (Antunes, 2010, p. 191)

Transpondo esta fundamentação para a obra que compõe o *corpus* da nossa dissertação, podemos afirmar que um livro de literatura de viagens sobre a Madeira poderá oferecer ao leitor contemporâneo muito mais do que uma viagem pela Madeira de 1851.

Segundo Godfrey Baldacchino, Elain Stratford e Elizabeth McMahon (2023), a leitura ou estudo de uma ilha justifica-se pela sua “spectacular diversity of natural and cultural forms” (Stratford, Baldacchino, & McMahon, 2023, p. 8). A este facto acresce alguns dos objetivos da nossa dissertação: contribuir para a divulgação desta literatura de viagens sobre a Madeira, colaborar para construção da memória passada da Ilha através da História e revelar um diálogo cultural entre o Reino Unido e a Madeira.

Harcourt dá-nos a oportunidade de verificar não só a construção de um diálogo cultural sobre a Madeira, mas também a descrição de uma Ilha, das suas montanhas, paisagens e a amostra de um quotidiano insular, como exprime Alberto Vieira (2016): “A ilha é a nossa referência oceânica” (Vieira, 2016, p. 2).

Fundamenta-se também uma reflexão sobre *A Sketch of Madeira* (1851) de Edward Vernon Harcourt, abraçando o discurso contemporâneo, abordando dilemas e crises atuais, como o debate ambiental, num estudo comparativo com o ano de 1851, como nos propomos fazer no próximo capítulo.

1.3. *A Sketch of Madeira (1851)* de Edward Vernon Harcourt à luz das Humanidades Ambientais

Roland Barthes (1987) defende que toda a história de vida revela “um gosto de toda a nossa civilização pelo efeito do real” (Barthes, 1987, p. 130), tendo a literatura um papel fulcral em desvendar o que às vezes se encontra subentendido.

Um livro e o seu autor têm a capacidade de destapar estas janelas e iluminar tudo o que está por trás de uma fila de linhas. Por vezes, em contextos cronológicos díspares, existe em cada texto temáticas que permanecem atuais através do tempo. Daí que o cânone se alimente não só de autores, mas também de temas capazes de desenvolver ou contribuir para os diversos debates.

Uma vez o texto escrito e publicado, cabe ao leitor procurar nas diversas páginas quadros, discursos e debates do quotidiano. Esteja esta literatura situada em épocas históricas distantes ou de diferentes nacionalidades, existe em cada livro a potencialidade de abordá-lo numa perspetiva contemporânea, como também a capacidade de estabelecer um conjunto de ligações, provocar e desconcertar sentidos. Uma onda de configurações que obrigam o leitor a sentir, a questionar e a mostrar a realidade que o envolve.

É esta a habilidade da literatura e das Humanidades nas suas diversas áreas, enquanto a “ ciência descreve as coisas tal como são, a arte tal como são sentidas; tal como se sente que são” (Pessoa, 2018, p. 53), um prodígio que incumbe à teoria de literatura a obrigação de se expandir nos panoramas dos estudos humanos e através de uma análise comparada trazer ao debate o que está muita vezes implícito nos números, nas estatísticas ou em qualquer outro campo tocado somente pela racionalidade.

Fronteando os desafios contemporâneos, é nosso propósito, com esta dissertação, contribuir para a cimentação de uma nova vertente parceira de investigação no ramo das Humanidades. Numa abordagem transversal e multidisciplinar, pretende-se construir uma ponte entre o passado e o presente no que concerne as relações humanas com o ambiente, nomeadamente, com o mar e a paisagem. Através de uma abordagem metodológica reflexiva, pretendemos estabelecer uma leitura do *corpus* à luz das novas ciências humanas ambientais, as denominadas *Blue Humanities* (Mentz, 2024) ou “Humanidades Azuis”, que cooperam com uma posição agregadora e pedagógica no debate ecológico.

O mar, pelo seu relevante papel no equilíbrio do ecossistema, tornou-se um dos temas principais das denominadas “Humanidades Azuis”, que, através das suas

disciplinas científicas, refletem sobre a forma de sensibilizar a ação humana. As Humanidades, a partir dos seus estudos culturais, literários e históricos, ocupam um lugar significativo neste discurso ambiental, pela função de contar, descrever, preservar a História, a memória e a identidade dos povos. Como afirma Ana Margarida Godinho da Fonseca (2012):

Pela importância da memória na representação das identidades é fundamental prestar uma especial atenção às formas como os sujeitos, comunidades e nações se pensam a si mesmos, numa relação dinâmica com o que foram, o que são e o que projetam vir a ser. O acesso ao passado não se faz de modo inocente, recuperando ‘algo’ que já lá está, pois, o trabalho de memória implica representação e reinterpretação. (Fonseca, 2012, p. 24)

Torna-se assim relevante o papel das Humanidades. Ao investigar e reinterpretar o passado, estará a estabelecer um estudo cultural de uma época e assim a contribuir para preservar e imortalizar um período.

Ao estabelecer uma ponte entre passado e presente estará também a confrontar duas épocas, do mesmo espaço, em que as relações homem/paisagem/mar são distintas das da atualidade. Uma comparação que obriga à reflexão e subtilmente lança um apelo para uma mudança no comportamento humano em relação ao mar e ao ambiente.

Para tal, através da escrita de Edward Vernon Harcourt em *A Sketch of Madeira* (1851), buscaremos fazer uma leitura das “Blue Humanities” como disciplina, evidenciando “a síntese expressiva e dinâmica de vida, [...] o diálogo de uma comunidade com uma natureza com traços específicos, peculiares e diferenciados” (Bonesio, 2012, p. 204). Tentaremos analisar como o olhar observador de Harcourt sobre a Ilha se poderá aproximar deste recente campo de estudo, procurando na descrição que faz da Madeira exemplos de uma coexistência harmoniosa entre a natureza, o mar e os seus habitantes.

Ao explorarmos o *corpus* da nossa dissertação, a partir de estudos relacionados com as ciências naturais, destacando a relação dos habitantes com o mar, a paisagem marítima e natural da Ilha, estaremos a contribuir não só para a sensibilização da necessidade de preservar a paisagem e o património natural da Ilha da Madeira, mas também a evidenciar os elementos naturais, que formaram a identidade e cultura insular. Como menciona Isabel Fernandes Alves (2024):

explorar sobretudo o mundo natural onde as relações sociais se cruzam com os ecossistemas naturais, tentando compreender de que modo o humano e o ecológico dialogam no microcosmo. (Alves., 2024, p. 67)

O termo *Blue* surge relacionado com as Humanidades pela primeira vez nos anos de 1940, pela escrita do humanista, ensaísta e escritor turco Cevar Şakir Kabağaçlı, sob o pseudónimo de “Fisherman of Halicarnassus” (Oppermann, 2013, p. [1])²³. Segundo Serpil Oppermann (2023), Fisherman criou o termo “Blue Anatolian Humanism” (Opperman, 2023, p. 2), tornando-se num movimento que vem justificar a construção de uma narrativa popular nacionalista na literatura de viagens turca. O mar surge como o elemento que define a identidade mediterrânica da Península de Bodrum, uma povoação onde Fisherman se encontrava exilado. Através da sua literatura de viagens, escreve sobre este lugar com “the earth’s colorful palette” (Oppermann, 2013, p. [1]), como relata Opperman:

Fisherman articulates the vibrancy of the electromagnetic spectrum of life around him in such lyrically written “onto-tales” that he creates a color-conscious discourse anticipating the ethical and narrative spaces of ecology colors. (Oppermann, 2013, pp. [1-2])

A narrativa que Fisherman constrói para descrever a paisagem, a povoação, a cultura peninsular é ornada por uma linguagem estética, com sentido patriótico e nacionalista. A natureza e as suas cores causam um impacto visível na vida cultural do povoado, que constrói uma identidade baseada, segundo o ensaísta turco, nas civilizações antigas da Anatólia Ocidental. A cultura turca funde-se com a cultura ocidental, realidade que permanece até aos dias de hoje.

De igual modo, com uma reflexão construída à volta do mar mediterrâneo, chegamos a observação de Peregrine Horden e Nicholas Purcell (2006). Segundo os historiadores “[the] sea and ocean history is more novel than it sounds” (Horden & Purcell, 2006, p. 722), uma perspetiva que atribui ao mar e ao oceano um significado maior do que um simples elemento do planeta, já que ocupa a maior superfície do globo terrestre.

²³ O artigo publicado não apresenta números de páginas. No âmbito da dissertação e para fins de citação, as páginas e os números serão apresentados entre parênteses retos.

Horden e Purcell (2006) defendem o estudo da história do mar e dos oceanos, afirmando que essa investigação vai além da sua configuração biológica, geográfica e da sua oposição à terra ou aos continentes. Analisar a história do Oceano é desvendar o “myth of Continents” (Horden & Purcell, 2006, p. 723). De acordo com os autores, os continentes têm sido erradamente defendidos por muitos historiadores como os maiores contribuidores para o desenvolvimento social.

Para Horden e Purcell (2006), a paisagem e o mar Mediterrâneo são sinónimos de mobilidade e comunicação, pois o oceano é o maior difusor, identificador da cultura e identidade mediterrânica ao longo dos anos. O mar Mediterrâneo tem uma história cultural associada a uma paisagem ímpar, a uma cultura individual e a uma identidade singular, influenciando continentes vizinhos, como mencionam: “The Mediterranean is indeed ‘out there’, and not only in the limited sense that it is a stretch of water. It exists as something ‘we say’, as a subject of various ‘discourses’” (Horden & Purcell, 2006, p. 726).

Hester Blum (2013), no seu artigo “Introduction: oceanic studies”, refere que o mar tem um papel importante nos estudos culturais e das sociedades através do tempo, mencionando que “the sea should become central to critical conversations about global movements, relations and histories” (Blum, 2013, p. 1). Os estudos oceânicos ganham assim destaque nas investigações de intercâmbio cultural, pois a história relata-nos que é através do mar que se estabelecem economias, domínios de civilizações e mobilidades humanas.

John R. Gillis (2013) foi pioneiro na reflexão sobre os estudos do mar no Ocidente contemporâneo. No seu artigo intitulado “The Blue Humanities”²⁴, para a revista *Humanities* defende que: “In studying the sea, we are returning to our beginnings” (Gillis, 2013). Como um interessado na epistemologia das ilhas, teve, com os seus estudos, o objetivo de traçar uma linha cronológica da relação do homem com o mar e com a orla costeira, numa “Historization of the Oceans” (Mentz, 2023, p. 144), que culmina na publicação de dois livros: *Islands of the Mind: How the Human Imagination Created the Atlantic World* (2004) e *The Human Shore: Seacoasts in History* (2012).

Como menciona o autor, no século XV, a História conta-nos que os portos e os oceanos eram puramente veículos de expansão e descoberta para o homem, não possuindo qualquer vínculo simbólico para a Humanidade: “Before the 19th century attitudes

²⁴ Artigo publicado na *Revista Humanities*. No âmbito da dissertação e para fins de citação, uma vez que o artigo não tem números de página, mencionaremos somente o autor e o ano.

towards the ocean were more utilitarian than aesthetic” (Gillis, 2013). Do mesmo facto histórico dá-nos conta Ana Catarina Abrantes Garcia (2023), quando refere:

No espaço atlântico, as ilhas da Macaronésia foram de especial relevância dada a sua posição estratégica para o apoio à navegação transformando-se em extensões do próprio espaço continental para onde foram transferidas estruturas administrativas bem como os modos de vida de uma sociedade já tardo - medieval. (Garcia, 2023, p. 1)

A migração da população do interior para a orla costeira levou a que o retrato paisagístico do litoral se modificasse ao longo dos anos, com a construção de infraestruturas e de um aglomerado de moradias que invadem um anfiteatro natural, como menciona Gillis:

Coasts have changed more than any other feature of the landscape. Not only the colonization of the coast by interior people drastically altered marine environments, but it has utterly transformed the natural of the coastal communities. (Gillis, 2012, p. 1)

Com a Revolução Industrial no século XIX, na literatura europeia começam a surgir temáticas relacionadas com a complexidade e a tensão da vida moderna, provocada por uma sociedade impulsiva e marcada pelas horas do relógio, na qual não há espaço para o sentir, mas apenas para cumprir tarefas. Descontentamentos da vida citadina são plasmado em obras de escritores e artistas da época, como aponta Gillis (2013):

The seascapes, once a minor genre in art history, focused mainly on ships and harbours, took on new interest when 19th century painters like J. M. W. Turner and Winslow Homer pioneered the representation of light and movement on canvas (Gillis, 2013)

Torna-se notório a mesma atitude em relação às transformações das orlas costeiras, surgindo no homem uma cultura da natureza e do mar, a “cultural turn to the sea”, como indica Gillis (2013).

Um novo entusiasmo em relação ao oceano faz surgir em autores, como Herman Melville, Jules Verne, Daniel Defoe, Joseph Conrad, entre outros, uma visão romântica das ilhas, da costa marítima e do mar. Privilegia-se o imaginário e o mitológico, preenche-se narrativas com aventuras, publicam-se livros que se apresentam ao leitor como um

subterfúgio da modernidade, argumentos explorados pela teórica de literatura comparada, Margaret Cohen (2010), no seu livro *The novel and the sea*.

De igual modo, ergue-se uma vaga de cientistas e naturalistas, cujos estudos passam a integrar obras como as de Literatura de viagens, fazendo surgir um novo substrato literário denominado “ecoliteratura” (Gillis, 2013), que origina no leitor uma consciência ecológica através destes originais oitocentistas.

Peter Hay (2002) apresenta o pensamento ambientalista no mundo ocidental logo após a Revolução Industrial. Segundo o investigador, o conceito ecológico ganha destaque no meio literário com o aparecimento da “Green Literature” (Hay, 2002, p. 3), enriquecida com as participações do Romantismo, tendo-se tornado numa “appalled reaction” (Hay, 2002, p. 5) à Revolução Industrial. Beneficiando do pensamento Iluminista, Hay (2002) refere que: “Enlightenment was the age in which science, as the application of human reason in its most rigorous form, came into its own” (Hay, 2002, p. 5), pelo que a razão aliada a uma visão defensora da natureza conferiu à literatura a oportunidade de contribuir com uma conspeção “holistic or integrated perception” (Hay, 2002, p. 6) no discurso ambientalista.

De acordo com Peter Hay (2002), a natureza surgiu como temática na literatura inglesa com os poetas do famoso grémio “Lake Poets”²⁵ (Hay P. R., 2002, p. 7), como Samuel Taylor Coleridge, William Wordsworth e Robert Southey, enquanto na literatura americana, a temática da paisagem, suportada pelo movimento do Transcendentalista fundado século XIX, viu-se representada nas poesias de Henry David Thoreau e Ralph Waldo Emerson, com o desígnio de que “nature is an aspect of God” (Hay, 2002, p. 7). É, pois, um movimento que coloca o pensamento ecológico em harmonia com o sentido da unidade entre o Homem e a natureza, como um ato divino, referindo mesmo que “living nature is a unity, from which humankind cannot be separated” (Hay, 2002, p. 6).

Na sua observação, Hay (2002) defende que o “key trigger to a green commitment is to be found in the battles to preserve ‘wilderness’ areas within such ‘New World’” (Hay, 2002, p. 12), desafiando o leitor para um discurso ambientalista capaz de se debruçar e contribuir para qualquer área da sociedade. No seu livro *Main currents in western environmental thought*, Peter Hay (2002), ao transpor o pensamento ambiental

²⁵Segundo Cuddon (1991) e Drabble (1995), “Lake poets” foi um termo aplicado aos autores Coleridge, Southey e Wordsworth, que viviam em Lake District no Reino Unido. As suas poesias seguiam um estilo próprio, não se integrando nas correntes de pensamento literário da época. De acordo com Cuddon, ficaram conhecidos como os fundadores da “Lake School or ‘Lakers’” (Cuddon, 1991, p. 480), sendo a sua escrita muito difundida nos jornais da época.

para a década de 70, fundamenta que estes estudos congregaram valores morais e éticos, desenvolvendo o seu objetivo através de disciplinas como a “Ecophilosophy” (Hay, 2002, p. 26), “Ecofeminism” (Hay, 2002, p. 72), “Religion” (Hay, 2002, p. 94) e “Green critique” (Hay, 2002, p. 120), valias que chegaram à contemporaneidade e ao discurso ecológico com conceitos que defendem a natureza, os animais, as florestas, os lugares, os indivíduos e os estudos culturais, ao mesmo tempo que modificam e constroem um discurso político mais sustentável e democrático.

Steve Mentz (2023), contemporâneo de Gillis, expõe o seguinte:

Drawing on disciplines from archeology, anthropology (...) as widely on poetry, painting, narrative, fiction (...) Gillis frames human cultural history around a series of discoveries of new global oceans”. (Mentz, 2023, p. 144)

Mentz começa a defender a formação de uma cátedra das Humanidades dedicada aos estudos ambientais, as designadas *Blue Humanities* (Mentz, 2024). O interesse de vários escritores e investigadores modernos pelo mar, inspirados pela sua “metaphorical vastness” (Mentz, 2023, p. 144), leva a que, através da literatura, novas janelas de estudos e investigação consigam despertar novas relações ecológicas e multiculturais no mundo moderno.

No que diz respeito à literatura de viagens, os itinerários pelo Atlântico possibilitam a compreensão de novas culturas fluídas, em ambientes que permitem repensar a relação do homem com o mar, como menciona Steve Mentz (2009):

Current trends in the maritime humanities are emerging out of, and in critical dialogue with, the recently established discourse of ‘Atlantic history’ (...) Literary scholarship can influence ongoing responses to the Atlantic world by insisting on the abiding role of poetic forms and fluid spaces. An understanding of Western culture in which the ‘seas were shifted from the margins to the center of academic vision’ can significantly transform traditional land-based, national histories. (Mentz, 2009, p. 999)

Contribuindo para esta debate, Serpil Oppermann (1987) teoriza que:

As relações entre o campo do conhecimento literário e político do futuro, o estudo da literatura na perspectiva da sua articulação com o meio ambiente encontra a sua plena justificação na avaliação política da atual crise global. (Oppermann, 1987, p. 7)

De acordo com Oppermann (1987), no discurso ambiental, a literatura, através da sua análise interpretativa da natureza, contribuiu com diferentes configurações para esta disciplina, apresentando-se com participações agregadoras para a crise global, sem nunca se insurgir como suprema. Abraçando um “horizonte hermenêutico no entendimento e interpretação do mundo da natureza e da literatura” (Oppermann, 1987, p. 17), deixa-nos a oportunidade de, através da linguagem utilizada nos diferentes géneros literários, relatar paisagens, mares, civilizações e suas relações, reescrever um novo posicionamento ecológico.

Oppermann (2023) relembra, igualmente, que ao longo dos anos a literatura desenvolveu narrativas sobre ilhas, natureza, a água e o mar, enchendo o imaginário humano com seres utópicos e mitológicos, mas também com viagens marítimas de expansões e aventuras, deixando um valioso contributo para que a humanidade se conciliasse com o mar e modificasse o modo como interage com o meio ambiente, desenvolvendo a capacidade de “thinking with the water” (Opperman, 2023, p. 1).

Tal como Mentz, Serpil Oppermann (2023) defende uma abordagem dos estudos culturais através da literatura, para fomentar os “Blue cultural studies” (Opperman, 2023, p. 3), cujo método objetivo reside nos estudos civilizacionais. Neste campo, a aproximação ao mar introduz-se na literatura como inspiração na construção de poemas, narrativas e romances, veículos que refletem não só a ação humana sobre os ambientes marítimos e terrestres, como também desvendam o mistério que o mar transporta.

Neste contexto, Katie Ritson (2020), no seu artigo para a revista *Humanities*, defende que a literatura comparada deverá assumir uma posição contributiva para os estudos ambientais. Ao realizar um estudo entre duas ciências opostas, ciências naturais e ciências sociais, estará a completar o discurso ecológico com factos históricos e culturais, para a criação de uma consciência ambiental. Em *The power of. Blue Comparative literature*, afirma: “Blue comparative practice, one that pushes us to use the vantage of water to look at land and how humans live in it” (Ritson, 2020, p. 11).

Michel P. Cohen (2004) contribui para este discurso ambiental, legitimando uma crítica com valor ecológico por parte da literatura, “Ecocriticism” (Cohen, 2004, p. 23). O autor considera que esta deve ser exigente na sua fundamentação e “examinar mais atentamente a qualidade da narrativa sobre o meio ambiente” (Cohen, 2004, p. 23). Através do estudo linguístico, estilístico e estético do texto escrito, consegue-se

identificar metáforas e pegadas ambientais, geralmente definidas por uma estrutura linguística própria.

Deste modo, através dos estudos culturais e da análise literária, torna-se possível investigar o tipo de linguagem utilizada para descrever paisagem e comportamento humano. A análise dos factos históricos, a descrição na diversa literatura de acontecimentos ou estados de lugares, como os dilúvios, a vida na zona costeira, a paisagem terrestre, o anfiteatro para o oceano e vice-versa, as viagens pelo mar, as redes de água, a simples descrição do clima, tornam-se arquétipos influentes para defender o papel e colaboração da literatura e dos estudos culturais no âmbito das ciências ambientais.

O livro de Rosi Braidotti (2019), *Posthuman Knowledge*, também contribui para enriquecer este debate. Braidotti (2019) explica o desenvolvimento das Humanidades ao longo dos anos como um reflexo da própria evolução humana.

Segundo a investigadora, o conhecimento nas áreas das Humanidades tem se metamorfoseado para ajustar-se aos sistemas e códigos da globalização. Uma sociedade ao desenvolver-se tende a tornar-se capitalista, circunstância que condiciona qualquer investigação a nível cultural, económico, político e social.

Assim, a produção do conhecimento predispõe um alargamento a outras áreas para além das Humanidades, provocando na produção do conhecimento uma certa subjetividade, desenvolvendo o pensamento crítico e dando lugar ao que a investigadora denomina de crítica “Posthumanities” (Braidotti, 2019, p. 100). Uma nova área das Ciências Humanas que se divide por diversos campos, no que concerne o discurso ambiental, como refere:

Ecological Humanities, Enviromental Humanities, subdivided into the Blue humanities, which study the seas and oceans, and the Green Humanities which focus on earth. also known as sustainable Humanities. (Braidotti, 2019, p. 100)

O mar e o verde das florestas juntam-se assim para contribuir para o discurso ambientalista, cooperando para a formação das Novas Humanidades que, em parceria com as ciências naturais, colaboram para a sustentabilidade do ambiente ao longo dos anos. Neste sentido, Braidotti e Casper-Hehne (2023) mencionam no seu capítulo *New Humanities* que:

the New Humanities are a sign of vitality and innovation and that their capital of knowledge and representation needs to be enlisted to public debates about the Anthropocene. (Braidotti & Casper-Hehne, 2023, p. 1)

Deste modo, as investigadoras trazem para o debate contemporâneo a necessidade de abraçar estas novas Humanidades para solucionar problemas emergentes e resultantes da globalização, enquanto confiam ao Homem a capacidade de renovar, evoluir e arquitetar novos campos de conhecimento, enriquecendo o discurso ambiental.

Para esta reflexão sobre as Humanidades ambientais chega-nos também a contribuição de Michel Collot (2012). No seu capítulo “Pontos de vista sobre a percepção de paisagens”, defende a importância da paisagem na literatura e a sua influência para os estudos culturais, históricos, sociais e sentido pedagógico ambiental.

Segundo Collot (2012), foi no Romantismo que a temática da paisagem ganhou na literatura um significado holístico designado como “estado de alma” (Collot, 2012, p. 12), proporcionando ao leitor um significado mais abrangente do espaço que o rodeia. O sujeito apercebe-se que a paisagem vai além do seu espaço físico, é mais do que um espaço estético, criando entre o sujeito e a paisagem uma reciprocidade. A paisagem envolve o sujeito com lirismo, fixando a consciência subjetiva sobre o espaço que o rodeia, ao ponto de querer preservá-lo. Collot (2012) relembra que “salvaguardar a paisagem é uma forma de reivindicar o lugar do sujeito num espaço cada vez mais objetivado e objetivante” (Collot, 2012, p. 22).

A paisagem torna-se assim mais do que um lugar geográfico no mapa, passando a ser um elemento capaz de definir culturas e territórios. Nesse sentido, com o objetivo de despertar uma consciência ambiental, Collot (2012) alerta que:

a paisagem do presente pode apagar práticas e relações sociais passadas por meio de profundas transformações na paisagem do passado, expressão fenoménica daquelas práticas e relações (Collot, 2012, p. 36)

De acordo com Collot (2013), estudar a paisagem através da literatura na contemporaneidade permite construir novos significados e reformular pensamentos, como refere:

reformatar não somente nossas maneiras de fazer e de viver, mas nossa forma de pensar, e, nessa perspectiva, a paisagem é também um procedimento estratégico. Não apenas um terreno de ação nem um objeto de estudo: promove o pensamento e o pensar de outro modo [...], um modelo para a invenção de um novo tipo de racionalidade, que denomino como “pensamento-paisagem.” (Collot, 2013, p. [5])²⁶

Surge assim a oportunidade de, através das Humanidades, dos estudos literários e culturais, fazer emergir no leitor a vontade de um pensamento em consonância com a paisagem, desdobrando-se numa consciência ecológica.

De igual modo, através da História, a paisagem ocupa um papel relevante para recontar uma época, pois, como Collot (2013) menciona:

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. (Collot, 2013, p. [8])

Ana Cristina Carvalho, Isabel Fernandes Alves e Ana Luísa Luz (2024) reuniram num volume um conjunto de ensaios relacionados com a temática da paisagem na literatura portuguesa. As organizadoras defendem que a geocrítica e a ecocrítica têm na literatura exposições da paisagem natural e humana através do tempo, passíveis de serem estudadas, tendo em conta o diálogo ambientalista contemporâneo. Segundo as autoras:

Num tempo em que o desafio de manter os recursos da ecosfera disponíveis em qualidade e quantidade se depara à Humanidade com a premência de um ultimato, a ecocrítica assume um móbil essencialmente ecológico, sobre a premissa que também a arte literária pode criar nos leitores a consciência das grandes desconformidades ambientais e a necessidade de modelos sustentáveis de progressão das sociedades. (Carvalho, Alves, & Luz, 2024, pp. 28-29)

Oliveira-Costa, Moreira e Castro (2021), editores do livro *Landscape representations: conceptions of Physical and Human Space*, defendem que o estudo da

²⁶ A fonte foi consultada no *Google.books*. Uma vez que o original *online* não apresenta números de página, no âmbito da dissertação, procedemos à contagem das páginas e para fins de citação apresentamos os números em parênteses retos.

representação da paisagem na literatura deve ter uma abordagem multidisciplinar, isto é: “From eco-geographich implications to social aspects, and linguistic analysis to poetry and teaching “ (Oliveira-Costa, Moreira, & Castro, 2021, p. X). Ou seja, novas aproximações às Humanidades, com um intuito ambiental e propósito pedagógico. Ao explorar o desenvolvimento e readaptações humanas à evolução urbanística e da natureza estará a desenvolver o estado da arte na descrição dos estudos paisagísticos, a produzir fontes credíveis e relevantes para a conservação e preservação do meio ambiente.

No âmbito dos estudos ecológicos, o livro do etnólogo Jorge Freitas Branco (2019), intitulado *Camponeses da Madeira*, aborda a Ilha e, em especial, os camponeses, para traçar um retrato etnográfico da realidade madeirense entre os anos de 1750 e 1900, destacando os meios usados pelos ilhéus para se adaptarem e sobreviverem ao longos dos anos, quer no litoral como no interior da Ilha.

Com enfoque na descrição da paisagem, Branco (2019) apresenta uma abordagem histórica deste desenvolvimento humano “a partir de um dilema social envolvendo profundamente o campesinato insular” (Branco, 2019, p. 11), o qual tem um papel relevante para “a grande viragem ecológica resultante do desbloqueamento de interesses até então inconciliáveis naquela sociedade” (Branco, 2019, p. 11).

Embora o livro tenha um objetivo histórico e etnográfico, para a nossa dissertação torna-se relevante, sobretudo neste capítulo sobre as Humanidades Azuis. O clima e a orografia da Ilha da Madeira influenciaram, grosso modo, o estilo de vida do ilhéu, pois este teve de se acomodar às diferentes condições topográficas da Ilha, aos seus variados climas, lutar, reivindicar e investir num esforço humano e económico para construir infraestruturas que melhorassem as condições de vida, enquanto desenvolvem a sua economia. Uma relação com “fundamentos ecológicos” (Branco, 2019, p. 21) entre ilhéu e a vida insular

De igual modo, os estudos de Orlando Ribeiro²⁷ (1991) e (1985) apresentam conteúdos pertinentes para o nosso capítulo. O geógrafo afirma que o Oceano Atlântico é o maior influenciador dos ecossistemas e da vida costeira, “o grande regulador da

²⁷ A passagem de Orlando Ribeiro (1985) pela Madeira culminou na publicação de um estudo geográfico sobre a ilha, dedicando, nas suas linhas introdutórias, palavras de encantamento sobre a Madeira: “*Madeira com o vigor do relevo, com a gente branca, o ambiente provinciano das povoações, uma elegante cidade que era a terceira da Metrópole, os frutos exóticos no aroma, no sabor e na forma, misturando-se a outros que nos são familiares, com pinheiros, macieiras, castanheiros e casas e barracas disseminadas pelo campo, causaram uma das minhas mais profundas impressões de novel geógrafo.*” (Ribeiro, 1985, p. 9). Texto original sublinhado pelo autor.

atmosfera” (Ribeiro, 1991, p. 101), influenciando o clima que, por sua vez, “determina a fisionomia do conjunto da sua vegetação” (Ribeiro, 1985, p. 39), as rochas e a orografia de uma região, o mesmo mar que, como menciona o Ribeiro:

é o mais poderoso factor de relações geográficas remotas. Caminho aberto para todos os lugares do mundo [...] Mas ele marca também o fim da terra habitada: e quando se não vê ou adivinha uma costa fronteira próxima e as suas rotas andam desprezadas, pesa sobre os litorais um destino de isolamento e arcaísmo. (Ribeiro, 1991, p. 104).

O oceano, por um lado, é veículo de exploração, expansão, conquistas e viagens, e por outro lado, devido à sua vastidão, causa isolamento, confinando o povoamento a uma ilha rodeada por mar.

Ao longo dos séculos, a Ilha da Madeira tem atraído a atenção de cientistas, historiadores e escritores. A localização estratégica no oceano Atlântico e o seu clima ameno destacaram a Ilha nas cartografias náuticas europeias, tornando-se não só um destino idílico, como também título inevitável de muitas obras científicas e literaturas de viagens europeias, que contribuem, atualmente, para imortalizar épocas, colaborando para a construção e compreensão de literacias entre as comunidades. As viagens históricas e a resiliência das narrativas de viagens passadas ajudam-nos a compreender os desafios ambientais atuais, a recuperar uma Ilha de outrora que, à beira-mar e com os ventos lentos da mudança, se desenvolveu e globalizou.

A Sketch of Madeira (1851), de Edward Vernon Harcourt, analisado do ponto de vista dos estudos culturais, transporta no corpo do seu texto a presença de “elementos estrangeiros” (Brunel & Chevrel, 2004, p. 21), que não só se restringem à autoria da obra, como também à presença de estrangeiros, nomeadamente, ingleses, na Ilha da Madeira, em plena convivência com os ilheús. Estudos culturais relevantes, segundo Brunel & Chevrel (2004), tornam possível uma análise para evidenciar o entrançado de culturas numa ilha de oitocentos e a sua tradução a nível social.

De igual modo, seguindo o desafio inicial, neste capítulo propomos-nos analisar a visão de Edward Vernon Harcourt sobre a Ilha da Madeira de oitocentos e a pluralidade da sua arte dialógica na descrição da paisagem, as características insulares e, deste modo, com uma recuperação histórica ambiental, estabelecer uma reflexão entre a paisagem histórica e ecológica contemporâneas.

Observar a Ilha da Madeira nesta obra literária, refletir sobre a temática da viagem, as acessibilidades, o mar e paisagem é usar, como menciona João Carlos Carvalho (2003), a “retórica do olhar” (Carvalho, 2003, p. 313) para, a partir das “Humanidades Azuis”, abrir caminho à “hermenêutica do encontro” (Carvalho, 2003, p. 313) entre as ciências humanas e as ciências naturais. Isto é, através da literatura de viagem, permitir reviver uma ilha e uma época que já não existe. No entanto, far-nos-á refletir sobre as suas paisagens idílicas e intocadas pelo desenvolvimento económico, as condições ecológicas ambientais favoráveis à cura e ao bem-estar.

Igualmente, dar-nos-á a oportunidade de imortalizar a Ilha da Madeira e a sua conexão com o mar, as acessibilidades, os seus habitantes, a sua “*maritimidade, a [sua] insularidade e ilheidade*”²⁸ (Fonseca, 2001, p. 7), termos propostos por Vilma L. da Fonseca, que abordaremos a partir do ponto de vista de um estrangeiro.

Segundo Collot (2013) “a paisagem provoca o pensar e [...] o pensamento se desdobra como paisagem” (Collot, 2013, p. [6]). Transpondo esta citação para a descrição de Harcourt sobre a paisagem da Madeira, podemos afirmar que uma leitura contemporânea da obra poderá tornar-se uma experiência única. Ao mesmo tempo, estamos perante uma abordagem histórica através de uma escrita poética, “um olhar a paisagem [como] um ‘ato estético’, mas também [como] um ato de pensamento” (Collot, 2013, p. [10]), que estabelece um diálogo cultural sobre a terra e o mar.

Ao ler *A Sketch of Madeira* (1851), de Edward Vernon Harcourt, pela perspectiva das Humanidades Ambientais, o leitor tende a transportar a descrição da Ilha para a contemporaneidade, ao encontrar uma “paisagem [que se assume] como estrutura significativa na composição da escrita literária e na cultura contemporânea” (Collot, 2013, p. [5]). Deste modo, a leitor poderá encontrar relevância nesta obra, para a produção de estudos capazes de contribuir para o discurso ambientalista e para a preservação cultural da Ilha da Madeira, transpondo geografias e cronologias.

1.3.1. Ilha e mar: retratos (azuis) da insularidade

Segundo Pierre Mancherey (2014), a “Vida numa ilha é [...] um modelo de fábulas ou de divagações” (Macherey, 2014, p. 193). As ilhas tornam-se, assim, na idealização humana e na literatura, lugares exóticos e idílicos, refletindo descrições românticas e

²⁸ O itálico faz parte do texto original.

simbólicas “sites of desire and fear, pleasure and pain, islands served as both symbolic geographies of spiritual renewal and material geographies of Atlantic expansion” (Pastore, 2023, p. 3).

Como cenários geograficamente depositados no meio do oceano, os estudos das ilhas possibilitam uma oportunidade de observar a relação simbiótica entre o Homem, a terra e o mar que, no âmbito da cátedra “Blue Cultural studies” defendida por Steve Mentz (2009), trazem à contemporaneidade um alargamento da sua significação.

Em concordância, Joan Marshall (1999) defende que a insularidade deixa de ser um conceito estritamente geográfico, passando a ser um estado de espírito, não só daqueles que vivem numa ilha e que se adaptam aos seus comandos, como também dos que se deixam contagiar pelo seu estilo de vida e pela sua configuração quando a visitam.

Segundo Godfrey Baldacchino (2004), “todas as ilhas são únicas” (Baldacchino, 2004, p. 278), destacando-se pela sua envolvimento com o oceano, sendo o mar um escultor que cativa quem se dedica a olhar e a imaginar uma ilha, uma visão de esperançosa harmonia entre a natureza e o homem.

Neste contexto, o livro *A Sketch of Madeira* (1851) oferece retratos únicos e já quase esquecidos da Madeira de oitocentos. No primeiro capítulo, intitulado “A description of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 1), Harcourt apresenta uma exposição oitocentista de uma Ilha, envolvendo o leitor numa viagem repleta de diversidade paisagística natural e marítima. Uma fonte primária sobre a Madeira, um compêndio das relações dos ilhéus com mar e uma alternativa tropical acessível a quem visitava a Madeira no século XIX.

O discurso que nos chega emoldura no tempo um património paisagístico mergulhado em memórias, tornando-se na atualidade de um instrumento ímpar para provocar mudanças e influenciar materialidades costeiras. A leitura da obra comporta em si uma multidisciplinariedade de observações, desde a geografia, a antropologia, a sociologia e inclusive estudos na área da psicologia, organizados sob os signos “maritimidade, insularidade e ilheidade” (Fonseca, 2001, p. 7).

Serpil Oppermann (2019) refere que o ambiente ilhéu é capaz de nos transformar e conseguir decifrar a “metaphor of life” (Oppermann, 2019, p. 443). Neste sentido, através de uma pluralidade discursiva, Harcourt invoca o azul do mar em contraste com o verde e as cores quentes da montanha, transformando a Madeira numa estância paradisíaca e proporcionadora de emoções para quem a visita, como menciona: “Perhaps no spot on

earth is first seen with emotions more various than this island, according to the different conditions of feeling under which it is approached” (Harcourt, 1851, p. 1).

Harcourt atribui à Madeira e ao seu anfiteatro uma habilidade trovadora, a de provocar sentimentos distintos em cada visitante. A Ilha torna-se assim poesia a ser lida conforme as vulnerabilidades de quem a experimenta, a sua paisagem é rica em diversidade natural e cultural, conforme menciona:

To one, its glowing hills and genial air seem to promise prolonged life and restored health; to another, the colours of hope have faded from a mind filled with thoughts of the many, cut off their prime, that already rest within the bosom of those iron rocks; but to persons who view this favoured land without any such peculiar associations either to cheer or sadden the scene, it presents, simply as an object to the sight and senses, a landscape of surpassing beauty. (Harcourt, 1851, p. 2)

Uma citação que nos remete para Westphal (2017) quando refere que “[o] espanto [...] se apodera do indivíduo” (Westphal, 2017, p. 106) perante a beleza, uma “imagologia”²⁹ (Westphal, 2017, p. 88) que fica gravada na memória do observador. É com esta intensidade que Harcourt descreve a Madeira, como um destino capaz de restabelecer desejos, um lugar de cobro para qualquer condição física ou psicológica.

A aproximação à Ilha da Madeira é descrita com expressões poéticas, como “the colours of hope” (Harcourt, 1851, p. 2), transparecendo uma experiência pessoal numa Ilha que carrega nas suas montanhas o verde da esperança, onde a qualidade do ar é capaz de curar qualquer doença e prolongar a vida. Um sentimento definido na contemporaneidade por John R. Gillis (2017) e Christopher L. Pastore (2023) em relação à vida nas zonas costeiras e de quem as experienciam pela primeira vez, quando referem que contemplar o mar e o horizonte é como “turn our backs [...] to the past itself” (Gillis, 2017, p. 264), transformando as ilhas em “symbolic geographies of spiritual renewal” (Pastore, 2023, p. 3).

Para Rodrigues & Santos (2020), o mar tem um papel muito grande na vida de um ilhéu, moldando a sua identidade e cartografia humana. Aqueles que vivem numa ilha são transformados pela imponência do oceano, o Homem e o mar coabitam numa existência pronunciada, carregando consigo elementos de sobrevivência, de esperança e de respeito.

²⁹ Termo usado por Westphal (2017) e outros autores contemporâneos para descrever o espanto em relação a uma paisagem.

Por sua vez, Bettencourt & Carvalho (2015) e Westerdahl (1992) referem que o estudo sobre a paisagem marítima proporciona a compreensão de vários aspetos que caracterizam uma comunidade, não só como um ilhéu se relaciona fisicamente com o mar, mas também como o explora, as suas relações socio-económicas, as suas tradições, e devoções. Numa perspetiva cognitiva desenrolam-se “local traditions” (Westerdahl, 1992, p. 5) e traça-se uma “correspondência entre aspectos da cultura e os constrangimentos impostos pelo ambiente” (Bettencourt & Carvalho, 2015, p. 423), neste caso particular, o mar.

Harcourt descreve-nos esta circunstância. A chegada à ilha por mar acontece com os olhos na Igreja de “Nossa Senhora do Monte, the Lady of the Mount” (Harcourt, 1851, p. 2), a zona costeira funciona como o ponto de encontro entre o Homem, o mar e a terra e numa harmoniosa coexistência pacífica materializa-se um momento de reconciliação, oração e meditação, como podemos ler na descrição que o autor faz de um marinheiro:

As he approaches he sees the church of the saint who has protected him across the angry wave, as he departs he looks to the mount, and offers a vow to the Lady in whose help he trusts during his perilous voyage. (Harcourt, 1851, p. 2)

O mar é visto como um elemento da natureza a ser respeitado, o oceano é majestoso e a sua força cruel, capaz de destruir, causando “shipwrecks in a calm” (Harcourt, 1851, p.2), por isso, a sua travessia é feita com a força da fé e proteção religiosa. Os habitantes da Ilha são descritos como católicos e devotos de Nossa Senhora do Monte, que lhes dá proteção quando atravessam o mar revolto. Carregado com um forte simbolismo religioso, do mar surgem figuras de santos, que encaminham os marinheiros a terra segura, como podemos ler: “during a calm a white figure had risen from the ocean and dragged them into the bay!” (Harcourt, 1851, p. 2).

Luciana de Castro Nunes Novaes e Gilson Rambelli (2017) afirmam que a cultura marítima vai além da orla costeira, influenciando comunidades nos seus mais variados arquétipos sociais, enquanto proporciona aos visitantes não só a paisagem marítima de praias idílicas, mas também a perceção cultural e identidade de um povo, tendo a literatura, neste sentido, um papel primordial, como referem:

As crônicas, os relatos dos viajantes, trechos diários e a poesia e jornais se constituem como fontes primárias de apreensão dos discursos históricos sobre as praias e o

património submerso, instrumentos de percepção das mudanças e continuidades desses mesmos discursos no tempo. (Novaes & Rambelli, 2017, p. 242)

Serpil Oppermann (2023) refere que a literatura e, por conseguinte, a narrativa são veículos de estudos culturais, nos quais podemos observar a relação do Homem com o mar. O mundo insular transporta características próprias, quadros únicos daqueles que vivem “[on] a place where land and water meet” (Gillis, 2012, p. 6). São estes os seres ilhados, os atores da “ilheidade, um neologismo de origem francesa utilizado para designar as representações simbólicas e imagens decorrentes da insularidade” (Fonseca, 2001, p. 7).

Os ilhéus³⁰ são, portanto, lapidados por um quotidiano singular, adaptaram-se com naturalidade ao espaço e às condições envolventes, sendo o mar um contributo e encarado “como objeto de afirmação da condição social” (Rodrigues & Santos, 2020, p. 1) destes habitantes, conferindo-lhes uma identidade própria. Um povo que se ajusta à vontade do mar. Harcourt descreve os habitantes da Madeira e do Funchal como aqueles que desenvolveram ao longo do tempo uma habilidade própria para lidar com o oceano. Uma ligação de respeito mútuo, que permite ao ilhéu viver de acordo com o ritmo do mar, como quando descreve a chegada ao Funchal de barco:

The beach is perhaps a mile from anchorage. When you think you have but two strokes more to pull before you jump on shore, the boat is suddenly twisted round the stern first, the men tuck up their trousers, jump into the water, and, waiting for a wave, run up high and dry on the beach.” (Harcourt, 1851, p. 3)

A zona costeira do Funchal e a praia transformam-se num espaço empreendedor produzido pelos ilhéus. Uma cultura marítima que, transpondo para a atualidade e segundo Novaes e Rambelli (2017), oferece aos visitantes um conjunto de experiências desconhecidas para quem não vive na costa, uma corrente de sentidos e representações

³⁰ Segundo Branco, “a grande população [da Madeira] viveu desde sempre junto ao mar” (Branco, 2019, p. 22), sendo que em 1813 a maior concentração de habitantes era no Funchal. De acordo com o etnólogo, os madeirenses ao largo da Ilha, junto à costa, tinham-se habituado e encontrado meios para sobreviver às dificuldades que o mar lhes impunha no seu dia-a-dia, como podemos ler na descrição que o autor faz dos habitantes da Ribeira Brava: “carregar as pequenas embarcações de cabotagem requeria uma técnica específica: as lanchas eram varadas, carregadas e, à força de braços”. (Branco, 2019, p. 24).

de um quotidiano à beira-mar, permitindo a ambas as culturas um diálogo e a troca de experiências.

Ao leitor contemporâneo oferecem “a compreensão de pessoas, grupos e sociedades ao longo do tempo e do seu desenvolvimento” (Novaes & Rambelli, 2017, p. 243), o entendimento de uma época, de pescadores, de marinheiros, de mulheres e homens que se definem como ilha, seus aristocratas, seus visitantes, um diálogo entre terra e mar ao longo do tempo.

As cidades e a sua descrição ocupam também um lugar especial na literatura de viagens, uma narração que muitas vezes se apresenta metamorfoseada pelo autor (Moniz, 2023), conforme a época em que foi escrita a obra ou o objetivo da mesma. Harcourt descreve o Funchal como uma cidade romântica, quando escreve:

The principal town in Madeira is Funchal. [...] It is seen to much advantage from the sea, so white and bright, with its suburbs of *Quintas* and their groves of orange and coffee spread far and wide up the hills, fifteen hundred feet above it. (Harcourt, 1851, p. 4)³¹

Uma exposição passível de ser analisada também através dos fundamentos defendidos por Steve Mentz (2009). O Funchal compreende descrições de uma cidade insular de 1851 em equilíbrio com a natureza e o bem-estar humano, com “a sense of ecological relationships and a different way of articulating multicultural connections”, oferecendo a quem chega à ilha uma baixa citadina bem cuidada “white” (Harcourt, 1851, p. 4), limpa e iluminada “bright” (Harcourt, 1851, p. 4).

De igual modo, o Funchal afigura-se como o desdobramento de uma cultura marítima com “much advantage from the sea” (Harcourt, 1851, p. 4) como se o mar invadissem a Ilha e influenciasses a sua paisagem urbanística, moldando a sua conduta social e oferecendo um espetáculo sensorial colorido a vários metros acima do nível do mar.

Assistimos a uma urbe em harmonia com o mar e a vida costeira, elevando ao casario da encosta a possibilidade de comunicar com o oceano. Uma observação referente aos estudos insulares e enquadrada no conceito da “insularidade”, o que dá a “identidade cultural [ao] ilhéu diferenciada do continental, mas [que] é resultante das práticas económicas e sociais em um espaço limitado, cercado pelo oceano” (Fonseca, 2001, p.

³¹ O itálico faz parte do texto original citado.

7), englobando, assim, a dimensão geográfica e psicológica de um povo insulado, que se alinha à sua condição.

O leitor contemporâneo poderá visualizar na descrição que Harcourt oferece do Funchal de 1851, as mesmas características do cosmopolitismo Kantiano, referido por John R. Gillis (2004), uma vida cidadina orientada para uma consciência global e sustentável, com um sentido e um propósito filantropo, não só o de cultivar a arte de bem receber quem os visita, como também uma cidade com boas políticas de salubridade, como podemos ler no seguinte excerto:

In your first walk into the town you are struck by the clean fresh look of everything about you. This cleanness is owing, partly to the entire absence of dust, and partly to the constant supply of running water, which is conducted in covered gutters through every street. The streets are well paved with plates of Whistone, set edgewise; their narrow-riess shelters them from the sun without excluding the air. (Harcourt, 1851, p. 4)

Uma união, ilha, Homem e mar, explicada como “maritimidade”, outro conceito apresentado por Vilma L. da Fonseca (2001), que o define como “a maritimidade [...] diz respeito às práticas econômicas, sociais e simbólicas, onde a presença física do mar não é o factor essencial, mas o conjunto de práticas que envolve o seu viver” (Fonseca, 2001, p. 7).

Em *A Sketch of Madeira* (1851), o leitor pode testemunhar o mar a estender-se pela Ilha, transformando o seu anfiteatro ao criar um relacionamento com a terra, numa linguagem consonante e orientada para o desenvolvimento social, inclusive na construção das casas, como podemos ler:

Almost every house is possessed of a turret. [...] This look-out place is of use to the merchant, by enabling him early to discern from it the approach of his vessels, which he recognizes by his private signals. (Harcourt, 1851, p. 5)

A obra de Harcourt pode contribuir para o pensamento ecológico da atualidade, uma vez que transmite ao leitor uma Ilha e cidade em perfeita harmonia com a suas condições geográficas. Uma cidade à beira mar, com um urbanismo que permite aos seus habitantes controlar uma economia marítima.

Neste sentido, Rodrigues & Santos (2020) aludem à relação estruturada entre o homem e o mar como um “elemento de sobrevivência” (Rodrigues & Santos, 2020, p. 1). A vida insular obriga a que o mar seja uma fonte de rendimento, pelo que em certas cidades costeiras se desenvolvem determinadas profissões, como refere Harcourt quando descreve Câmara de Lobos: “The inhabitants are all fisherman, and supply the Funchal Market” (Harcourt, 1851, p. 13), informando ao leitor acerca de uma rede mercantil organizada, uma cidade piscatória, contribuindo para o desenvolvimento económico da Ilha.

Verificamos outro exemplo na descrição de um quotidiano insular construído com a “intervenção humana” (Ribeiro, 1985, p. 37), que decorre de uma população que se adaptou à condição de ilhéu. O oceano que cerca a Ilha e a água que corre nas suas ribeiras não representam uma fronteira ou obstáculo para os habitantes, pois desenvolvem-se infraestruturas que, facilitam a mobilidade ilhoa, como “the bridge in the Ribeiro Secco, the new road along the sea-coast to the westward” (Harcourt, 1851, p. vii).

Do mesmo modo, as excursões ao longo da costa são facilitadas com uma linha de transportes marítimos, que pela descrição de Harcourt chega-nos como uma experiência marítima pela costa, como quando menciona:

For those who are fond of boating, there are many very pleasant excursions. To Cape Girão, for instance, [...] A further expedition along this coast is to Ponta do Sol; here you may perhaps procure ponies, or walk back to Ribeira Brava, sending your boat there to meet you, and then take ship again home. On the other side, Sancta Cruz, Machico, and Caniçal afford objects for a cruise. (Harcourt, 1851, p. 16)

No entanto, na realidade madeirense estes barcos eram destinados à cabotagem por parte dos habitantes da Ilha, que os usaram também para proporcionar aos turistas uma experiência marítima.

Na literatura, as descrições da ilha em contraste com o mar apresentam um valor acrescentado, ao enveredarmos pelos estudos à luz das Humanidades azuis/ambientais. Neste sentido, Steve Mentz (2009) apresenta-nos à Talassologia, uma ciência que estuda os mares, os oceanos e os seus fenómenos relacionados, desde físicos a biológicos, uma ciência que, aliada aos “Blue Cultural studies” (Mentz, 2009, p. 999), contribuiu para uma compreensão ecológica para este debate contemporâneo.

Neste contexto, Harcourt relata um oceano trabalhando a Ilha como uma obra de arte ao esculpir a sua encosta. Do mesmo modo, a imponência das montanhas, em certas localidades, esboça a Ilha com imagens majestosas em relação ao poderoso mar revoltado relatado em excertos anteriores, exemplo que podemos encontrar em relação ao Cabo Girão: “the sea looks so small dashing against the rocks below” (Harcourt, 1851, p. 13). Os papéis invertem-se, a Ilha, dos seus pontos altos é quem parece comandar a vida insular.

No entanto, o mar continua a impor sobre o ilhéu, os visitantes e à própria Ilha a sua autoridade, tendo Harcourt o cuidado de avisar o leitor de certos percursos: “The road leads by the shore across a stream, which at high water is sometimes dangerous to pass” (Harcourt, 1851, p. 19) e “Here you have none of the gradual sloping of tufa plains towards the sea that you find on the south side, but a lofty iron front is everywhere presented to the angry waves” (Harcourt, 1851, p. 20).

Graça Alves (2020), no artigo “Um canto à ilha da Madeira”, refere que “A riqueza da ilha está nela própria e na força das suas gentes” (Alves, 2020, p. 163), o que nos remete para a resiliência dos seus habitantes e capacidade de sobrevivência numa ilha rodeada pelo Oceano.

Uma circunstância relatada na obra em estudo. O mar não é só aquele que providencia sustento. Em perfeita união com a Ilha, deixa cair o seu lado mais tempestuoso e permite que a terra seja também um meio de subsistência para o ilhéu, autorizando o cultivo num lugar improvável, inclusive à beira-mar, como verificamos quando Harcourt escreve: “There are patches of cultivated ground by the sea-side below” (Harcourt, 1851, p. 13).

Steve Mentz (2009), no âmbito dos “Blue cultural studies” (Mentz, 2009, p. 999), afirma que “The New Thalassology” (Mentz, 2009, p. 999) expõe-se como uma “new maritime perspective [which] does not view the oceans simply as bodies to be crossed, but as subjects in themselves” (Mentz, 2009, p. 999). Transpondo esta reflexão para a obra em estudo, observamos as águas e as correntes que escavam o coração da Ilha, proporcionando ao bom observador, imagens singulares, como podemos ler:

We come to a road cut in the face of a lofty cliff, being the base of the Pico Grande, from which the water is rolling down, and splashes you as you pass: below is a basin of forests, broken here and there by mountain torrents. (Harcourt, 1851, p. 17)

Uma visão da água em perfeita harmonia com a Ilha, atuando em sintonia para esculpir uma poesia a ser contemplada, como refere Mentz “The opposition between land and sea defines the poem’s symbolic landscape” (Mentz, 2009, p. 1002).

Christopher L. Pastore (2023), no artigo “Thinking with islands, living with coasts: John Gillis and the making of a blue Atlantic”, refere que a intervenção humana pode por vezes causar desequilíbrios no ecossistema, resultando em catástrofes naturais. As águas do interior da Ilha possuem a mesma força do oceano, as correntes das ribeiras têm a capacidade de arrasar com infraestruturas construídas pelo homem. Harcourt relata-nos situações resultantes deste fenómeno:

There has been a swollen torrente here lately, and part of the bridge is washed away: enough of the fabric remains for a man to walk upon, but the horses cannot pass; your *burroquero*³² does not help you, he looks on in helpless terror. (Harcourt, 1851, p. 17)

Um excerto exemplificador do poder da água e dos resultados devastadores de muitas intervenções humanas sem avaliação prévia. O desastre provocado impede a passagem e até o “*burroquero*” (Harcourt, 1851, p. 17) não se aventura. Uma diferença cultural entre o ilhéu e o turista, uma marca da insularidade vincada na conduta ilhoa, em que o madeirense respeita o comando da Ilha, enquanto o espírito aventureiro do turista prevalece e, sem conhecer ou temer a Ilha, insiste em continuar viagem. Sendo Harcourt um explorador e naturalista, encontra uma solução para o leitor mais ousado, como podemos ler:

What is to be done? See, there are some planks below that have been stayed by that mass of rock in the bed of the torrent; with the assistance of your boys you at length get them up, and construct a rickety pathway for the animals, which with some coaxing you persuade them to pass, and proceed on your journey exulting in your success. (Harcourt, 1851, pp. 17-18)

Aos olhos de Harcourt, as características únicas do Norte e do Sul da Madeira, fazem dissipar a monotonia que poderia haver acerca da Ilha, como podemos ler:

³² O itálico na citação faz parte do texto original.

The island we may describe it thus: - It consists of a mass of mountains, whose highest points rise to the central ridge. The whole coast is composed of cliffs, varying in height from one hundred o two thousand feet; abrupt and lofty in their general character on the north side of the island, and a lower smoother aspect on the south. (Harcourt, 1851, p. 24)

Harcourt, ao descrever as levadas do Rabaçal e do Ribeiro Frio, dedica algumas linhas à história e à construção:

the *levada*³³ of Rabaçal. The difficulties to be overcome in constructing this watercourse were enormous. [...] the water from the summit of which fell over the slightly-projecting edge, and was lost in the ravin below. The object of the proposer of the work was to catch this stream in its descent, where it struck upon the face of the rock, and, carrying it off by a *levada*, to apply it to the irrigation and fertilizing of a comparatively barren tract. (Harcourt, 1851, p. 18)

Abordando a citação do ponto de vista das Humanidades Ambientais, com o início das suas construções no século XVI, as levadas³⁴ simbolizam a relação do ilhéu com o mar, a água e as montanhas da Ilha, numa tentativa de adaptação e sobrevivência num ecossistema rodeado por água salgada. As levadas³⁵ representam uma interposição humana sobre o ambiente natural, de modo a conseguir aproveitar a água do interior da Ilha e desviá-la para o regadio, uma proeza humana conseguida sem criar desequilíbrios no ecossistema.

As levadas madeirenses são parte integrante da cultura e um marco da identidade madeirense. Segundo Anita Smith, Kevin L. Jones e Susan Denyer (2007) e para Mechtild Rössler (1992) como “Cultural landscapes” (Smith, Jones, & Denyer, 2007, p. 3) espelham “the capacity to be read as living records of the way societies have interacted

³³ O itálico na citação consta do texto original.

³⁴ Segundo Branco (2019), as levadas foram das infraestruturas mais difíceis de construir na Ilha. De acordo com o etnólogo, o Governador “José Silvestre Ribeiro” (Branco, 2019, p. 172), foi quem reivindicou junto da aristocracia e junto da corte, a construção dos canais de água, que receberam o nome de Levadas, pois estas eram fundamentais para o aproveitamento da água para o regadio da vinha e de outras plantações, que em certas alturas do ano passavam seca. Construções que só avançaram e tiveram o aval da corte, de modo a desbloquear o interesse económico de certos grupos sociais que mantinham a sua produção agrícola na ilha. No entanto, este acontecimento teve reproduções positivas na vida dos camponeses do interior da ilha.

³⁵ As levadas da Madeira tornaram-se num elemento determinante do património natural e cultural da Ilha, pelo que a Região Autónoma da Madeira, em 2017, deu início ao processo de candidatura das mesmas a Património Mundial da Humanidade na UNESCO. *Vide* <https://whc.unesco.org/en/tentativelists/6230/>.

with their environment over time” (Smith, Jones, & Denyer, 2007, p. 3), em que foram produzidas como “[a] cultural response to the opportunities and constrains of the environments” (Smith, Jones, & Denyer, 2007, p. 13) para facilitar a vida dos madeirenses e que “retains an active social role in contemporary society closely associated with the traditional way of life” (Rössler, 1992, p. [3])³⁶, tornando-se hoje em dia parte do Património Cultural da Região Autónoma da Madeira e seus cartazes turísticos.

Harcourt informa o leitor sobre a importância destes cursos de água pela Ilha, quando descreve:

The *levádas*, or courses for the water, are wonderful works; they are the result of the labour of centuries, and are still in progress. The water is gathered by them from its sources in the mountains; sometimes running through the solid rock, and sometimes along the sides of perpendicular cliffs, where it is difficult to conceive how workmen could ever labour; sometimes carried in wooden pipes over your head; and sometimes gliding near your feet, and refreshing you as you toil up the precipitous roads under a hot sun. (Harcourt, 1851, p. 105)

Estes canais tornam-se assim num componente da cultura insular madeirense. A construção destas infraestruturas, no século XVI, converteu-se num esforço sobre-humano para os ilhéus, em termos físicos, arquitetónicos, temporais e económicos, revelando a resiliência e perícia do povo madeirense, que o tem caracterizado ao longos dos tempos. Um povo trabalhador, “que desafiou a morte [...] para rasgar as serras” (Alves, 2020, p. 163), que se esforçava no dia-a-dia em condições adversas, penetrando a Ilha de modo a aproveitar a água e redirecioná-la para os campos agrícolas, muitos destes em lugares íngremes e inacessíveis. Considerada uma obra-prima de engenharia, deste facto dá-nos conta Harcourt com a descrição de uma destas construções, quando escreve:

The engineer had a *crate* constructed, in which the workmen were placed, and let down by means of ropes to the point required. In this way they worked, subject to the drippings of the cold stream above, and often with great difficult getting out of the way of the explosions from the blasting of the rock. When this operation was finished, a tunnel was to be bored through the end of the Paul da Serra, and a *levada* six miles long was constructed.[...] The work was commenced in 1836, and carried on for some years; the

³⁶ O documento não possui paginação, pelo que para fins de citação foram contadas as páginas e apresentadas no corpo do texto entre parentesis reto.

course along the face of the rock was actually completed to a length of 700 feet, and connected with a *levada* extending six miles; but alas! as far as the tunnel was concerned, want of funds interfered, and half the project only was executed. (Harcourt, 1851, p. 19)³⁷

Várias são as menções destes percursos hídricos feitas pelo autor ao longo da obra. Ao passear pela Ilha, Harcourt faz alusão às levadas do Rabaçal (Harcourt, 1851, p. 18) e Ribeiro Frio (Harcourt, 1851, p. 23), infraestruturas que deram lugar a uma economia da água e a um planeamento, como podemos ler:

By these *levádas* means of irrigations are afforded to each tenement. Each has a right to let the water onto his land in turn, and there is a monthly cycle, or *giro*, divided into so many hours, made for the regulation of such turns. The right to water for irrigation is held by title deeds, in the same manner as any other property, and in these deeds the number of hours in each *giro* of a *leváda* is declared. In some *levádas* the *giro* is thirty days, in some more, and in others less. (Harcourt, 1851, p. 105)³⁸

Fruto da construção das levadas nasce uma profissão, o “*levádeiro*” (Harcourt, 1851, p. 105), um ofício, por vezes, com alguns dissabores quando os camponeses não regavam na hora estipulada para a sua zona de cultivo. Informação que Harcourt faz questão de elucidar, quando afirma:

There is frequently a good deal partiality on the part of the *levádeiro*, the person to whom the division of the water in main course is intrusted. Here, where water is richest, there are more quarrels and lawsuits about these than any other kind of property; and those who do not carefully watch it, when their turn comes around, may reckon upon being robbed of the greater part of their water. (Harcourt, 1851, p. 105)³⁹

A Ilha da Madeira cedo despertou o interesse de médicos e climatólogos britânicos. Com um foco ecológico, cientistas e estudiosos desenvolveram estudos relacionados com a climoterapia, observando os ares limpos do Funchal, o clima e a temperatura da Ilha, divulgou-se a Madeira como um dos destinos recomendados para a

³⁷ Os itálicos na citação fazem parte do texto original.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ O itálico na citação faz parte do texto original.

terapia de doenças relacionadas com o foro respiratório. Podemos constatar este facto em obras publicadas no século XIX, como as de William Gorlay (1811), Nicholas Cayetano de Bettencourt Pitta (1812) e James Mackenzie Bloxam (1855), autores que escreveram sobre a ilha.⁴⁰

Harcourt, no terceiro capítulo, intitulado “On the Climate and vital statistics of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 37), dedica-se ao clima e à temperatura na Ilha ao longo de todo o ano, referindo que esta beneficia de uma temperatura singular, quando menciona: “It is this uniformity in which the excellence of the climate consists.” (Harcourt, 1851, p. 37).

O autor descreve também as variações de temperatura durante o dia e a noite e qualifica o clima como “delicious” (Harcourt, 1851, p.37), referindo que “the regularity of the alternations of the land and sea breezes tends to preserve a delicious equalibility of temperature” (Harcourt, 1851, p. 37).

A interação entre o mar e a terra influenciam o clima, formando uma diversidade de microclimas nas ilhas conforme proximidade ou afastamento do mar. Um dado confirmado pelo historiador John R. Gillis (2014), para quem a história ambiental de uma ilha se acentua pela interação de vários elementos naturais, que interagem de modo a proporcionar aspetos únicos.

Segundo Gillis (2014), “a history without borders, [...] where earth, wind and water are in constante motion and interaction” (Gillis, 2014, p. 157), faz surgir nas ilhas os denominados os “ecotones” (Gillis, 2014, p. 158), caracterizados como lugares de transição ambiental, “most common where land and water meets” (Gillis, 2014, p. 158), cujos fluxos dão origem a uma diversidade climática. Um clima que se altera conforme a zona montanhosa ou costeira, quer a nível da temperatura, quer a nível da pluviosidade.

Harcourt, ao fundamentar-se em observações de especialistas, como “Dr. Heberden” (Harcourt, 1851, p. 39), Figura 2 em anexo, e do “Dr. Mason” (Harcourt, 1851, p. 43), Figura 3, climatólogos que estudaram o clima madeirense ao longo dos anos, introduz os dados recolhidos através de tabelas, numa análise comparativa com o Reino Unido.

⁴⁰ Segundo Francisco António Barral (1854), os cientistas e médicos internacionais encontraram na Ilha da Madeira características benéficas para a terapêutica das doenças de foro respiratório, que iam desde o clima ameno, a uma temperatura regular ao longo de todo o ano, uma paisagem verdejante que proporcionava ar puro, quer na cidade como no alto das montanhas, e condições habitacionais com boa ventilação, qualidades que não se encontravam nas grandes cidades como Lisboa ou Porto.

Ao mesmo tempo, informa sobre os períodos do ano mais chuvosos para a Ilha da Madeira. Sem qualquer justificativa, e após a análise das tabelas, menciona que a Madeira “every twenty-five year” (Harcourt, 1851, p. 44) está sujeita a dilúvios, oportunidade que encontra para uma informação histórica, ao descrever estragos provocados pelo dilúvio ocorrido em 1803.

Devido à sua localização geográfica no Atlântico, a Ilha da Madeira é propensa aos ventos do Norte de África. Daí que Harcourt contextualize e explique o regionalismo usado pelos habitantes em relação ao termo “L’Este”, apresentando períodos secos, que podem ser benéficos para a saúde, como podemos ler: “*L’Esté* [...] hot and dry, i tis yet not insalubrious. Invalids find relief from its influence, though i tis felt oppressive by persons of health” (Harcourt, 1851, p. 45), ou períodos com humidade em certos lugares na ilha. A este propósito, menciona:

There may be spots in Madeira, either near yam grounds where much irrigation is carried on, or where the soil rock, usually very porous, is so close as to retain the wet, which may be too humid for some conditions. (Harcourt, 1851, p. 48)

Uma diversidade de microclimas que, na visão de Harcourt, permite caracterizar a Ilha da Madeira, como um lugar perfeito para curar ou aliviar sintomas das doenças pulmonares:

The dying invalid has here all that clime can do: the patient can be carried out in his hammock, and draw the pure air of heaven with his last breath. The cases on which Madeira does real good are those in which a person whose lungs are threatened, or incipiently diseased, repairs thither immediately, and follows out rationally the mode of life prescribed by his doctor. [...] It is marvellous to see how some people will go to Madeira, as if for their health, and live there in a way which must make the best climate in the world useless. (Harcourt, 1851, pp. 48-49)

Trata-se de uma posição atlântica proporcionadora de um clima singular com “massas de ar tropical húmido, trazidas pelas perturbações ciclónicas em direção ao Oriente” (Ribeiro, 1991, p. 101), que influencia os ecossistemas pela Ilha, como refere Orlando Ribeiro:

A acção do oceano, que atenua calor e a secura estivais e mantém as chuvas abundantes, se deve que, através do Cantábrico, algumas espécies vegetais da Europa média alcancem o território português. (Ribeiro, 1991, p. 102)

O Oceano Atlântico constrói um ecótono madeirense e contribui para uma historização da natureza, tornando-se, de acordo com Steve Mentz (2009), num conjunto de signos simbólicos, dando significado à cultura insular. A mesma referência surge-nos com John R. Gillis, quando expõe:

Living an ecotonal existence, islanders are amazingly sensitive and adaptable to the conditions of both land and water. Their relationship to nature is by no means passive. Indeed, they have been shaping their own environments for millennia. (Gillis, 2014, p. 158)

Uma analogia referida pelo autor tende a refletir-se no modo como os ilhéus vivem e se relacionam com a ilha e o mar, definindo a sua identidade insular. A paisagem, a ilha e os seus diversos ecossistemas constroem uma “ecological relationship and a diferente way of articulationg multicultural connections” (Mentz, 2009, p. 999). A descrição de Harcourt coloca o leitor perante um diálogo intercultural entre a sociedade britânica e a Ilha da Madeira, que do topo das suas montanhas vive em perfeita harmonia com oceano Atlântico:

From the tops of the mountains you discover the sea on all sides of you, but far from detracting from grandeur of the prospect, the limited extent of land rather adds to a feeling of awe, when you consider that you are perched on a point, as it were, in the midst of the vast Atlantic. (Harcourt, 1851, p. 24)

A análise que acabamos de fazer à obra de Harcourt, numa abordagem às Humanidades Azuis, parece evidenciar a identidade e cultura de um povo, que se soube adaptar à sua condição de ilhéu. As infraestruturas construídas ao longo da costa, a planificação do Funchal, voltada para uma economia marítima, vem evidenciar que a relação do Homem com o oceano influencia o desenvolvimento de uma sociedade, que sofreu “adaptações e mudanças dos sistemas eco-culturais, resiliências e transformações sociais e ecológicas” (Brito, 2022, p. 460).

O quotidiano madeirense chega-nos com um grande esforço humano, definindo o ilhéu como resiliente e capaz de ultrapassar barreiras. A leitura da obra, tendo em mente os estudos ambientais, leva-nos também a observar as descrições do autor no interior da Ilha. Se o mar influencia a costa litoral da Madeira e o seu modo de vida, é certo que o interior da Ilha e a sua orografia irão também causar condicionantes ao ilhéu, obrigando-o a superar impedimentos para poder sobreviver numa insola rodeada por água salgada.

Não obstante, quem vive numa ilha dificilmente pode deixar de se entroncar com o que ela oferece, ou seja, usar os diferentes microclimas, a altitude e a natureza para providenciar sustento e abrir caminho ao seu desenvolvimento.

1.3.2. O romantismo da paisagem na orografia insular

Segundo Michael Ferber (1999), a natureza e a paisagem, desde a Antiguidade Clássica, têm vindo a assumir na literatura um sentido maternal “Mother Nature” (Ferber, 1999, p. 133), criadoras de tudo o que existe no mundo natural, inclusive tudo o que está ligado ao Homem. Com a sensibilidade do Romantismo literário, a paisagem começa a ganhar uma simbologia menos alegórica, na qual o Homem começa a ter consciência de que a natureza é “something apart from him” (Ferber, 1999, p. 134), mas responsável por tudo o que o torna humano, isto é, “feelings, our imagination, our hearts” (Ferber, 1999, p. 134).

Assim, na literatura a paisagem passa a ser um elemento influenciador da condição humana com características do verismo⁴¹ naturalista italiano, como mencionado por Murray (1999): “seeks the ‘frank and self-evident manifestation and the conscious observation of art, in a word, its sincerity” (Murray, 1999, pp. 1121-1122), no qual “Character, language, and landscape are all parts of the whole [...] Each necessarily describes and participates in the existence of others” (Murray, 1999, p. 1122). A ligação entre o homem, a natureza e a linguagem espelha e influencia o estado de espírito humano.

Ana Cristina Carvalho, Isabel Fernandes Alves e Ana Luísa Luz (2024) afirmam que:

⁴¹ Segundo Cuddon (1991), verismo é uma corrente literária italiana fundada por Luigi Capuana e Giovanni Verga nos finais do século XIX. Influenciada pelo positivismo, realismo e pela literatura naturalista francesa, procura através de teorias científicas explicar o comportamento humano em relação ao meio que o rodeia.

a paisagem é um meio para evidenciar a figura humana. Essa competência da linguagem escrita alimenta os estudos da área da ecocrítica; e a indissociabilidade entre o meio físico e universo populacional é a essência epistemológica da ecologia humana. (Carvalho, Alves, & Luz, 2024, p. 27)

Acresce o facto de que a paisagem e a orografia da ilha afetam o modo de vida dos seus habitantes e a sua mobilidade.

Já em 1851, encontramos em Harcourt uma diligência em divulgar os percursos pela Ilha da Madeira. *A Sketch of Madeira* (1851) torna-se assim num dos primeiros livros de literatura de viagens a incentivar um turismo de carácter ambiental e ecológico, aliado à atividade física e bem-estar, como podemos ler: “To one, its glowing hills and genial air seem to promise prolonged life and restored health” (Harcourt, 1851, p. 2).

A Ilha da Madeira, para ser experienciada na totalidade, influencia o modo como o turista se movimenta nela, quando refere: “The scenery of the island is best seen on foot or on horseback. The use of carriages is impracticable, owing to the steepness of the roads” (Harcourt, 1851, p. 7).

Uma circunstância da contemporaneidade, plasmada em estudos como os de Heather J. Gibson (2008) ou de Chyi-Rong Chiou, Wei-Lun Tsai & Yu-Fai Leung (2010) na busca do planeamento turístico em linha com o discurso ecológico e com opções saudáveis. Na atualidade, a Ilha da Madeira tem desenvolvido estratégias de divulgação, no sentido de cativar o turista para os percursos terrestres.

Por sua vez, Michel Collot (2013) define paisagem como “um espaço percebido, ligado a um ponto de vista; é uma extensão de uma região [de um país] que se oferece ao olhar do observador” (Collot, 2013, p. [9]). Segundo o filósofo francês, a paisagem tem a capacidade de envolver o indivíduo, despertando no seu pensamento a “ótica ecológica [que] leva em conta a interação entre o sujeito e o seu ambiente visual” (Collot, 2013, p. 11).

É esta simbologia que Harcourt transmite ao leitor contemporâneo ao descrever a paisagem da Ilha da Madeira através de uma linguagem poética, de um olhar minucioso e observador, quando regista:

There is an aerial magic in it which you must go thither duly to appreciate. The various colours of the soil, with mingled hues-black, yellow, red, and white – the vivid verdure, and the everchanging shadows of the sky, give a warmth of tint, and a diversity of effect,

which is characteristic and striking. Here is not the unintermitting blaze and eternal blueness of a tropical, nor the cold haze of a northern atmosphere, but the sunshine is broken and mellowed by fitting clouds, and a series of dissolving lights and shades surrounds you on every side, which must awaken pleasure and admiration in the breast of the most insensible. (Harcourt, 1851, pp. 5-6)

Segundo Collot (2013), a paisagem tem a capacidade de despertar sentimentos junto do sujeito, tornando-se assim num elemento transformador da identidade humana: “A emoção sentida frente à paisagem é para ele, mais que uma simples participação adjetiva: é o signo de um pertencimento de espírito humano ao Universo natural” (Collot, 2013, p. [30]). Uma experiência que podemos verificar em Harcourt, quando menciona:

as you fly up the most precipitous hills, you may be disposed to disbelief [...] There, you are put on a horse shod in such a way as you never saw before; you ride on such roads as, I may safely say, you have never had any experience of; and you pass at every step precipitous rocks, strange trees, and beautiful plants, with a mind half occupied in admiring what you see, half anxious lest one mistake on your horse's part should end at once your pleasure and your pains. [...] there is no place where you are less wearied by having the same prospect always before you; it is constantly varied by ever-flying clouds, and the warm red colouring of the hills gives a tone that would not be believed if seen on paper. (Harcourt, 1851, pp. 8-9)

Harcourt mostra ao leitor um Funchal romântico. Do ponto de vista do autor, a principal urbe da Ilha vive em perfeita harmonia com a natureza. A sua arquitetura e o modo como está organizada encontra-se orientada para as necessidades da população. No entanto, deixa também algumas críticas quando descreve alguns edifícios:

In a country without brick, and having but little command of freestone, no great excellence of architecture can be expected. The Cathedral, which is capable of holding about two thousand four hundred persons, is a mixture of indefinite styles; nor are any of the older ecclesiastical buildings more to be commended. (Harcourt, 1851, p. 4)

Uma Ilha com falta de materiais, no Funchal os edifícios apresentam-se com uma arquitetura pobre. A Catedral, situada na maior localidade da Ilha, está decorada com uma infinidade de estilos, algo que não agrada os ingleses. Uma circunstância que,

segundo o autor, acontece com os edifícios mais antigos da Ilha. Estamos perante um choque cultural, no que concerne a arte e a arquitectura.

Considerando a paisagem urbana, as Praças do Funchal são descritas com elementos naturais que trazem bem-estar à população e a quem as visita, como podemos ler:

The Prazas, which answer to the Spanish Alamedas and French Boulevards, are planted with planes and oak trees; they afford a gratefull shade for those whose health debars them from taking much exercise, and yet are benefited by breathing sea air. (Harcourt, 1851, p. 4)

Harcourt descreve as praças do Funchal em perfeito equilíbrio natural. O mesmo acontece com a vegetação que adorna as ruas do Funchal que, segundo o autor, proporciona uma visão colorida e pacífica a quem se propõe contemplar:

About Funchal the roads are lined on either side with walls, which are generally covered with heliotropes, roses, geraniums, fuchsias, &c., in wild profusion. Some of the most picturesque views of the town are to be found between these walls, which, with their odorous clothing, form delicious foregrounds. (Harcourt, 1851, p. 9)

Trata-se de um princípio urbanístico e arquitetónico procurado pela sociedade contemporânea, com o objetivo de encontrar um equilíbrio sustentável entre a natureza, a paisagem, os edifícios e o homem. Neste contexto, no livro *Green Infrastructure*, de John W. Dover (2015), o autor aborda a paisagem citadina do ponto de vista ambiental. Segundo Dover (2015), a importância de ter uma cidade organizada com o objetivo de proporcionar uma vida saudável à população é essencial, do ponto de vista ecológico e da sustentabilidade.

Deste modo, através do princípio da “Biofilia”⁴², Dover (2015) aborda a importância da diversidade de vegetação nos centros das cidades em equilíbrio com a arquitetura, contribuindo para a purificação do ar, enquanto colabora para a construção

⁴² Biofilia é um conceito no âmbito da arquitetura, que pretende valorizar os espaços verdes no meio urbano, ao defender que estes são essenciais para o bem-estar emocional humano. Segundo Dima Stouhi(2022), “um cenário de completo relaxamento é mais provável que a primeira imagem que vem à mente seja um lugar cercado pela natureza, algo próximo a uma floresta, montanhas, mar ou prado” (Stouhi, 2022, p. s.p).

de um ambiente multifuncional que irá influenciar benéficamente o ser humano, quer a nível físico, quer a nível emocional, obtido através do contacto com a natureza.

A construção de infraestruturas utilizando cores, materiais naturais e sustentáveis terá contributos benéficos no que concerne a pegada ecológica. Um livro publicado em 2015, sensibiliza as sociedades contemporâneas para o uso de opções que contribuam para o meio ambiente e, conseqüentemente, para o bem-estar físico e mental das comunidades.

Esta perspetiva vai ao encontro da descrição que Harcourt faz do Funchal e da Ilha em 1851, época em que a Madeira apresentava uma paisagem urbanística diversificada junto à costa, proporcionando uma diversidade de sentimentos ao observador: “The towns are for most part planted in the bosoms of these ravines, which certainly resemble one another, yet in each there is sufficient individuality to relieve any feeling of monotony” (Harcourt, 1851, p. 24).

No Curral das Freiras, Harcourt chama à atenção para a orografia local, caracterizando-a como grandiosa com uma paisagem saudável e deslumbrante: “what a prospect burts upon your sight! For a second or two you are puzzled by the grandeur of the views that resents itself” (Harcourt, 1851, p. 11).

O Norte da Ilha não é esquecido. São Vicente, segundo Harcourt, oferece “the most striking features and grandest development of its scenery” (Harcourt, 1851, p. 17). Aos olhos do autor, as características únicas do Norte e do Sul da Madeira fazem dissipar a monotonia que poderia haver acerca da Ilha. Uma descrição em diversidade paisagística do panorama madeirense que oferece a quem visita a Ilha pela primeira vez, uma amostra das vivências e culturas humanas representativas dos diferentes locais.

Trazendo esta descrição de Harcourt para o debate contemporâneo, encontramos em Bertrand Westphal (2017), a afirmação de que estas descrições literárias se apresentam com “uma postura geocentrada, que coloca o lugar no centro dos debates” (Westphal, 2017, p. 88), uma “imagologia” (Westphal, 2017, p. 88), segundo Westphal e outros autores. Neste sentido, ao descrever as paisagens da Ilha da Madeira, Harcourt não está centrado na sua opinião, uma vez que “o estudo imagológico silencia a questão do referente, concentrando-se exclusivamente sobre o *modo*⁴³ como o escritor escreve o realema” (Westphal, 2017, p. 89), ou seja, a descrever os lugares na sua plenitude.

⁴³ Sublinhado do autor.

Esta abordagem com foco ambiental remete-nos também para a teoria de Kenneth White (2023) que, através de literatura teórica, da prosa e da poesia defende o termo “geopoética”. Segundo White (2023), a natureza alcança um plano superior na temática literária. Através da poesia e da narração, pretende compreender “as estruturas [que] se criam, espontaneamente, em todas as escalas e em todas as partes da natureza, incluindo a humana” (White, 2023) enquanto desenvolve uma cultura ambiental.

Neste sentido, Carvalho, Alves e Luz (2024) afirmam que a contemplação e o estudo da paisagem oferecem a oportunidade de ir além do seu aspeto estético, pois é através das observações paisagísticas que o leitor toma consciência da diversidade geográfica existente no território, a qual influencia a relação humana com a natureza e faz com que o Homem tenha de se adaptar aos elementos naturais. Um pensamento partilhado por Michel Collot (2013) quando afirma:

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, a interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, o indivíduo e da sociedade. (Collot, 2013, p. 4)

Harcourt faz questão de deixar este cenário ao leitor, quando descreve os “poios”:

Your see with your unaccustomed eyes, mountains, rees, sky, at first in unarranged proportions: by degrees things begin to take their places, and you tremble on the brink of an abyss that yawns below you, and points with jagged fingers, uplifted six thousand feet, to a clear blue heaven that seems to smile at your puny wonder. (Harcourt, 1851, p. 11)

Segundo Alves (2020), os ilhéus são aqueles que com o seu “suor de homens que vieram do mar, abriam rugas na terra, subiram as encostas e plantaram.” (Alves, 2020, p. 165). Uma encosta que se vê organizada em degraus com os seus “poios”⁴⁴ colaborando

⁴⁴ Poios é o regionalismo usado para descrever os pequenos socalcos de terra cultivados nas encostas das montanhas da Ilha da Madeira. De acordo com Branco (2019) e Ribeiro (1985) os “poios” foram fundamentais para a sobrevivência da população rural da Ilha da Madeira, Segundo Ribeiro (1985): “Os poios cobrem toda a superfície cultivada. Sobem desde o litoral até 700 ou 800 metros de altitude.” (Ribeiro, 1985, p. 80). Sediados nas zonas mais altas e no interior da ilha, a sobrevivência da população dependia também das plantações. Na construção destes terrenos era tido em conta a inclinação, de modo a reter mais a água para rega, como referem Ribeiro (1985) e Branco (2019).

não só com uma paisagem distinta em cor, mas também erguida pelos homens e mulheres, para que no terreno sinuoso conseguissem plantar alimentos para a sua sobrevivência, como refere Claude Raffestin, intervenções humanas que influenciam “o território, que [poderão], talvez, tornar-se paisagem” (Raffestin, 2008, p. 23).

Estes testemunhos permitem fundamentar a resiliência humana numa Ilha rodeada por mar, mas que também vive das suas plantações no interior. Numa Ilha montanhosa, cultivar torna-se um desafio, pelo que os ilhéus, ao conhecerem e experienciarem a topografia e o clima da Ilha, usaram-na em seu favor.

Roberto Lobato Corrêa (2012) refere que, nos finais do século XIX, inícios do século XX, a paisagem passa a ser analisada pelos estudiosos tendo em conta a sua morfologia. O modo como foram construídas suas estradas, as suas formas no meio urbano e rural e as funções a que foram destinadas são aspetos que sobressaem nas observações da época. Segundo o autor, as suas construções ligam-se com o estilo de vida do homem, “gerando um quadro integrado e funcional para a vida de um grupo que ali vive e que criou, nas sociedades longamente enraizadas, um gênero de vida” (Corrêa, 2012, p. 30). Trata-se de uma leitura contemporânea que poderemos dar *A Sketch of Madeira*, no qual o autor refere que a orografia da Ilha e a morfologia terrestre obriga a desvios e curvas na abertura dos caminhos e dos percursos entre a paisagem, como menciona Harcourt:

The road now assumes a different character: heretofore we have ascended and descended hills, steep enough, surely, and trodden roads that seemed slipeery and hard enough: but now we long for such again; large loose stones and solid rocks have taken their place; a perpendicular cliff is above you on one side, a precipice below you on the other: one start of your horse would be fatal. walking is out of the question [...] A zigzag road leads down to the bottom, where the scene is varied by cottages, gardens, and plantations. (Harcourt, 1851, p. 12)

Uma orografia rubricada pela mão do ilhéu, consciente dos perigos que a precedem, como as referências que Harcourt faz ao Pico Grande, um lugar com um “pure invigorating air” (Harcourt, 1851, p. 12), onde os seus habitantes prontamente alertam os visitantes para o perigo da altitude de certos lugares como Cabo Girão:

venda of Cape Girão...the party now preceeds to look down the precipice. The first sensation on looking straight down a height of two thousand feet, is a slight quiver through your frame [...] Groups of peasants soon collect together, and hurl fragments of rock down the cliff to show you how they are in reaching the bottom. (Harcourt, 1851, p. 13)⁴⁵

A Ilha apresenta-se, assim, marcada pela construção humana, “uma paisagem [...] acompanhada pelo indivíduo (Collot, 2012, p. 12), quase absorvida pelo homem, criando os tais fenómenos de solidariedade entre “paisagem percebida [...] e aquele que olha” (Collot, 2012, p. 2).

A escrita de Harcourt seduz com a descrição dos diversos recantos da Ilha, o leitor toma consciência da paisagem enquanto horizonte humano, uma paisagem que deixa o ilhéu definir-se como “ser-no-mundo” (Collot, 2012, p. 12). As exposições ao longo dos percursos tornam-se a cada linha animadas, afirmando uma dinâmica insular capaz de travar uma luta com a Ilha pela sobrevivência do seu povo, como podemos ler:

There are patches of cultivated ground by the sea-side below, and one cannot but fancy that this practice of stone-rolling might be attended with results beneath, of a different nature from what the students of the laws of attraction above might desire. At the bottom of the cliff, stones are quarried at some peril, for building purposes. Frail ladders are the only means by which the quarry can be reached. All the “*cantaria molle*”, both red and gray, is quarried here; the “*cantaria rija*” comes from the parish of the Estreito de Camara de Lobos. (Harcourt, 1851, pp. 13-14)

Cristina Brito (2022) afirma que as investigações históricas, com foco nas Humanidades Azuis, permitem “compreender os desafios da vida humana na terra” (Brito, 2022, p. 460). Neste contexto, Harcourt, através da descrição paisagística da Ilha, mostra um povo que, na sua conduta diária, exhibe trabalhos árduos, em caminhos tortuosos e incompreensíveis do ponto de vista de um estrangeiro, mas que faz da ilha da Madeira um lugar exótico e único, envolto numa “*multi – diversidade* [com] a vertente ecológica em estreita relação com a cultural [...] com concepções teóricas e artísticas da natureza humana” (Brito, 2022, p. 461)⁴⁶.

⁴⁵ O itálico na citação faz parte do texto original.

⁴⁶ O itálico na citação está de acordo com o texto original.

De acordo com Oppermann (2013) a paisagem deixa uma sensação única no observador. Através da contemplação da natureza, qualquer ser humano atento poderá compreender, não só o espaço físico que o rodeia, as suas infraestruturas e as suas camadas orográficas, mas também vidas e quotidianos, como explica: “nature’s polychromatic expressions deeply impact life and constitute its multivalente cultural narrative” (Oppermann, 2013, p. 3).

Também Claude Raffestin (2008) teoriza que a “evolução coincide com uma transformação significativa do espaço natural, primeiramente, caracterizado sobretudo pela floresta e, depois, cada vez mais humanizado.” (Raffestin, 2008, p. 22). Um facto presente em toda a descrição que Harcourt faz da Ilha da Madeira e da sua paisagem. O habitante modifica a paisagem natural da Ilha para a sua sobrevivência, tornando-se “produtores de paisagem” (Raffestin, 2008, p. 23)

Neste sentido, as excursões e passeios que Harcourt refere, não deixa nenhum sítio à beira-mar ou no interior esquecido e entrega ao leitor uma nova paisagem transformada e humanizada, que deleita a visão de quem a contempla. Machico é romanticamente descrito com as encostas cobertas de “vineyards, white *quintas*, and straw-tatched cottages” (Harcourt, 1851, p. 15) e “Mounting to Portella, which is a sort of natural gateway hewn in the ridge of rocks, you obtain a glorious view on all sides” (Harcourt, 1851, p.15), publicitando uma serie de atividades e estilos de vida madeirenses.

O Norte da Ilha também é referido, na alusão que Harcourt faz a São Vicente, que oferece “the most striking features and grandest development of its scenery” (Harcourt, 1851, p. 17) e a Boaventura, com uma viagem fastidiosa e longa, mas seguramente recompensada com a “grandeur of the views” (Harcourt, 1851, p. 20).

A paisagem da Ilha muda conforme a altitude e o afastamento do litoral, uma circunstância mencionada por Branco (2019), quando refere: “A altitude traz mudanças nas condições de crescimento das plantas [...] a vegetação não é idêntica á do litoral, pois a humidade do lado norte é superior [...]” (Branco, 2019, p. 31). Este detalhe é também mencionado por Orlando Ribeiro (1985) no que concerne o clima madeirense: “O clima da Madeira determina a fisionomia do conjunto da sua vegetação” (Ribeiro, 1985, p. 39).

Circunstância que podemos ler em Harcourt quando descreve o Pico Ruivo, o pico mais alto da Ilha: “Passing through beds of furze, bilberry, and heather, you have some of the most magnificent views in the island, and look down on all sides on a grand variety” (Harcourt, 1851, p. 21).

O clima e a posição geográfica da Madeira fazem com que na Ilha exista uma paisagem que resiste e se renova com o passar dos anos (Ribeiro, 1985).⁴⁷ O ilhéu transformou a Ilha, ao intervir na natureza para o seu bem-estar. Algumas dessas intervenções perduraram no tempo, como algumas espécies florestais e as levadas, que se enquadraram na paisagem e trouxeram equilíbrio físico e emocional ao habitante. Outras interferências humanas foram devastadas pela força da natureza, como podemos constatar quando Harcourt descreve o dilúvio de 1803:

About once in every twenty-five years the island is subject to deluges, which do great damage to the country. In 1803 there was a flood of this nature: the water came down with so much violence as to give rise to the conjecture that a water-pout had broken over the mountains. Whole houses were washed into the sea with their inmates, and upwards of five hundred souls were said to have perished in Funchal alone. (Harcourt, 1851, p. 44)

Ao lermos o primeiro capítulo de *A Sketch of Madeira* (1851) de Edward Vernon Harcourt com um olhar contemporâneo e com uma aproximação ecológica, deparamo-nos com uma natureza influenciada pela ação humana ao longo do tempo. A paisagem descrita por Harcourt não parece a mesma da atualidade. Relembramos um povo que cedo se adaptou à orla costeira e construiu um património económico e marítimo em consonância com o Oceano Atlântico, vivendo ao ritmo do mar. Uma sociedade que foi autora de novos “sistemas eco-culturais [...], transformações sociais e ecológicas” (Brito, 2022, p. 460)

O sub-género literário da literatura de viagens oferece ao leitor obras que o levam a recordar a Madeira de outrora e o ajudam a formar a identidade cultural madeirense, como refere Antunes (2010): “A literatura forma a nossa memória cultural, mas também a “reforma”, porque se constitui um meio de transmissão e preservação de padrões de pensamento, sentimentos e condutas” (Antunes, 2010, p. 205).

De igual modo, ao observarmos detalhadamente a linguagem a que o autor recorre para descrever a Ilha, o mar que a circunda e a sua paisagem, temos do ponto de vista literário um poema *écfrástico* do panorama insular.

47 Segundo Orlando Ribeiro (1985), “A Madeira [...] recebendo chuvas abundantes que permitem sustentar, graças à irrigação uma agricultura intensiva, muito densa, conservando ainda vestígios de uma espessa cobertura florestal, largamente renovada com outras espécies, e [...] que constitui um dos seus encantos.” (Ribeiro, 1985, p. 14).

Esta análise à luz das Humanidades Azuis deixa transparecer na obra uma fonte científica relevante para os estudos culturais, pois é esta relação com o mar e o interior da Ilha, que dará ao leitor o retrato de um quotidiano insular, num contexto distante, e lhe permitirá reavivar a memória da Ilha da Madeira de 1851, como refere Ana Isabel Moniz (2023): “A expressão memorial ganha o poder de (re)construir a identidade, configurando e moldando o futuro a partir de um passado” (Moniz, 2023, p. 13).

A paisagem e a natureza da Ilha da Madeira assumem-se como símbolos naturais, que se vão distanciando das visões antropocêntricas defendidas por muitos teóricos, incorporam elementos fundamentais que contam a história humana. Como menciona Mitchell (2002) a paisagem surge “not as an object to be seen or a text to be read, but as a process by which social and subjective identities are formed” (Mitchell, 2002, p. 1).

A Sketch of Madeira (1851), através da descrição paisagística da Ilha, demonstra o que é ser ilhéu, um livro que perfila conteúdos históricos, trazendo para o presente as origens do povo madeirense, como referem Costa e Nascimento (2021): “Literary works not only represent parts of reality but also sources of research, sources that reveal information about the human condition” (Costa & Nascimento, 2021, p. 3).

Neste sentido, na análise que faremos nos próximos capítulos, propomo-nos abordar *A Sketch of Madeira* (1851), de Edward Vernon Harcourt numa perspetiva de um tratado insular sobre cultura madeirense, com o qual, tendo em mente as Humanidades Azuis, traremos para a contemporaneidade as sofisticções de um povo, a sua cultura local, as suas práticas económicas, a sua organização demonstrando que Harcourt, através da sua obra, devolve-nos uma “narrativa histórica que [inclui] o ser humano como agente ativo no processo ecológico” (Brito, 2022, p. 463) da paisagem humana madeirense.

2. A cultura insular madeirense: entre a história e a memória

Cristina Brito (2022) defende que os estudos humanistas com foco ecológico são fundamentais para escrever a História humana (Brito, 2022, p. 459). Neste sentido, a perspetiva histórica, proporcionada através de uma narrativa como a de Harcourt, tem um papel fundamental nesta área de investigação, pois irá facultar a descrição de uma comunidade que, neste caso particular, se situa numa Ilha rodeada por mar. Esta circunstância condiciona as suas experiências, define a sua identidade e determina

psicologicamente e socialmente como esta comunidade, sofrendo as características da insularidade, se relaciona com o mundo exterior ou com o visitante estrangeiro.

Rodrigues (2015) fundamenta que as ilhas muitas vezes funcionam com “um centro alternativo” (Rodrigues, 2015, p. 174). Uma circunstância que se vê plasmada no livro *A Sketch of Madeira visitor* (1851). Harcourt descreve a Ilha da Madeira de oitocentos, para um público inglês. Uma Ilha do século XIX no meio do Atlântico, que se configura como um refúgio à doença, à vida citadina continental como um espaço de lazer ou uma alternativa para um novo de estilo de vida.

Para apresentar a Ilha da Madeira aos leitores, Harcourt organiza a obra em seis capítulos principais: “A description of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 1), “Miscellaneous information” (Harcourt, 1851, p. 25), “On climate and vital statistics of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 37), “On history, government, and manners of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 57), “On agriculture of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 93), e “On the natural history and geology of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 111).

Numa análise atual, poderíamos afirmar que a composição do índice e a sua organização descreve o fenómeno insular madeirense como uma região rica em “matéria-prima sobre a qual o homem trabalha, socialmente, para produzir o território que resulta, eventualmente, mais tarde, por intermédio da observação, ‘em uma paisagem’” (Raffestin, 2008, p. 17) madeirense.

Neste contexto, Harcourt leva-nos a uma exposição exaustiva sobre diversos assuntos como: a descrição do panorama madeirense, chegar e viver na Ilha da Madeira, as comodidades necessárias para residir e experienciar a Madeira, como se desenvolve e está organizado o quotidiano insular, o clima, a agricultura e informações sobre a História natural da Ilha, uma exposição que do ponto de vista das Humanidades Azuis representa “narrativas históricas que incluem o ser humano como agente activo no processo ecológico” (Brito, 2022, p. 463).

De igual modo, seguindo os fundamentos propostos por Cristina Brito (2022), esta obra expõe ao leitor contemporâneo uma interlocução cultural sobre a Ilha da Madeira. Harcourt descreve uma dinâmica insular e das suas gentes, apresentando ao leitor “o conhecimento do *outro*⁴⁸” (Brito, 2022, p. 460). Uma divagação estrangeira sobre uma coletividade do ano de 1851, que construiu os primeiros passos de um turismo sustentável,

⁴⁸ Sublinhado do autor.

onde o respeito e a inclusão pelo visitante está plasmada numa sociedade, que se aplicou para envolver uma nova cultura e uma “empatia por *todos*”⁴⁹ (Brito, 2022, p. 460).

Por outro lado, Harcourt devolve ao leitor a visita a um “lugar de memória” (Nora, 1993, p. 7) e a literacia necessária para que o visitante se possa integrar e conhecer os hábitos e costumes madeirenses. Trata-se, pois, de um diálogo sobre a Ilha da Madeira que exploraremos como um tratado da cultura insular madeirense.

Após uma nota introdutória sobre a importância do livro no contexto britânico, Harcourt destina o primeiro capítulo intitulado “A description of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 1) à descrição da paisagística da Ilha da Madeira. Uma análise sobre a qual já nos debruçamos no capítulo 1.3 desta dissertação. Ao usar uma linguagem emotiva e elogiosa (Collot, 2012), Harcourt descreve o panorama madeirense na sua plenitude (Westpahl, 2017), uma observação sobre a paisagem natural da Ilha de 1851 que coloca a Madeira no topo das ilhas com paisagens bucólicas capaz de surpreender os mais distraídos.

É, assim, uma descrição que, do ponto de vista histórico, constrói a imagem da Madeira envolta numa diversidade quer no litoral quer no interior da Ilha (Stratford, Baldacchino, & McMahon, 2023), como quando Harcourt descreve:

the appearance of the island [...] It consists of a mass of mountains [...] The whole coast is composed by cliffs [...] abrupt and lofty in their general character on the north side of the island, and of a lower smoother aspect in the south. (Harcourt, 1851, p. 24)

A orografia exigente influencia o modo de vida dos ilhéus, moldando a sua identidade e afirmando a cultura insular madeirense como única no Atlântico (Ritson, 2020), com um povo que resistente, que atravessa uma Ilha singular para conseguir sobreviver, como podemos ler:

Men, women, and children, [...] amid soaking mists and piercing blasts in the mountains, carry down their burdens [...] into the warm town for sale, and then return to their cold mountain dwellings. (Harcourt, 1851, p. 50)

Após a exposição paisagística da Ilha da Madeira, Harcourt tem o cuidado de informar o leitor sobre alguns acontecimentos ligados à História da Ilha. O autor, no

⁴⁹ *Ibidem*.

quarto capítulo intitulado “On the History, Government, and manners of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 57), refere o descobrimento da Ilha pelo Império Romano, conduzindo o leitor por um périplo através do livro *The voyage of Hanno* de Thomas Falconer (1750). Parte de um texto romano, este relato editado e republicado em língua inglesa faz alusão às “*Purple Islands*” (Harcourt, 1851, p. 59), as quais, segundo Harcourt, se referem às ilhas do Arquipélago da Madeira, como menciona: “But if we are certain that the *Fortunate Islands* of Juba are the same with our Canaries, in that case it is impossible not to identify also his *Purple Islands* with our *Madeiras*.” (Harcourt, 1851, p. 59).⁵⁰

Harcourt fornece uma descrição fundamentada na tradução de Falconer (1850) através de coordenadas geográficas, como podemos ler:

The latitude of 29 degrees, assigned by Ptolemy to this island, agrees best with that of the *Salvages*⁵¹; whilst the latitude of 32 degrees, which his tables give [...], corresponds perfectly with that of Madeira; (Harcourt, 1851, p. 60)

Harcourt continua a sua exposição, fazendo alusão à redescoberta da Ilha, numa menção à *História Insulana das ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental*⁵² (Cordeiro, 1717), escrita pelo Padre Antonio Cordeiro da Companhia de Jesus. O autor direciona o leitor para a obra referida, numa nota de rodapé facultando a respetiva referência bibliográfica: “Livro III, Das Ilhas do Porto Santo & Madeira, p. 62, Lisb. 1717”⁵³ (Harcourt, 1851, p. 61).

Da sua explanação histórica são também mencionados os seguintes eventos: a expedição de “João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira” (Harcourt, 1851, p. 61) em 1419, data que figura na História como o ano oficial da descoberta da Ilha da Madeira, a passagem pelo “Cape Bojador” (Harcourt, 1851, p. 62), uma alusão à história da Lenda de Machim: “History of Machim” (Harcourt, 1851, p. 64), a primeira administração ao cuidado de “Gonçalves Zarco” (Harcourt, 1851, p. 65), sem esquecer a elevação do Funchal a cidade em 1508 (Harcourt, 1851, p. 66), as invasões pelos corsários franceses em 1566 (Harcourt, 1851, pp. 66-67), o domínio espanhol em 1580 (Harcourt, 1851, p.

⁵⁰ O itálico usado na citação faz parte do texto original.

⁵¹ O itálico na citação faz parte do texto original.

⁵² Temos acesso à versão digital, disponibilizada pela Biblioteca Digital Hispânica. Vide <https://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000092542>.

⁵³ Na versão digital da Biblioteca Digital Hispânica, encontramos o capítulo mencionado por Harcourt na página 75, como podemos verificar no seguinte link: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000092542&page=1>

67) e a colonização da Ilha da Madeira por parte dos ingleses entre 1801 e 1807 (Harcourt, 1851, p. 67), a qual resultou na fixação de muitos comerciantes ingleses na Ilha. Estes acabam por constituir uma comunidade estrangeira que se estabeleceu na Madeira, influenciando e desenvolvendo positivamente a economia, nomeadamente o comércio do vinho, dos bordados e da navegação, como referem Paulo Miguel Rodrigues (2008) e Desmond Gregory (1988).

Esta contextualização em que Harcourt investe na obra coloca a Ilha da Madeira como um destino importante no Atlântico desde o seu descobrimento. De igual modo, a menção à colonização inglesa contribui com uma base histórica para a exposição que Harcourt fará sobre a população inglesa já radicada na Ilha da Madeira, a qual se tornará responsável pelo desenvolvimento da economia e de comodidades já instauradas na Ilha para o visitante inglês em 1851. Ao mesmo tempo, o texto apresenta uma organização que possibilita ao leitor contemporâneo relembrar os primórdios da Ilha da Madeira eternizando-a na “memória [...] [através de] uma representação do passado” (Vieira, 2018, p. 4).

Após este périplo, Harcourt dá a conhecer a organização da vida insular madeirense, o seu povo, seus costumes, sua vida cultural, tradições e fornece os esclarecimentos necessários para que seja possível uma larga estadia na Ilha por parte do turista inglês. Trata-se de uma verdadeira correlação de informações, de uma organização “macro-textual” (Outeirinho, 2008, p. 311) e, por vezes, de uma “escrita fragmentária por uma intencionalidade” (Outeirinho, 2008, p. 309), um estilo típico da literatura de viagens no século XIX, no qual o autor escreve de forma intermitente (Outeirinho, 2008, p. 311), deslocando-se “ com frequência sem transição, da nota histórica, lendária ou própria do guia do viajante [para a descrição da] paisagem humana” (Outeirinho, 2008, p. 312), oferecendo uma leitura dinâmica da cultura madeirense, enquanto inclui o leitor britânico numa cultura distinta da sua.

2.1 Fragmentos da organização insular madeirense: chegar e viver na Ilha da Madeira

O segundo capítulo de *A Sketch of Madeira* (1851) é dedicado a informações várias de como chegar e viver na Ilha. Uma calátide elaborada com o objetivo de minimizar os

estereótipos muitas vezes estabelecidos em relação aos espaços insulares com conceitos negativos como “Islandness” (Conkling, 2007, p. 192).

Em 1851, a Madeira já estava familiarizada com a presença britânica na Ilha, fruto das várias investigações científicas de naturalistas e de climatólogos britânicos, que dedicaram os seus estudos à Madeira de modo a conseguir encontrar uma estância capaz de ajudar no tratamento de doenças pulmonares e uma alternativa aos meses frios do inverno europeu. A posição geográfica no Atlântico, em relação ao território continental europeu, colocava a Ilha da Madeira, num panorama de “remoteness [...] Islandness [...] isolation” (Ronström, 2021, p. 271) em relação às estâncias terapêuticas mediterrânicas, pelo que o acesso à Madeira se adivinhava moroso, quer para doentes, quer para aqueles que se propunham a uma paragem de lazer.

No entanto, de acordo com Gillis (2001) uma longa viagem marítima nem sempre tem uma conotação negativa, já que uma viagem a lugares distantes se torna potenciadora de reintegração física e psicológica do viajante, desconstruindo o conceito de “remotness” (Gillis, 2001, p. 47) como negativo ao referir que “starting, stopping, and waiting are all part of construction of remoteness. Getting there must be something of an adventure, a test [...] that transports the traveller mentally as well physically” (Gillis, 2001, p. 47).

Segundo Conkling (2007), “Islandness” (Conkling, 2007, p. 192) pode ser entendido como uma “construction of the mind” (Conkling, 2007, p. 192) em relação às existências insulares. Para o investigador, este conceito de insularidade está associado a experiências intensas e negativas, resultantes do isolamento físico de uma ilha, que se encontra distante do continente e rodeada por mar. No entanto, defende que a insularidade deverá ser encarada como um fenómeno metacultural identificador das comunidades insulares, ajudando a definir a sua identidade resiliente perante as pressões económicas a que são muitas vezes obrigadas a enfrentar (Conkling, 2007, p. 200).

Por sua vez, Beate Ratter (2021) afirma que “Islandness is not about isolation, but very much about connection, relying on a high degree of mobility and flexibility of island population” (Ratter, 2021). O que significa que mais do que uma condição de isolamento, o conceito de insularidade pode ser entendido como um fenómeno metacultural que estimula a identidade coletiva, moldada por redes de relações, de trocas e de mobilidades.

Na obra, o leitor contemporâneo vê Harcourt desmistificar este estado de espírito em relação à Ilha da Madeira. Num relato discursivo e orientador, fornece aos interessados todas as informações importantes sobre como chegar à Ilha, resolvendo o enigma das ilhas como territórios ancorados e isolados na vastidão oceânica e destacando

uma rede comunicacional marítima pré-estabelecida entre o Arquipélago da Madeira e o continente europeu. Facto comprovado com a adição de um apêndice na obra intitulado “Tables of Navigation” (Harcourt, 1851, p. 169), um suplemento que vem dar à aristocracia inglesa a possibilidade de viajar com *Yachts*, como podemos ler:

The subjoined tables of navigation, with which I have been favoured by Mr. Caldbeck, commander of the Madeira packet “Brilliant”, may prove interesting and usefull to such as contemplate a yacht voyage to Madeira. (Harcourt, 1851, p. 168)

Uma informação complementada com uma tabela, intitulada “Table of courses and distances” (Harcourt, 1851, p. 171), Figura 11, na qual se encontram distribuídos os diferentes portos do Reino Unido, latitudes, longitudes, percursos e distâncias geográficas.

No século XIX, a comunicação marítima entre a Madeira e o Reino Unido organizava-se desde “London, Portsmouth, Southampton” (Harcourt, 1851, p. 25), sem dias fixos estabelecidos, mas com datas preanunciadas no “*Times*” (Harcourt, 1851, p. 25). Uma estrutura de transportes estabelecida entre as duas regiões, já em 1851, com o objetivo de minimizar as desvantagens da Ilha da Madeira, em relação às suas homónimas europeias continentais, como Itália e França, detentoras de meios de transportes mais velozes e avançados, como referido por Matos (2016).

Embora o meio de transporte fosse o barco a vapor, pelas informações fornecidas por Harcourt, os longos dias de viagem marítima para a Ilha ofereciam boas condições: “The trading brigs which ply between London, Portsmouth, Southampton and Madeira are very commodious” (Harcourt, 1851, p. 24).

Com rotas marítimas destinadas ao turismo, será lógico pensar que na Ilha da Madeira já existia uma espécie de economia habitacional, uma vez que nessa época não havia hotéis destinados a receber estes hóspedes estrangeiros, principalmente aqueles que sofriam de doenças respiratórias. Estas habitações situavam-se nos “suburbs of the town” (Harcourt, 1851, p. 27), perto dos transportes e comodidades, permitindo ao leitor construir uma visão urbana do Funchal e aos visitantes usufruir do clima limpo e ares marítimos mencionados no capítulo 1.3 desta dissertação. Segundo Harcourt, “Lodgings in Madeira are plentiful and good” (Harcourt, 1851, p. 26).

De igual modo, tendo em vista o bem-estar dos doentes, as habitações destinadas ao turismo terapêutico ou de lazer cumpriam o princípio de providenciar o bem-estar

físico e emocional dos hóspedes, com casas unifamiliares de arredores cuidados e ajardinados, como a denominada “*Quinta*”⁵⁴ (Harcourt, 1851, p. 27), nas quais “every English comfort is provided” (Harcourt, 1851, p. 27).

Estamos perante um tipo de primórdios de uma rede de alojamento local destinada ao viajante inglês. Uma explicação que o autor aprofunda quando aconselha o tipo de habitação destinado às grandes famílias: “For a family, the most comfortable plan is to take a *Quinta*, that is to say, a as house with a garden, standing in the suburbs of the town” (Harcourt, 1851, pp. 26-27) ou àqueles que viajam sozinhos: “For single persons the boarding-houses are least troublesome, as well as most economical; a bed-room, sitting-room, attendance, and a board” (Harcourt, 1851, p. 27). O autor fornece informação complementada com os preços para cada tipo de habitação e os vários serviços que podem ser adquiridos: “If a *Quinta* is taken, a supply of servants, board, plate, and linen, may be procured at a given rate” (Harcourt, 1851, p. 27).

Segundo Silva & Meneses (1998), com o aumento do turismo na Ilha da Madeira no século XIX, circulavam na Ilha várias moedas estrangeiras, como a moeda inglesa, americana, espanhola e mexicana. Uma circunstância referida por Harcourt, numa exaustiva explicação do valor monetário da moeda insular em relação à libra inglesa e restantes moedas europeias e mundiais como podemos ler:

The Mexican dólar, the American half-dollar, and smaller spanish silver coins, are most commonly used in Madeira. The money is all reckoned by an imaginary standard called a *ree*, which is equal to about the one-twentieth part of a penny. *Cem reais*, which the Portuguese call a *tostaó*, and the English a *bit*, equal fivepence; two of these coins, equivalent to a French *frane*, the English call a *pistareen*; they are represented

⁵⁴ Segundo Cabral do Nascimento (1954), ter a oportunidade de habitar uma Quinta madeirense “é imolar-se à pura beleza da paisagem” (Nascimento, 1954, p. 112). No entanto, o significado de “Quinta” não se refere a uma “propriedade rural, com moradia” (Houaiss, Villar, & Franco, 2003, p. 3062), mas sim a “uma unidade territorial que associa objectivos económicos e recreativos e é formada por três componentes inseparáveis: a casa [...] os jardins [...] e a área agrícola e/ou a mata” (Quintal, 1986, p. 113), numa zona urbana, pertencente a famílias abastadas e que eram alugadas a estrangeiros. Deste modo, a terminologia usada por Harcourt: “*Quintas*” (Harcourt, 1851, p. 27), comum na comunidade inglesa que visitava a Ilha da Madeira, pode ser encarada como uma transposição da vida rural para a vida citadina, equiparando as “*Quintas Madeirenses*” às “*villas*” da aristocracia britânica e consideradas pela aristocracia como o lugar idílico para descansar, recuperar e disfrutar perto de todas as comodidades da cidade do Funchal. Para mais informações na sobre as Quintas Madeirenses ler também o artigo “A propósito das casas Madeirenses” de Rui Campos Matos (2008) para a *Revista Islenha*, n.º 43, pp. 117-136.

respectively, as far as currency is concerned [*Mil reis*, or *patáca*, is the name applied to dollars [...]]” (Harcourt, 1851, p. 28)

Este excerto descortina a “*ree*”, o “*tostaó*” e as moedas estrangeiras como moedas de circulação permitidas por lei na Ilha da Madeira do século XIX.

Neste contexto, Rita Martins Sousa (2004) refere que nessa época a Ilha da Madeira, como região periférica, ainda não tinha uma moeda conjunta com Portugal Continental, pelo que a Ilha só integrou a “união monetária [de Portugal] [...] em 1879” (Sousa, 2004, p. 2). Até essa data, circulava a “moeda insulana ou moeda fraca” (Sousa, 2004, p. 5), uma moeda com um valor monetário mais baixo que a de Portugal Continental que, por sua vez, detinha a chamada “moeda forte” (Sousa, 2004, p. 5). A circulação da “moeda forte” portuguesa na Ilha era escassa, prevalecendo ainda, em 1851, a troca de produtos como forma de adquirir bens essenciais, além de ser uma moeda de valor nominativo baixo em relação ao mercado europeu. Um facto que nos remete para o argumento de Grant McCall (1994), quando menciona que um ilhéu representa um “second class citizen” (McCall, 1994, p. 106) para quem está responsável pela sua organização política e económica.

Este era um contexto económico precário, que faz surgir na economia insular a circulação de moedas estrangeiras, de forma a fazer face às necessidades sociais e comerciais islenhas. Do ponto de vista do leitor britânico, ao receber esta explicação de Harcourt, torna-se reconfortante saber que a sua estadia na Ilha será bem assegurada e que a sua moeda tem um valor alto para fazer face às necessidades do quotidiano insular.

Deste conjunto de esclarecimentos, Harcourt adiciona informações acerca do preço e onde comprar os bens essenciais na Ilha, como o “English bread” (Harcourt, 1851, p. 29), os mercados locais e o vestuário necessário para um inglês, que segundo o autor: “A common English wardrobe, with the addition of a few lighter articles and a waterproof covering for the mountain, suffices for clothing” (Harcourt, 1851, p. 29). Esta é uma informação que nos remete para a vinculação da comunidade britânica já instalada na Madeira. O facto de já haver certos bens essenciais para cobrir os gostos e hábitos britânicos alicerça uma sociedade britânica inserida na vida e na economia madeirense.

Os transportes terrestres são também uma das informações fornecidas pelo autor sobre o quotidiano madeirense. Ao longo do primeiro capítulo, já analisado no ponto 1.3 da nossa dissertação, Harcourt menciona os meios de transporte para as excursões à volta da Ilha e completa toda essa informação no capítulo “Miscellaneous information”

(Harcourt, 1851, p. 25), uma imagem rica em intervenção humana, que não só desenvolve a Ilha socialmente, como também nos dá a conhecer a real “simbiose entre o mundo agrícola e o mundo urbano” (Raffestin, 2008, p. 19) madeirense de oitocentos.

Devido à difícil orografia insular, o madeirense sempre teve de se adaptar, transportar bens, se deslocar pela Ilha da Madeira a pé ou criar meios de transporte para a realidade que se apresentava. Como autor de “novas paisagens-territórios” (Raffestin, 2009, p. 24), o ilhéu produz uma nova dimensão humana, capaz de ultrapassar os problemas de mobilidade territorial, arquitetando uma forma única civilizacional da vida quotidiana insular.

Segundo Iolanda Silva (1983), “O homem madeirense empenhou-se [...] na solução do problema de transporte e comunicações. Transportando ao ombro ou à cabeça as suas cargas, com ou sem ajuda de bordão” (Silva, 1983, p. 34), um povo que se destaca devido às circunstâncias insulares, como menciona Ronström (2021): “the more distinctively different environment, the more distinctively different its population” (Ronström, 2021, p. 272).

Ao informar sobre as particularidades dos meios de transporte na Ilha, no capítulo “A description of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 1), o autor faz, igualmente, referência aos transportes marítimos, que proporcionavam excursões ao longo da costa, para o “Cape Girão [...] Ponta do Sol [...] Santa Cruz, Machico and Caniçal” (Harcourt, 1851, p. 16). Segundo o autor, “The boats in Madeira are excellent” (Harcourt, 1851, p. 31) e todas as viagens pela ilha de barco ofereciam “pleasant excursions” (Harcourt, 1851, p. 16). Tratava-se, assim, da economia marítima a contribuir para um cartaz turístico paisagístico da Ilha, que demonstra a capacidade insular de aproveitar os visitantes estrangeiros e encontrar um mercado de desenvolvimento económico e provedor de novos postos de trabalho.

De igual modo, para experienciar a paisagem madeirense, o autor menciona: “The scenery of the island is best seen on foot or on a horseback” (Harcourt, 1851, p. 7). Harcourt insiste que um cavalo é um animal indispensável para quem passa uma larga temporada na Ilha, pois refere que: “The horse is an almost indispensable part of the establishment of visitors to Madeira” (Harcourt, 1851, pp. 29-30), sendo possível alugar ou comprar, pelo que informa também os preços para cada ocasião. Ao explicar como funciona a compra de cavalos, não só faz várias comparações de preços, referindo que será sempre mais barato comprar, como refere que: “The most economical plan is to buy

your horse on first arriving” (Harcourt, 1851, p. 30), como também informa sobre a alimentação dos cavalos, onde adquirir e o preço.

Estamos perante uma conjuntura, fundamentada também pela historiadora Iolanda Silva (1983), que no seu artigo sobre a história dos transportes madeirenses acrescenta que na Ilha da Madeira do século XIX, os cavalos eram de “importação” (Silva, 1983, p. 34), custavam “300 reis por hora incluindo o uso do burruqueiro” (Silva, 1983, p. 34) e eram também utilizados para “Transporte de mercadorias”(Silva, 1983, p. 34).

Outro meio de deslocação usado na Ilha eram os carros de bois que, segundo Harcourt “ Oxen are often employed to drag them on shore. These animals convey all heavy goods” (Harcourt, 1851, p. 32). Um transporte orientado pelos habitantes, que vem contribuir para a sua identidade cultural na forma como usam os animais para facilitar o seu dia-a-dia. De igual modo, esta actividade provoca, através da descrição de Harcourt, comentários à conduta e modo de falar madeirense, como quando comenta: “These men make most unearthly noises and screams, which are intended to encourage the team. ‘Ca para Mem Boi’ is a familiar sound to all who have visited Madeira” (Harcourt, 1851, p. 32).

Estamos perante uma sociedade que adapta os meios de transporte para servir ao visitante inglês durante a sua estadia na Ilha. Já com uma comunidade britânica inserida, devido à colonização e às relações comerciais entre ambos os territórios, os veículos usados sofrem alterações, por parte de residentes britânicos a viver na Madeira, como refere Harcourt, quando nos mostra uma imagem dos carros de bois, Figura 6, e refere que este meio de transporte foi adaptado pelo Major Bulkeley em 1848: “They have lately been made fashionable animals by introduction of oxen-cars or sledges, for human conveyance” (Harcourt, 1851, p. 32), e:

An English gentleman has lately had a sledge carrings constructed, capable of countaining four people, and drawn by a pair of oxen. It is very good conveyance for the town, where the streets are smoothly paved, but it would not answer in the rough roads of the country. (Harcourt, 1851, p. 7)

Uma menção suportada igualmente por Isabella de França (1970), aquando da sua visita à Ilha da Madeira:

Esperávamos um carro de bois. [...] É um veículo muito semelhante aos baloiços usados nas feiras de Inglaterra, montado sobre um trenó, com almofadas e cortinas [...] A ideia de adaptar estes trenós ao serviço de pessoas representa um melhoramento moderno, pois o conjunto foi introduzido há 4 ou 5 anos por um magor Bulkeley. (França, 1970, p. 52)

Os transportes terrestres na Ilha da Madeira de Oitocentos foram pensados para facilitar a mobilidade numa Ilha acentuada. Segundo Iolanda Silva (1983), os ilhéus adaptaram os seus meios de transporte às condições orográficas da Ilha da Madeira e às suas circunstâncias sociais, referindo que o “Palanquim se adaptou à vida morgadia, enquanto a rede era geralmente utilizada para o transporte de turistas e altas individualidades da Ilha” (Silva, 1983, p. 35).

Harcourt não faz uma distinção de classes sociais, mas refere os mais frágeis ou aqueles que não têm tanta mobilidade física para as distâncias, aconselhando:

For the delicate or the lazy, another mode of travelling in the mountains is in hammock, *rêde*, as the natives call it. [...] For a long journey each hammock has its relay of bearers, who go at an amazing pace. The palanquins, which are the usual town vehicles, [...] are more commodious for general use than hammocks, as admitting of an upright posture; but the framework being made of iron, they are heavy to carry, and ill adapted for long distances. A hammock enables the invalid without fatigue to take a share in those picnic excursions, friendly to health, to which the beautiful climate and country invite, and which are the favourite social recreation of visitors to Madeira. (Harcourt, 1851, p. 7)⁵⁵

Harcourt dedica também algumas linhas a informar o leitor sobre as instituições públicas, a organização governamental e judicial da Ilha da Madeira. Tendo em conta que a obra é também dirigida aqueles que podem optar por ficar a viver na Ilha e os que tinham uma saúde fragilizada, Harcourt informa sobre os hospitais na cidade do Funchal, como podemos ler:

In the capital of the district of Funchal there are the following public establishments: - a civil hospital, a military hospital, a lazar hospital, an an asylum for the poor. In each the *Concelhos* of Santa Cruz, Machico, Calheta, and Porto Santo, there is a hospital, so called. (Harcourt, 1851, p. 74)

⁵⁵ O itálico na citação faz parte do texto original.

O autor não só faz uma pequena resenha histórica e estatística do número de doentes entre os anos 1847 a 1849, como também refere os recursos humanos que os assistiam e as aulas práticas que funcionavam neste hospital para recém-formados em medicina:

The attendants in this hospital are a physician, an operating surgeon, a house surgeon. A chemist, with an assistant, besides an inspector, who has two assistants and two nurses under him. The pupils from the medico-chirurgical school receive here a practical instruction in the treatment of different diseases, in anatomy, and pharmacy. (Harcourt, 1851, p. 76)

Trata-se de uma instituição que funcionava com poucos assistentes, tendo em conta o número reduzido de doentes que tinham acesso a este estabelecimento. Uma circunstância que podemos verificar nas investigações e publicações de Rui Carita (2008), Fernando Augusto da Silva (1945), A. Bandeira de Figueiredo (1963) e Silva, Gaspar & Furtado (2021).

Os hospitais e asilos foram igualmente criados para servir não só a comunidade local, como também os estrangeiros e a comunidade inglesa a residir na Ilha, como Harcourt refere:

For many years subsequently, the English had a ward in the hospital, superintended by their own physician and surgeon. The expenses were borne by the resident British merchants in Madeira [...] Sailors and distresses foreigners are now received into the hospital, where they are provided with food, lodging, medical treatment. (Harcourt, 1851, p. 76)

Todavia, a classe mais desfavorecida da Ilha, não tinha acesso ao hospital, o autor refere que “There is no provision by law for the poor of the Island” (Harcourt, 1851, p. 77), pelo que para preencher esta lacuna social na sociedade madeirense, a Câmara disponibilizou um edifício para construir o “*Asilo de Mendicidade*” (Harcourt, 1851, p. 77), aconselhando os visitantes a apoiar esta instituição com doações financeiras. Segundo Nulita Raquel Freitas Andrade (2022), este investimento veio retirar muitos mendigos da rua, principalmente em épocas de grandes epidemias.

Para João Maria André (2012), um diálogo intercultural só existe perante uma “prática plural” (André, 2012, p. 61) e com uma coexistência pacífica dentro do mesmo território. Com um espírito de “solidariedade universal” (André, 2012, p. 61) é necessário ajustar a “forma como habitamos, com o outro” (André, 2012, p. 61). É perante este fundamento que vemos Harcourt como agente do “*ius cosmopolitanum*” (Santos, 2022, p. 98), continuando os seus esclarecimentos relativamente às instituições governamentais e judiciais.

Harcourt elabora subcapítulos informativos sobre como está organizada a sociedade madeirense, bem como informa sobre: a organização civil da Ilha da Madeira, segundo a qual um “*administrador do conselho*” (Harcourt, 1851, p. 79) está destinado a gerir cada concelho da Ilha, ficando responsável por “regulate all government expenses [...]; to secure injury the properties and rights of the crown; [...] and to promote the agricultural and industrial welfare of the people” (Harcourt, 1851, p. 79). Noutro subcapítulo, menciona as ordens judiciais - “four orders of judges” (Harcourt, 1851, p. 79), como a sociedade enfrenta a criminalidade em “criminals” (Harcourt, 1851, p. 82), sobre as leis - “Laws of inheritance” (Harcourt, 1851, p. 82), informando que “The Law applies to foreign as well as native residentes in Madeira” (Harcourt, 1851, p. 84). Harcourt clarifica, também, sobre os impostos tributados na Ilha sob as importações, “Government imposes a duty upon all imports in Madeira, except provisions” (Harcourt, 1851, p. 85), como funciona a vida militar e o processo eleitoral (Harcourt, 185, p. 88).

Numa abordagem contemporânea, podemos afirmar que estamos perante um diálogo entre culturas sustentado por Harcourt, através de uma “vertente informativa” (André, 2012, p. 61), que tem como objetivo fomentar um vínculo de equilíbrio social entre o residente e o visitante, dando a conhecer normas e valores da sociedade madeirense. Por meio de uma “ecologia de saberes” (André, 2012, p. 86), Harcourt constrói um laço de cidadania entre os habitantes madeirenses e os visitantes ingleses.

Segundo Hugo Monteiro (2022), “Cidadania é, historicamente, um conceito territorial. Diz respeito à vinculação da pessoa a um coletivo de outras pessoas, perante as quais tem direitos e deveres” (Monteiro, 2022, p. 36). Transpondo esta fundamentação para a análise da obra em estudo, poderemos dizer que Harcourt informa o leitor inglês sobre uma sociedade cosmopolita e hospitaleira, que o recebe em seu território, com todos os confortos possíveis para a sua estadia, mas também lhe atribui deveres, como podemos ler quando o autor menciona os impostos sobre as estradas:

All men, whether natives or foreigners, being permanent residents, and of suficiente age and strength to work, are obliged to contribute annually to the repairs and making of the roads, five days' manual labour, or pay one dólar for their exemption. (Harcourt, 1851, p. 89)

Erica Angliker (2021) refere que “an island, despite its apparent isolation, can be involved in multiple realtionships and networks” (Angliker, 2021, p. 65). Um fundamento que vemos plasmado na obra e nas ligações que se criaram entre a cultura madeirense e a britânica.

Segundo Benedita Câmara (2002), José Silvestre Ribeiro, enquanto governador da Ilha, teve um papel primordial no desenvolvimento económico da Madeira no século XIX. A relação comercial que a Ilha mantinha com a comunidade britânica veio contribuir para o desenvolvimento das manufacturas madeirenses, uma vez que a “escassez de meios e recursos financeiros” (Câmara, 2002, p. 203), como a indústria do bordado Madeira, na qual a “Grã-Bertanha era o grande importador” (Câmara, 2002, p. 204) ou a indústria do vime, que se tornou uma mais-valia para a Madeira, pois toda a “matéria-prima era produzida na ilha” (Câmara, 2002, p. 243).

Numa exposição das manufacturas da Ilha, o autor chega a fazer uma comparação entre os artigos produzidos na Madeira e os do Reino Unido, como podemos ler:

The manufactures of Madeira are as follow: candles; shoes; straw-hats; baskets, os every shape; chairs, of straw and wicker-work; ladies' ornamental chains made of horsehair; all sorts of woodwork, in which the joiners are very expert, especially in inlaid work of various woods, superior to that produced at Tunbridge.” (Harcourt, 1851, p. 91)

Harcourt dedica alguns capítulos da obra para informar o leitor sobre a agricultura, a história natural e a economia da Ilha. Capítulos que, lidos do ponto de vista das *Blue Humanities*, dos estudos culturais e da geografia cultural, contribuem para definir a identidade e a paisagem cultural madeirense.

Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendhal (2012) afirmam que “É pela existência de uma cultura que o território é criado; e é pelo território que uma cultura se fortalece, exprimindo-se a relação simbólica entre cultura e espaço” (Corrêa & Rosendahl, 2012, p. 13), daí que a geografia assume um papel igualmente relevante para a caracterização da identidade de uma localidade.

Segundo os autores, “Geografia cultural” (Corrêa & Rosendahl, 2012, p. 13) é a ciência que se ocupa da “relação cultural vivida entre dado grupo social [...] [e] um território” (Corrêa & Rosendahl, 2012, p. 13), construindo uma “Paisagem-marca” (Berque, 2012, p. 240). Teoria também defendida por Augustin Berque (2012), quando afirma que a “geografia cultural [...] [é] uma marca [...] [que] possui um sentido que implica toda uma cadeia de processos físicos, mentais e sociais” (Berque, 2012, p. 241), contribuindo para a compreensão de uma paisagem cultural de uma localidade.

Neste sentido, Harcourt, assume o papel de geógrafo da paisagem rural madeirense. Ao analisarmos a sua postura como escritor, segundo os fundamentos de teóricos contemporâneos como Paul Claval (2012) e Berque (2012) veremos que Harcourt “em suas narrativas [...] faz uma síntese de tudo aquilo com que se familiarizou” (Claval, 2012, p. 248), reproduzindo para o leitor britânico um “inventário eco-geográfico” (Berque, 2012, p. 241) de toda uma economia e produção agrícola, enquanto constrói “uma semiótica da paisagem” (Claval, 2012, p. 272) cultural madeirense.

Segundo Rui Carita (2008, 2019), as relações entre a Grã Bertanha e a Ilha da Madeira têm início com a presença das colônias inglesas. A fixação de ingleses na Ilha estreitou os laços económicos, que ajudaram a Madeira a se desenvolver a vários níveis, inclusive agrários.

Uma circunstância relatada por Harcourt, quando refere: “To the providence care of Prince Henry, Madeira was indebted for its first supply of agricultural seeds, plants, and domestic animals” (Harcourt, 1851, p. 93) e acrescenta: “Amongst the plants, the vine from Cyprus, and the sugarcane from Sicily, throve so prosperously that they soon became important articles in Portuguese commerce” (Harcourt, 1851, p. 93).

Um conjunto de referências que justifica a relação entre ingleses e madeirenses como estritamente comercial. Numa leitura atual, trata-se de uma comunidade dentro de outra, cada uma com uma linguagem e costumes próprios, que coabitam numa região sem se misturar socialmente, como referem Ferreira Fernandes (2004) e William Forsyth (2006).

Sendo *A Sketch of Madeira* dedicado à comunidade inglesa, aos *invalids* e a todos aqueles que queiram escolher a Madeira como uma segunda casa, Harcourt faz uma exposição exaustiva, organizada por subcapítulos, com informações necessárias sobre a agricultura na Ilha, destacando duas grandes indústrias madeirenses, da cana-de açúcar e a do vinho, como podemos verificar no capítulo intitulado “Cultivation of sugar-cane [...]” (Harcourt, 1851, p. 59), no qual o autor faz questão de referir que “There are now but four

sugar mills left in Madeira; the wheels are worked by oxen” (Harcourt, 1851, p. 94) e na secção sobre “Cultivation of the Vine (Harcourt, 1851, p. 94), em que menciona não só os “Best wine districts” (Harcourt, 1851, p. 96) como também os vários tipos de uva produzida na Ilha (Harcourt, 1851, p. 98) e o modo de fazer o vinho (Harcourt, 1851, pp. 98-99); ao mesmo tempo, realça a importância desta indústria na economia madeirense, quando refere “The state of the agriculture of Madeira, and the principal object which occupies its population, is the vine” (Harcourt, 1851, p. 94).

É, pois, uma explanação que abarca vários produtos cultivados na Ilha, como a “Maize [...] Flax [...] Potatoes” (Harcourt, 1851, pp. 102-103), o modo como são plantados e os instrumentos utilizados (Harcourt, 1851, p. 104), a plantação de árvores, como as “Pine trees” (Harcourt, 1851, pp. 103-104), e a criação de animais como “Sheep [and] cows” (Harcourt, 1851, p. 104).

Helen Dawson e Jonathan Pugh (2021) defendem que “scientists [...] will usually consider how that particular island is connected (or not) to its surroundings and compare it to other examples or to the neighbouring mainland” (Dawson & Pugh, 2021, p. 34). Uma afirmação com fundamento na história do turismo da Ilha da Madeira e da sua relação com o mundo exterior. A história relata-nos que o interesse estrangeiro pela Madeira se iniciou com a presença de naturalistas na Ilha. A paisagem da Madeira, a sua fauna e flora tornaram-se o campo de estudo de todos os entusiastas da *Grand tour* europeia.

Neste contexto, o autor dedica o capítulo VI à “The Natural history and geology of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 110), uma descrição que explora floresta e a vegetação isleña, como o “Urze” (Harcourt, 1851, pp. 112-113), “Palm Trees” (Harcourt, 1851, p. 113) e a “Opuntia” (Harcourt, 1851, pp. 113-114); os “Fruits and vegetables” (Harcourt, 1851, p. 114). A flora madeirense: “Flowers [...] Plants peculiar to Madeira” (Harcourt, 1851, p. 115), os pássaros e reptéis: “Birds that breed in Madeira” (Harcourt, 1851, pp. 115-123), “Reptiles” (Harcourt, 1851, p. 123), “Fishes” (Harcourt, 1851, p. 124) e “Insects” (Harcourt, 1851, p. 125). A fauna madeirense com subcapítulos dedicados à “Meduse” (Harcourt, 1851, p. 126), “Luminosity of the ocean” (Harcourt, 1851, p. 126) e à “Geology” (Harcourt, 1851, pp. 127-136).

Harcourt era um naturalista, as suas várias viagens à Madeira compeliram-no a falar com a terra e com o povo que nela habita, dando, também, a este livro um propósito científico, facto comprovado pela composição de um “Appendix” (Harcourt, 1851, p. 137) dividido em duas partes com: “Sir Hans Sloanes List of plants (Harcourt, 1851, pp.

137-164) e “List of Birds that breed in Madeira” (Harcourt, 1851, pp 165-167), complementando a obra com informações para os interessados sobre o assunto.

De igual modo, após as suas visitas à Ilha da Madeira, Harcourt (1855) publica um artigo intitulado “Notes on ornithology of Madeira” em *Annals and Magazine of Natural History*, em Londres. Uma leitura que podemos trazer para a atualidade, a Ilha tornou-se, assim, palco privilegiado de “scientific observatories for studying natural and cultural processes” (Dawson & Pugh, 2021, p. 35), como referem Dawson e Pugh (2021).

Não deixa de ser curioso o efeito que este livro teve na comunidade inglesa da época, nem como as várias passagens de Harcourt pela Ilha fizeram a Madeira atravessar o Atlântico e construir um diálogo com outros naturalistas e cientistas, algo que podemos ler na correspondência entre Edward Vernon Harcourt e Charles Darwin.⁵⁶Numa carta dirigida a Charles Darwin, Harcourt escreve:

Dear Sir.

I found your note here, on my arrival from London the other day. It would give me great pleasure to be able to answer any of your questions. I passed four winters in Madeira, i.e. from Oct: 1847 – April 1848 Nov: 1848 – May 1849 Nov: 1849 – May 1850. Nov: 1850 – April 1851. So that I cannot speak from personal experience as to the habits of birds in Madeira during the months of June, July, August, and Sept: I had however the advantage of an acquaintance with the Revd. R. T. Lowe, whose residence of 24 years in Madeira and whose habits of accurate scientific observation gave such authority to the information he most kindly and freely afforded me, as I was very fortunate to obtain. I am quite aware how little dependance may be placed generally on the accounts which travellers often, on the authority of others, are in the habit of giving. I shd. therefore always be especially careful in receiving the testimony of those who had not been well drilled in habits of observation. (Harcourt E. V., 1856)

Deste modo, podemos verificar que a Ilha da Madeira não se deixou definir por uma insularidade castradora. Abriu as suas fronteiras e tornou-se cenário de investigação e de conexão com a Europa, uma Ilha não em “isolation but rather looking at connection” (Dawson & Pugh, 2021, p. 38).

⁵⁶Carta de Edward Vernon Harcourt dirigida a Charles Darwin. Vide <https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-1883.xml>

Ao estabelecer uma relação entre o estrangeiro e o residente inglês, através de um diálogo explicativo sobre os vários aspectos do quotidiano madeirense, o autor torna-se mediador de uma multiplicidade de práticas que permitirão aos madeirenses e ingleses coexistir pacificamente, num “equilíbrio de laços sociais em prol do bem, comum” (Rousseau, 1989, p. 38). Ao mesmo tempo, estamos perante uma exposição com informações, que funcionam como uma fronteira, assegurando juridicamente uma relação pacífica entre duas culturas. Para o leitor da época, estamos perante um imaginário insular com um quotidiano ilhéu diverso e em constante movimento (Gillis, 2004, p. 52) a caminho da globalização.

2.2 Entre o ilhéu e o estrangeiro: educação, vida cultural e religiosa

J. Vieira Natividade (1953), em *Madeira, a Epopeia Rural* menciona que a Ilha da Madeira “é a epopeia do trabalho, a glorificação do espaço humano” (Natividade, 1953, p. 29), pelo que a Ilha nada seria sem a intervenção dos seus residentes. Neste sentido, Harcourt, além de descrever a paisagem da Ilha da Madeira, dedica parte da sua obra a dar informações sobre a população madeirense. O leitor parte da descrição da paisagem terrestre para a paisagem Humana, uma circunstância que liga o território ao Homem, numa coexistência inevitável que contribui para descrever a cultura madeirense.

De modo a fundamentar esta afirmação, citamos Leo Name (2011). No seu artigo “O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura” para a revista *Geotextos*, Name (2011) refere que o termo “*paysage*” (Name, 2011, p.165), palavra francesa de origem medieval, “significa ao mesmo tempo ‘habitante’ e ‘território’” (Name, 2011, p. 165), uma “perspectiva dinâmica e diacrônica” (Name, 2011, p. 165), que associa a paisagem ao homem e ao termo cultura.

Assim, ao falar sobre os habitantes, Harcourt está a fazer referência às “paisagens culturais [...] as que possuem a presença do homem” (Name, 2011, p. 169), não só como agente sobre a agricultura e paisagem da Ilha, mas também como aquele responsável por toda a sua organização.

As primeiras informações de Harcourt referem-se a dados estatísticos populacionais (Harcourt, 1851, p. 51), com base nos censos de “1835” (Harcourt, 1851, p. 51), que já haviam sido consultados e analisados pelo “Dr. Heberden” (Harcourt, 1851, p. 52). Uma análise fornecida pelo autor, que ilustra uma Ilha com baixo desenvolvimento

populacional, em relação ao continente europeu. O autor justifica este facto, afirmando que esta baixa densidade populacional se deve ao facto do número de mortes em relação a nascimentos, principalmente no ano “1839” (Harcourt, 1851, p. 54), época em que a ilha sofreu uma epidemia de “small pox” (Harcourt, 1851, p. 54). De igual modo, por conta da fome que assolou a ilha em “1847” (Harcourt, 1851, p. 54), a Madeira sofreu baixas populacionais como o leitor poderá verificar nas tabelas fornecidas por Harcourt, disponibilizadas na Figura 4 e Figura 5 em anexo.

Será correto afirmar que as linhas dedicadas por Harcourt para descrever a população madeirense configuram-se como uma metáfora dos fatores fundamentais que definem a identidade de uma comunidade insular madeirense em relação ao espaço continental, um povo que se adaptou ao isolamento islenho e se aventurou além-mar em busca de melhores condições de vida (Bona & Barni, 2016).

Coerente com esta ideia, é o baixo número de população na Ilha por conta da emigração. Segundo Carita (2019), a emigração madeirense ganhou expressão devido às “invasões inglesas de 1801 e 1807 a 1814 e, na sua totalidade, durante o absolutismo, entre 1828 e 1834” (Carita, 2019, p. 238).

Um facto que se prolongou durante anos, como referido por Harcourt quando menciona que entre os anos de 1835 a 1847, muitos madeirenses emigraram à procura de melhores condições de vida indicando que, no ano de 1835 foram cerca de “1200” (Harcourt, 1851, p. 55) que emigraram para a América. Apesar das altas taxas governamentais para evitar a emigração, os ciclos migratórios tiveram altos e baixos, sendo que do ano de 1835 até 1850 cerca de “35,000 persons have gone from Madeira to Demerara, St. Vicent, Antigua, Trinidad, Grenada, Jamaica, and St. Kitt’s” (Harcourt, 1851, p. 55).

Iolanda Silva (1983) defende que a emigração e o turismo foram os principais fenómenos sociais que contribuíram para ultrapassar “as formas primitivas de vida, não o fenómeno da insularização” (Silva, 1983, p. 27) vivido na Madeira de oitocentos. Segundo a historiadora, estes acontecimentos ajudaram a moldar a sociedade madeirense com uma “resistência modelar” (Silva, 1983, p. 27) capaz de abrir-se aos destinos do mundo e a uma dinâmica interna de modo a suprir a realidade económica precária. A insularidade apresenta-se, deste modo, não como um conceito de isolamento e distanciamento, mas como um ato de resistência e sobrevivência humana.

Na perspectiva das Humanidades Azuis, “o ser humano [é o] agente ativo nos processos ecológicos” (Brito, 2022, p. 463). Transpondo esta afirmação para a obra em

estudo, podemos talvez afirmar que a descrição de Harcourt sobre a população, poderá ser lida à luz de uma interpretação das relações humanas como um investimento no território (Raffestin, 2008). Ao longo da obra, o leitor tem consciência de uma organização social que se modifica e se adapta para receber o visitante estrangeiro. O ilhéu, torna-se, assim, naquele que investe e desenvolve o seu meio.

Numa leitura contemporânea, podemos afirmar que o ilhéu, com base numa “nova eco-ética” (André, 2012, p. 61) estabelece um “diálogo intercultural” (André, 2012, p. 61), o produto de “solidariedade Universal” (André, 2012, p. 61). Deste modo, ao ler a obra, o leitor atual assiste a uma Ilha oitocentista, que estava ser marcada por uma diversidade cultural (Stratford, Baldacchino, & McMahon, 2023).

Deste modo, no ambiente insular do século XIX, assistimos a um conjunto de relações interculturais, em desenvolvimento, através, da criação de uma série de serviços dedicados ao turista/visitante ou residente britânico, que possibilitaram o crescimento da economia da Ilha, face às suas dificuldades territoriais.

De acordo com a UNEP⁵⁷ e a WTO⁵⁸ (2005), o desenvolvimento de um turismo sustentável deve ter em conta o contexto económico atual e futuro de uma região, o seu impacto social e ambiental, ao mesmo tempo que encontra um modo de ir ao encontro das necessidades dos seus visitantes. De igual modo, Spilanis *et al* (2005) afirmam que para desenvolver uma região de um modo sustentável no que diz respeito a uma aposta turística, o primeiro passo é identificar os problemas dessa região e encontrar soluções ecológicas e sustentáveis para ultrapassá-las.

Devido à sua condição insular, encontramos no *corpus* da nossa dissertação, várias das medidas e fundamentos mencionados anteriormente. Na Ilha da Madeira, os ilhéus desenvolveram a economia, construíram infraestruturas, apesar das forças hostis da natureza, e conseguiram contruir uma relação empreendedora e produtiva com outra nacionalidade, um diálogo profíquo que aproximou a Ilha do mundo. Do mesmo modo, este desenvolvimento encaminhou a Madeira numa aposta de um Turismo sustentável, como hoje é concebido, e que tomou em consideração o turismo terapêutico como o principal impulsionador da Ilha.

⁵⁷ United Nations Environment Programme.

⁵⁸ World Tourism Organization.

Neste contexto, Harcourt apresenta ao leitor o maior promotor destas medidas, quando inclui na introdução um elogio a José Silvestre Ribeiro⁵⁹:

The Civil Governor of Madeira, His Excellency Snr. José Silvestre Ribeiro, [...] To him Funchal owes its Asylo de Mendicidade, the lighting of the principal streets of the town, the bridge in the Ribeiro Secco, the new road along the sea-coast to the westward, the extension of schools over the island, as well as many other benevolent and useful works. His activity in suggesting and carrying out measures for the relief of the sufferers during the dearth of 1847 was beyond praise. He also greatly promoted the industry of the inhabitants by establishing of fabrics and manufactures of the island, and instituting an annual fair in Funchal. (Harcourt, 1851, pp. vii-viii)

Segundo a descrição de Harcourt, José Silvestre Ribeiro encarou o turismo terapêutico como uma oportunidade para desenvolver a economia da Ilha, com um investimento voltado para a cidade do Funchal, promovendo uma série de ações e “meios [para] oferecer comodidades, conforto, distrações, segurança e tranquilidade” (Menezes, 1849, p. 597) aos hóspedes ingleses.

Um elemento que podemos tentar aproximar na atualidade, com as Humanidades Azuis, através do conceito de “eco-filia” (André, 2012, p. 61). Ao abordarmos as medidas de José Silvestre Ribeiro, assentes num discurso ambiental, podemos afirmar que o governador ajudou a desenvolver a Ilha com base numa doutrina de “cultura e natureza” (Brito, *et al.*, 2022a, p. 35) ou, como refere Brito (2022b), um sistema “ecocultural” para desenvolver a economia madeirense.

Uma atitude assumida por outros madeirenses como o Conde Carvalhal⁶⁰. De acordo com Harcourt:

The Palheiro was chief country residence of the wealthy Count Carvalhal, who formely owned nearly a third of the island [...] the grounds are laid out after the manner of an English Park: the gardens show signs of former care and magnificence, and are famous

⁵⁹ José Silvestre Ribeiro foi um político português, que ficou responsável por governar a Ilha da Madeira entre 1846 e 1852 (Serrão, Barreto, & Mónica, 1984, p. 344).

⁶⁰ Segundo Zúquete (1989), “João José Xavier de Carvalhal e Vasconcelos de Atouguia de Bettencourt de Sá Machado” (Zúquete, 1989, p. 489), mais conhecido como o 1.º Conde do Carvalhal, título concedido por D. Maria II em 1835 (Clode, 1984, p. 111), foi um proprietário agrícola de grande relevo na sociedade madeirense da sua época. A sua herdade do Palheiro Ferreiro, localizada na periferia do Funchal, ficou conhecida pelas suas características arquitetónicas e à vegetação circundante.

for their lofty camelias, and for Portugal Laurels as large as timber trees. (Harcourt, 1851, pp. 15-16)

No excerto parece ficar claro, que os jardins do Conde de Carvalhal tiveram influências inglesas. No entanto, não podemos deixar de realçar, que o seu contributo vem trazer à arquitetura paisagística da Ilha um valor ecológico acrescido.

A presença britânica na Ilha da Madeira fez com que esta se tornasse conhecida nos meios económicos europeus, uma vez que a Ilha detinha pouco capital de investimento, tendo sido através dos contactos estabelecidos entre os ingleses e a Europa, que a Madeira se desenvolveu a nível económico. O investimento na Ilha tornou-se uma realidade em desenvolvimento.

Se analisarmos esta circunstância com um olhar contemporâneo, podemos dizer que a Ilha da Madeira do século XIX se tornou uma “uma centralidade” (Monteiro, 2022, p. 37) europeia. Ao mesmo tempo, todo este investimento alimentou um “cosmopolitismo de base mercantil” (Monteiro, 2022, p. 82).

Harcourt refere os alojamentos em São Vicente, destacando o “Snr Manoel Joaquim da Costa Andrade, whose hospitable door has been so often opened to the English traveller” (Harcourt, 1851, p. 18)⁶¹. Em São Jorge, o “Dr. Oliveira has built a large house for himself, as a summer residence, and is doing a public servisse by setting na exemple of improved cultivation” (Harcourt, 1851, p. 21)⁶², ou ainda, o Senhor Luiz Acciaioili⁶³, em Santa Ana, “who unites to the attention of the host the manners of the gentleman, and provides good accommodation on reasonable terms.” (Harcourt, 1851, p. 21).

É, pois, um conjunto de personalidades da Ilha que desempenharam um papel relevante para edificar um diálogo entre duas culturas e uma rede humana que vem proporcionar um “dialogue between the physicality of a place and the interaction of people within it” (Hay, 2006, p. 33).

⁶¹ Para mais informações sobre Manuel Joaquim da Costa Andrade, consultar o *Elucidário Madeirense* (Silva & Meneses, 1984, pp. 255-256) e *Registo bio-bibliográfico de Madeirenses* (Clode, 1984, p. 111).

⁶² Segundo Silva & Meneses (1984), o Dr. Alexandre Oliveira foi médico da corte de D. João VI. Pelo seu percurso político foi eleito deputado pela Madeira em 1822 e 1823, defendendo as necessidades da ilha no continente português e ficando conhecido pelas suas ideias para combater a crise comercial e agrícola regional. (Silva & Meneses, 1984, p. 12).

⁶³ Luiz Acciaioili foi uma personalidade madeirense, que ficou responsável por administrar o concelho de Santana durante 51 anos (Clode, 1984, p. 14).

Por outro lado, através de uma leitura contemporânea, podemos afirmar que este comportamento contribuiu para a realidade de uma “cidadania convencional” (Monteiro, 2022, p. 39), em nome do desenvolvimento. Um cosmopolitismo erguido de “base mercantil” (Monteiro, 2022, p. 82) e de “hospedagem” (André, 2012, p. 67), que vem de algum modo servir as classes mais privilegiadas da Ilha.

Segundo Brito *et al* (2022a) , “o oceano enquanto entidade é considerado como agente co-construtor de narrativas partilhadas por diferentes realidades socioculturais e ambiental” (Brito, *et al.*, 2022a, p. 21). Esta é uma circunstância que vemos plasmada na sociedade madeirense do século XIX, quando estamos perante uma pequena comunidade britânica, que atravessou o oceano para residir na Madeira.

A Madeira tornou-se numa marca turística Oitocentista. Segundo a perspetiva contemporânea de Kavatzis (2017), poderíamos afirmar que Harcourt nos revela a Ilha como um lugar de “residence, visitation, leisure, entrepreneurship, financial investment, social interaction, social activism, emotional attachment” (Kavatzis, 2017, p. 98) para os aristocratas britânicos.

De acordo com Desmond Gregory (1988), muitos britânicos a habitar na Madeira contribuíram em larga escala para o desenvolvimento económico da Ilha, uma vez que as comunidades locais não tinham meios económicos, nem o conhecimento do mercado europeu para aplicar. Deste facto dá-nos conta Harcourt, quando menciona vários aristocratas britânicos residentes na Ilha da Madeira Oitocentista e que de algum modo colaboraram para o seu desenvolvimento e para a recepção daqueles que chegavam à Ilha. Os estrangeiros de origem inglesa eram considerados aqueles que desfrutavam de uma vida com altos padrões europeus. Na Ilha, as infraestruturas e as arquiteturas das quintas e casas eram concebidas para corresponder às necessidades e gostos desta nacionalidade, que se instalaram na cidade para desenvolver também com o objetivo de desenvolver os seus negócios, como por exemplo o consul Henry Veitch⁶⁴:

Consul, Mr. Veitch. He has built his house on the Italian style, and surrounded it with woods of Spanish Chestnut. In the ground of the house are cultivated the chief varieties of tea grown in China, with many other rare and curious plants. (Harcourt, 1851, pp. 10-11)

⁶⁴ Segundo Paulo Rodrigues (2014), Henry Veitch foi um cônsul britânico no Funchal, sendo uma das mais influentes personalidades inglesas na Ilha da Madeira, uma vez que, como cônsul, garantiu boas relações entre os ingleses militares e habitantes na Ilha, durante as ocupações napoleónicas, como também agilizou as relações políticas na Madeira aquando da implementação do liberalismo entre 1823 e 1828.

Considerado por muitos como um “*amateur-architect*”⁶⁵ (Gregory, 1988, p. 79), Henry Veitch construiu na Ilha da Madeira uma quinta no Jardim da Serra (Harcourt, 1851, p. 10), em Câmara de Lobos, que ficou famoso pelos seus jardins, contribuindo para um novo tipo de turismo na Ilha da Madeira, que se dedicaria à flora madeirense (Albergaria, 2016, p. 193).

Ao aconselhar o leitor sobre as “Afternoon rides” (Harcourt, 1851, p. 16) no Funchal, Harcourt, em nota de rodapé, menciona “The country residence of Mrs. Penfold” (Harcourt, 1851, p. 16), localizada no sítio da “Alegria” (Harcourt, 1851, p. 16), uma personalidade inglesa a residir na Ilha, que não necessitava de muitas apresentações para o leitor britânico. Jane Wallas Penfold nasceu em 1821, filha de um comerciante inglês William Penfold⁶⁶ e Sara Gilbert, que viveram na Madeira desde 1813. Segundo Carita (2019) e Silva & Meneses (1984), Jane Penfold tinha gosto pela pintura, pelo que as suas aguarelas ilustravam a floricultura madeirense. Reunidas numa publicação de 1845, Mrs. Penfold foi uma das responsáveis das várias ilustrações sobre os jardins e flores da Madeira que chegaram aos nossos dias, num volume intitulado *Madeira-flowers, fruits and ferns – a selection of the botanical productions of that Islands, foreign and indigenous, drawn and coloured from nature by Jane Wallas Penfold of the Achada, Madeira*⁶⁷ (Penfold & Garnons, 1845).

O mesmo acontece quando o autor menciona como era organizado o arrendamento das quintas, informando que “If a *Quinta* is taken, a supply of servants, board plate, and linen, may be procured at a given rate” (Harcourt, 1851, p. 27), uma gestão a cargo do “Mr. William Wilkinson” (Harcourt, 1851, p. 27) e do “Mr. Reid”⁶⁸ (Harcourt, 1851, p. 27), outros ingleses já residentes na Ilha que alavancaram o mercado imobiliário das quintas madeirenses.

Outras personalidades inglesas que passaram pela Madeira e que ajudaram a divulgar a Ilha na sociedade britânica foram o “Rev. W. V. Harcourt [who] made a serious

⁶⁵ Sublinhado pelo autor.

⁶⁶ De acordo com o *Elucidário Madeirense*, William Penfold foi sócio do consul inglês Henry Veitch na casa “Penfold & Veitch” fundada em 1813 (Silva & Meneses, 1984, p. 64).

⁶⁷ Vide <https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra/Index/11252?tipo=OBJ>.

⁶⁸ Segundo Silva & Meneses (1984) e Raimundo Quintal (2007), William Reid estabeleceu-se na Ilha da Madeira em 1844/45, um escocês que contribuiu para a exportação do vinho Madeira e ficaria mais tarde conhecido pelo proprietário da maior cadeia hoteleira da ilha no século XIX, o Hotel Reid’s, inaugurado a “1 de novembro de 1891” (Quintal, 2007, p. 511).

of observations [...]” (Harcourt, 1851, p. 40)⁶⁹ sobre o clima madeirense e o “Dr. Heberden” (Harcourt, 1851, p. 39)⁷⁰, que realizou os primeiros estudos climáticos e de astronomia madeirense, sendo que muitas das suas observações foram publicadas em jornais científicos britânicos. Informações que Harcourt recupera, organizando-as no capítulo “On the climate and vita statistic of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 37).

João Maria André (2012) refere que o diálogo intercultural nasce do “confronto entre culturas diferentes num projeto dialógico e de interação” (André, 2012, p. 64). Deste modo, da relação entre duas culturas distintas surge a oportunidade de uma ponte de diálogo que possibilita um relacionamento pacífico.

Uma circunstância que efetivamente não se vê na obra em estudo. As duas culturas, madeirense e inglesa, coexistiam numa base de necessidade. Neste sentido, Harcourt torna-se num mediador da paz ao informar o leitor britânico sobre os hábitos madeirenses, mantendo assim uma paz consentida, como podemos ler:

One of the great amusements of the Portuguese who have *Quintas*, and gardens, by the roadsides, consists in sitting in the *Mirântes*, or lookout seats, and gazing on the passers-by. This seems quite a national taste, from the laughing black eyes that quiz the *estrangeiros* in their queer costumes, to the old *Morgado* in his flowerd dressing-gown. There they sit all day, whilst their dogs come barking at you along the tops of the walls, cracking the drums of your ears by their mongrel yelps. (Harcourt, 1851, pp. 9-10)⁷¹

Por vezes, o discurso de Harcourt sobre a população madeirense assume um tom “meta-reflexivo” (Outeirinho, 2008, p. 309), com o objetivo de elucidar o leitor sobre certos comportamentos, ajudando-os a aceitá-los como uma conduta meramente cultural. De igual modo, frequentes vezes a sua escrita adota “uma vertente sócio-crítica” (André,

⁶⁹ De acordo com o *Elucidário madeirense* (Silva & Meneses, 1998), o Rev. William Vernon Harcourt, aquando da sua estadia na Ilha, fez observações sobre o clima madeirense de “Novembro de 1847 e Dezembro de 1848” (Silva & Meneses, 1998, p. 114).

⁷⁰ Dr. Thomas Heberden foi um médico e aficcionado por botânica, que residiu na Ilha da Madeira, ficando conhecido entre a comunidade britânica como aquele que desempenhou um papel relevante no combate da “epidemia de sarampo de 1751” (Silva & Meneses, 1998, p. 114). O seu interesse pela botânica, pela história natural da Ilha, as suas observações metereológicas e estudos sobre astronomia chegaram a ser publicadas pela Real Sociedade de Londres, nos volumes X e XLI da *Revista Philosophical Transactions*, sendo o seu artigo sobre astronomia intitulado “Observations of immersions and emersions of Jupiter’s first satellite, made at Funchal, in Madeira, with a reflecting telescope of 18 inches focus, made by Mr. Short. The time was found by taking equal altitudes, with a quadrant of 12 inches radius, made by Mr. Bird, and with the help of a good pendulum clock made in London” (Heberden, 1777). (Silva & Meneses, 1998, p. 114). *Vide* <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstl.1770.0044>.

⁷¹ O itálico no corpo da citação pertence ao texto original.

2012, p. 65), sobretudo quando o autor relata a vida de grande parte da população madeirense e a extrema pobreza que se fazia sentir, como quando refere:

People are comparatively short lived. [...] The inhabitants are poorly fed, poorly clothed, and hard worked. At the age when most nourishment is required, least is often obtained. The growing child frequently lives on *cabbage broth*. ... what constitution could stand this long|’ and, when insufficient feeding is added, is it to be wondered at, that few attain to an advanced age? By studying the returns it will be found that there is less longevity, in proportion, in the southern and colder parts of the island; and the parish of Santa Ana, which is remarkable for mist and rain, is remarkable akso for a shorter average of life. (Harcourt, 1851, p. 50)

Um excerto que denuncia as discrepâncias sociais e económicas entre as duas nacionalidades (André, 2012, p. 65), que inevitavelmente se reflete na longevidade e na aparência física dos ilhéus, como menciona Harcourt:

You must not look for many pretty faces in Madeira after de age of thirteen, amongst the upper classes inertness, and amongst the lower hard work, reduce the standard of beauty. (Harcourt, 1851, p. 91)

Outras vezes, num discurso denunciador, Harcourt relaciona a extrema pobreza da Ilha com a falta de apoio governamental, apesar de enumerar instituições que contribuíram para apoiar os mais defavorecidos, quando afirma:

There is no provision by law for the poor of the island. Some years ago, as may be seen in old accounts of Madeira, the visitor was shocked by swarms of beggars, thrusting their disfigured members or emanciated babes into the faces of passers-by: but, of late years, the Camera has appointed a large building of its own erection as an *Asilo da Mendicidade* for these miserable creatures. (Harcourt, 1851, p. 77)

Ao mesmo tempo, o autor procura cultivar um espírito de cumplicidade entre o viajante e o madeirense, numa descrição que se vê repleta das dificuldades vividas por muitos habitantes da Ilha. Assimetrias culturais que “ganham densidade epistémica num processo de ponte de diálogo” (André, 2012, p. 65) solidário, em que o autor aconselha o visitante e residente britânico a contribuir para ajudar os residentes mais desfavorecidos,

como quando escreve: “Good food and work are provided at the *Asilo*, which is an institution well worthy the support of philanthropic visitors” (Harcourt, 1851, p. 77).

A extrema pobreza e a miséria vivida pelos habitantes madeirenses, quer no campo, quer na cidade, é notória na obra. Um povo que apesar da suas condicionantes económicas “humanizou a paisagem madeirense” (Carita, 2019, p. 243), uma circunstância que se vê plasmada na obra, quando Harcourt descreve as habitações da população mais pobre:

The habitants of the poor in Madeira are of the humblest sort; a few stones piled one above the other, a few pine-sticks into the high roof, bound together with a willow twigs and thatched with straw, form the ordinary style of the tenements of the lower class. (Harcourt, 1851, p. 90)

De igual modo, Harcourt descreve ao leitor um povo humilde que tentou sobreviver através da constante busca pelo trabalho: “In the Market-place [...] there are men always standing to be hired” (Harcourt, 1851, p. 4). Considera tratar-se de uma comunidade que ganha pouco em relação à realidade britânica, como informa o autor quando escreve: “Five pence a day and food are reckoned good wages in the country [...] In town, wages vary from one shilling to fifteen pence *per diem*” (Harcourt, 1851, p. 107). A meio da pobreza e do pouco dinheiro a circular, o trabalho torna-se também uma moeda de troca, num ato solidário entre pares, como podemos ler: “work is done chiefly on the *give and take* system of America, *i. e.*, I do so much work for you to-day, on the condition that you do so much for me to-morrow” (Harcourt, 1851, p. 107).

A humildade do povo é descrita, igualmente, através do seu vestuário e comportamento na sociedade, vestuário que difere quanto à localidade e à classe social, como podemos ler:

The dress of the peasantry is as scanty as is consistent with decency; a pair of linen drawers full and reaching down to the knees, together with loose linen shirt, is the common dress of a men. [...] The more genteel have adopted trowsers, and a long yellow boots turned over at the top cover the toes of such as are ashamed of producing them. [...] (Harcourt, 1851, p. 90)

As mulheres madeirenses merecem, também, um reparo do autor:

The upper class of women are hardly ever seen in the streets, save on their road to mass or when going to pay a visit; on these occasions all the jewels, plate, and ribbons of apparently very ancient families are to be seen in full display. (Harcourt, 1851, p. 91)

Neste excerto, Harcourt revela a classe mais favorecida madeirense, na qual o comportamento e o traje feminino é ornamentado com luxos, jóias para certas ocasiões especiais. De igual modo, estabelece uma reflexão acerca do comportamento feminino, ao referir que: “The ladies generally live on their balconies watching passers-by” (Harcourt, 1851, p. 91), ao mesmo tempo que alerta as mulheres inglesas para um eventual choque comportamental existente e notório entre as mulheres madeirenses e inglesas, quando menciona: “The English ladies going to church draw forth many fair beholders and critics, and on Sundays the balconies are lined with native fashion” (Harcourt, 1851, p. 91).

Este comportamento curioso das mulheres madeirenses em relação às inglesas, poderá, neste caso concreto, ser considerado uma consequência da insularidade, problematizada por Matheson, Pawson & Clegg (2024) e a definição de “Islandness” de Conkling (2007). O resultado do isolamento insular reflete-se na curiosidade em relação a outras formas de vestir e de se relacionar com outras culturas. Também Owe Ronström (2021) argumenta que, no que diz respeito à realidade insular, é natural que os ilhéus desenvolvam relações assimétricas com o que lhes é desconhecido ou novo, originando o que ele denomina de “remotness” e “Islandness” (Ronström, 2021, p. 271), particularidades consecutivas de fronteiras sociais e culturais (Ronström, 2021, p. 272).

No entanto, Harcourt não deixa para trás a oportunidade de elogiar a beleza das mulheres madeirenses, quando refere: “The glory of the Maderan women are their hair, which is of the richest growth and blackest hue, and their eyes, which are dark and bright” (Harcourt, 1851, p. 91).

Na obra, as mulheres são descritas como trabalhadoras e com habilidades específicas. Independentemente da sua classe social ou idade, as suas aptidões contribuem para as manufacturas locais, enquanto ajudam a desenvolver uma nova economia de mercado relacionada com o bordado. Ao mesmo tempo, os seus talentos contribuem para a construção de uma paisagem e identidade madeirenses, como Harcourt menciona:

The women are famous for their beautiful needleworks, and the nuns very skilful in imitating flowers with dyed feathers. The young girls plying the distaff at the doors of the houses by the roadside add a picturesque effect to the scenery: these distaffs are made simply of the *Arundo donae*, split and bowed into the proper shape at the top. (Harcourt, 1851, p. 92)

Uma circunstância que, segundo Andreia Silva (2021) e António Ribeiro Marques Silva (1994), colaborou para transformar o papel da mulher madeirense, uma vez que estas passaram a contribuir activamente para o desenvolvimento da Ilha, referindo que: “o seu enclausuramento tem aqui o seu fim” (Silva, 1994, p. 174).

Harcourt critica o comportamento dos madeirense, pois, apesar da pobreza e das dificuldades, vivem das aparências, como indica o autor: “As soon as a man has accumulated a little money, he frequently engages in erecting a house, and finds himself obliged to borrow at an exorbitant rate to complete what he has begun” (Harcourt, 1851, p. 5). O povo madeirense é trabalhador, mas nem sempre faz as escolhas certas. No entanto, a sua dedicação ao trabalho é, também, reconhecida pelo autor ao mencionar os “*burroqueros*” (Harcourt, 1851, p. 8). Estes acompanham o visitante inglês nas suas expedições pela ilha “without complaining” (Harcourt, 1851, p. 8) e repletos de boas maneiras no que diz respeito às relações sociais, como relata Harcourt:

With southern civility they offer their *carapuça*⁷² to every one they meet; they might put to shame many a would-be gentleman by the graceful ease with which they salute each other, and the unassuming uncringing manner with which they comport themselves towards either equals or superiors. (Harcourt, 1851, p. 90)

Kate Matheson, Chris Pawson e Peter Clegg (2024) afirmam que a mentalidade e o comportamento social dos ilhéus “provide clues as to the genesis of Islandness” (Matheson, Pawson, & Clegg, 2024, p. 2), ou ainda que “islander identity is a componente

⁷² Segundo Nóbrega (2004), a carapuça “uma pequena cobertura para a cabeça, de forma semi-esférica ou cónica; uma espécie de barrete” (Nóbrega, 2004, p. 9), como parte do traje tradicional madeirense, tem a sua origem “há pelo menos três mil anos” (Nóbrega, 2004, p. 19) como um acessório usado em todo o mundo. Em Portugal, o seu uso tornou-se popular entre os séculos XVII e XVIII, dando origem ao ofício de capuceiro (Nóbrega, 2004, p. 9). De acordo com a autora, a carapuça poderá ter sido introduzida na Ilha da Madeira “pelos próprios descobridores e primeiros colonos” (Nóbrega, 2004, p. 19). Usado tanto por mulheres, como por homens e registando apenas algumas alterações conforme o género de quem as usa, a carapuça não deixou de chamar a atenção e curiosidade de muitos viajantes que passavam pela Ilha, sendo este adorno muitas vezes mencionado em obras sobre a Ilha da Madeira.

of Islandness” (Matheson, Pawson, & Clegg, 2024, p. 3), pelo que este conceito de insularidade não se deve restringir ao espaço geográfico e físico de uma ilha, mas poderá também influenciar a mentalidade e comportamento islenho, através de expressões etnocentristas (Matheson, Pawson, & Clegg, 2024, p. 3).

Baldacchino (2020) argumenta que “Islandness, in and of itself, does not cause anything; however it can contour and nudge behaviours and systems in particular ways and directions” (Baldacchino, 2020, p. 8). Um argumento que vai ao encontro da tese defendida por Conkling (2007), quando defende que o termo “‘islandness’ is a construct of the mind” (Conkling, 2007, p. 192), não se refletindo como uma característica comportamental daqueles que vivem em ilhas.

Harcourt dá-nos um exemplo para podermos refletir sobre este paradigma, quando menciona que: “The English and Portuguese do not mix often together in society, and there is consequently very little to remind you that you are living amongst foreigners.” (Harcourt, 1851, p. 35). Estamos perante um choque entre a cultura madeirense e a inglesa, não lhes permitindo interagir além do que é extremamente necessário. Os madeirenses olham para os ingleses como um povo que reside na sua Ilha e contribui para o desenvolvimento da sua economia. As barreiras da língua e os diferentes costumes não lhes permitem conviver socialmente. O mesmo acontece por parte da comunidade britânica. Relacionava-se somente com as figuras madeirenses mais abastadas, que a ajudava a residir na ilha, sendo que a nível social conviviam somente entre os seus pares nos clubes, nas festas e instituições que existiam.

Hugo Monteiro (2022) no seu livro *Migrações e hospitalidades: crítica do cosmopolitismo nas fronteiras do século*, menciona que no que concerne a hospitalidade num país estrangeiro, muitas vezes ergue-se uma fronteira invisível e silenciosa entre duas culturas a residir no mesmo território (Monteiro, 2022, p. 40). Se relacionarmos este fundamento com o excerto anterior, particularmente com “remind you that you are living amongst foreigners” (Harcourt, 1851, 35), Harcourt surge uma vez mais como um mediador cultural ao informar os ingleses, com o lembrete que a comunidade inglesa estará a viver numa comunidade com hábitos culturais diferentes da sua.

No entanto, o facto da maioria dos ingleses e madeirenses não se relacionarem socialmente, não reflete a sua insularidade, a construção de qualquer fronteira cultural ou de exclusão do “outro”. Poderemos, sim, relacionar este distanciamento entre as duas nacionalidades com o baixo índice educacional e, especialmente, à aprendizagem de uma

língua estrangeira. Se considerarmos que a aprendizagem e o domínio da língua inglesa⁷³ era somente possível para as famílias mais ricas e que frequentavam o ensino secundário, chegaremos à conclusão de que qualquer forma de “societal intimacy” (Baldacchino, 2020, p. 8) entre as duas nacionalidades se torna difícil.

Neste sentido e para afastar qualquer tipo de pensamento pré-estabelecido contra os madeirenses, Harcourt acrescenta: “Such intercourse, however, as you hold with Portuguese is agreeable, from their civility, good-nature, and absence of pride.” (Harcourt, 1851, p. 35). Um esclarecimento por parte do autor que vem tornar possível uma dinâmica intergrupala entre duas identidades desiguais, descrevendo a população como tendo uma atitude de civilidade em relação aos seus visitantes, ou seja, uma adaptação ao outro, que vem colmatar o isolamento físico e imaginário, como afirma Baldacchino (2020): “the ‘survival algorithm’ of islander life takes in resources, experiences and places from behind the Island” (Baldacchino, 2020, p. 3).

Segundo João Maria André (2012), para estabelecer um diálogo intercultural profíquo e contribuir para a existência pacífica entre duas nacionalidades distintas num mesmo território, as sociedades desenvolvem uma “multiplicidade de práticas sociais no esforço de construir novas realidades a partir de uma nova solidariedade” (André, 2012, p. 86).

De igual modo, Roxani Margariti (2013) afirma que “insularity shapes [...] the formation of networks of knowledge, and practices of pilgrimage” (Margariti, 2013, p. 199), pelo que, na sociedade madeirense do século XIX, surge uma série de infraestruturas organizadas de modo a suprir não só as necessidades sociais e culturais dos ilheús, como também as dos seus residentes ingleses, que encontram no quotidiano islenho instituições que os acolhem numa dimensão social, cultural e religiosa.

Augustin Berque (2012), na sua reflexão sobre a geografia cultural de um território, refere que com o desenvolvimento e organização de uma sociedade, as comunidades constroem a sua “Paisagem-marca” (Berque, 2012, p. 240). Neste sentido, e transpondo esta observação para a obra em estudo, podemos afirmar que a comunidade

⁷³ Segundo Rogério Fernandes (1992), a língua inglesa passou a fazer parte da estrutura do ensino secundário na Ilha da Madeira em 1810. No entanto, como referem Luciana Paredes e Justino Magalhães (2023), apesar do ensino ser de frequência obrigatória a partir de 1844, devido à extrema pobreza vivida na Ilha a maior parte da população madeirense não tinha “meios para manter os filhos na escola e precisasse de os pôr a contribuir, trabalhando, para a economia familiar.” (Paredes & Magalhães, 2023, p. 171). Um êxodo educacional que resultou não só na dificuldade de aprender a língua inglesa, como também contribuiu para uma grande taxa de analfabetismo.

madeirense do século XIX, através de uma abordagem social inclusiva, organiza-se para receber os seus visitantes.

De igual modo, Harcourt através de um discurso com uma “vertente informativa” (André, 2012, p. 61) transmite ao leitor a compreensão da “geografia cultural” (Berque, 2012, p. 240) madeirense e de um “inventário [do] património ecogeográfico” (Berque, 2012, p. 242), informando-o sobre a educação, a vida social e a actividade religiosa na Ilha.

A educação é, também, um dos assuntos abordados pelo autor. Harcourt menciona que, em 1851, na Madeira já havia escolas e instituições de educação destinadas aos vários tipos de ensino: o ensino religioso, como refere: “There is a *Seminario*, or Priests’ Colledge, intended for the education of all those who purpose entering holy order [...] “the course of study consists of Latin, dogmatic theology, morals and music”” (Harcourt, 1851, p. 72) e para aqueles que queriam estudar medicina: “There is a medical-chirurgical school, under the direction of two professors.” (Harcourt , 1851, p. 72).⁷⁴

Celso Silva, Hugo Gaspar e Ivo Furtado (2021) mencionam que a Escola – Médico Cirúrgica emerge da necessidade de combater um século XVIII particularmente devastador para Portugal a nível da Medicina. Os tratamentos tornavam-se inúteis perante a grande vaga de mortes, principalmente no campo, tornava-se necessário o investimento na área do estudo da medicina. Assim em 1815, o “então bispo do Funchal, D. Joaquim de Menezes e Athaíde [e o] capitão-general da Madeira, Florêncio Correia de Melo” (Silva, Gaspar & Furtado, 2021, p. 13) organizaram em consonância com a corte a criação da escola médico-cirúrgica do Funchal e “a criação de uma disciplina de Anatomia e Medicina Clínica” (Silva, Gaspar & Furtado, 2021, p. 13, também como de outras áreas da medicina, da qual se destaca a “Obstetrícia” (Silva, Gaspar & Furtado, 2021, p. 15). Um plano de estudos divulgado por Harcourt quando refere:

The first professor’s chair comprises the study of anatomy, physiology, operating surgery, midwifery, and clinical surgery [...] The second professor’s chair includes pathology, materia-medica, therapeutics, and clinical medicine. [...] The first professor

⁷⁴ Segundo José Pereira da Costa (s.d.), a Escola Médico-cirúrgica do Funchal iniciou a sua actividade em 1837, após a criação de uma “aula Médico-cirurgica para formar praticantes e enfermeiros que cuidassem dos enfermos” (Costa J. P., s.d., p. 21) e após um decreto em 1836, que “determinava que nas misericórdias de cada capital dos distritos houvesse uma Escola Médico-Cirúrgica” (Costa J. P., s.d., p. 21). De acordo com Silva *et al.* (2021)

has given lectures on midwifery, and the diplomas to 50 females, who now practice in the district of Funchal.” (Harcourt, 1851, p. 72-73)

No que diz respeito ao ensino obrigatório, Harcourt refere que existem na Ilha “forty-one schools of primary instruction; four are paid by the treasury, of which one is a girls’ school, and sixteen paid by the municipal corporation” (Harcourt, 1851, p. 73). Trata-se de uma referência a um ensino que, de acordo Rogério Fernandes (1992) teve o seu início em 1772, com a reforma Pombalina, fazendo surgir na Ilha da Madeira várias escolas, nas quais se podia aprender a “ler, escrever e contar” (Fernandes R. , 1992, p. 1).

Quanto ao ensino secundário, Silva & Meneses (1998) relatam que esteve à responsabilidade dos padres da Companhia de Jesus até 1759, ano em que os Jesuítas foram expulsos da Ilha. Para surpir as suas aulas, pela mesma carta régia de 1772, o Marquês de Pombal ordenou a obrigatoriedade da inserção de aulas “de latim, uma de grego, uma de retórica e outra de filosofia” (Silva & Meneses, 1998, p. 270). Deste facto dá-nos conta Harcourt quando informa sobre um “*Lyceum*, which forms part of a building erected by the Jesuits when they visited the island in 1566” (Harcourt, 1851, p. 73).

De igual modo, Harcourt informa o leitor sobre o ensino particular na Madeira, mencionando o número de escolas privadas e de alunos, quando escreve: “Private schools are twenty-one in number. The number of scholars is 2203; of these 883 are boys, and 1320 are girls” (Harcourt, 1851, p. 73). Uma estrutura alternativa de ensino particular⁷⁵, que, segundo Fernandes (1992), estaria dividido em duas valências: uma para rapazes e outra para raparigas:

scattered around the island ten boy’s schools, paid by the treasury, with 376 scholars; sixteen boy’s schools, paid by the municipal corporation, with 428 scholars, and two girls’ schools, with forty-two scholars; four private girls’ schools, with twenty-two scholars; and two private boys schools, with twenty-three scholars. (Harcourt, 1851, p. 74)

Segundo Baldacchino (2005), as ilhas são propensas à diversidade, uma multiplicidade que vai além da paisagem, sendo que a sua realidade social tende a

⁷⁵ Segundo Fernandes (1992), a existência de escolas particulares na Ilha da Madeira teve o propósito de suprir a escassez de escolas nas zonas rurais. De acordo com o autor, “compelia as famílias em melhores condições económicas a, de certo modo, se associarem na contratação de mestre particular com vista a educação conjunta das crianças” (Fernandes R. , 1992, p. 3).

reorganizar-se para dar lugar ao outro, isto é, existe nas ilhas “an openness to diversity and pluralism, with minimal social class and status barriers and tensions” (Baldacchino, 2005, p. 37), proporcionando igualmente qualidade de vida, como refere: “The inclusion of a ‘sense of place’ in the holistic understanding of quality of life” (Baldacchino, 2013, p. 16). Uma situação que ainda não se verificava na Madeira de 1851, apesar de já ter muitos ingleses como residentes. Uma Ilha pobre em espaços e eventos públicos de lazer, merece na obra uma crítica por parte do autor, como podemos ler:

Public amusement is scantily provided for in Funchal. When you have mentioned the Portuguese club, in which a ball is held once a month, and to which a billiard-room is attached, you have almost come to an end of the list of places of resort. (Harcourt, 1851, p. 34)

Uma situação que levou a sociedade inglesa a viver na Ilha a construir as suas próprias instituições, de modo a tornar a sua estadia mais aprazível, como podemos ler:

The English have established a subscription library, where many popular and standard works are to be found, together with the common periodicals and newspapers of the day. The subscription is high, but the luxury you pay for it is great. A subscriber is only allowed to take books home with hm to read. [...] The Portuguese Commercial Rooms, to which English are admitted to subscribe, are likewise provided with newspapers” (Harcourt, 1851, p. 34)⁷⁶

Esse tipo de organização social reflete uma paisagem cultural voltada para algumas classes mais abastadas na Ilha, como os residentes britânicos. No entanto, estamos perante os primórdios de uma sociedade inclusiva. O leitor consegue identificar alguns elementos relevantes, que marcarão a evolução social do quotidiano madeirense e englobarão parte de um conjunto de medidas “illustrative of the evolution of human society and settlement over time, under the influence of [...] successive social, economic and cultural forces” (Smith, Jones, & Denyer, 2007, p. 12). Um modelo de sociedade madeirense que começa devagar a incluir uma outra nacionalidade no seu quotidiano, proporcionando o reflexo da paisagem cultural humana madeirense.

⁷⁶ Segundo Desmond Gregory (1988), os ingleses a residir na Ilha da Madeira abriram as “English reading Rooms (Gregory, 1988, p. 79), um clube com uma biblioteca com documentação e livros destinada aos turistas ingleses.

Segundo Anita Smith, Kevin L. Jones e Susan Denyer (2007), “Cultural landscapes are a reflection of interaction between humans and their environments” (Smith, Jones, & Denyer, 2007, p. 13). Refletindo sobre o artigo 1.º da UNESCO *World Heritage Convention* (1972), os autores mencionam que as paisagens culturais “[combine] works of nature and of men” (UNESCO, 1972, p. 2) (Smith, Jones, & Denyer, 2007, p. 12) pelo que, para a nossa dissertação, importa-nos ressaltar o facto destes estabelecimentos mencionados por Harcourt nos excertos anteriores não fazerem parte do inventário da UNESCO para *World Heritage*, como as levadas que mencionamos no capítulo 1.3.1 deste estudo.

No entanto, estes elementos que caracterizam a vida cultural madeirense inserem-se na análise desenvolvida pela UNESCO, no que diz respeito a “Expressions of society, Creative responses and continuity (monuments, groups of building and sites” [e] Spiritual responses (religious)” (Smith, Jones, & Denyer, 2007, p. 12), pois foram “organizadas para proporcionar um intercâmbio” (Brito, *et al.*, 2022a, p. 21) intercultural numa “coexistência ecológica” (Brito, *et al.*, 2022a, p. 34) entre duas culturas distintas.

O mesmo acontece em relação à vida artística na Ilha. Harcourt informa o leitor sobre o teatro madeirense, afirmando que:

Theatricals have sometimes been attempted in the Funchal theatre house, but they have always proved failures. In the Portuguese language there are few good plays; good play writing, and good acting, as well as favourable reception of both by the public, are rarely met with in Portugal or her colonies. (Harcourt, 1851, pp. 34-35)

Este excerto transmite o isolamento islenho no que concerne às artes. A Madeira do século XIX teria um panorama teatral limitado, dependente do continente, facto que se reflete igualmente no baixo interesse insular por esta expressão artística. O teatro tinha mais expressão em Portugal continental, sendo que na Ilha as peças de teatro eram em menor número.

No entanto, os bailes na Ilha da Madeira Oitocentista, organizados pelos “Merchants” (Harcourt, 1851, p.35), contribuíram para a vida social madeirense desta época, uma hospitalidade cultural proporcionadora de um espaço de convívio entre duas culturas. Como informa Harcourt:

The hospitality of Madeira merchants is proverbial. They give many pleasant parties and balls for the entertainment of their friends, and all is done that kindness and consideration can do to make people forget the distance at which they are from their home. Funchal Parties are not generally infected with contagion of the late hours of London. It is practicable to unite sociability with prudence, and retire to rest at a moderate hour. (Harcourt, 1851, p. 35)

Estamos perante uma sociedade que se esforça por construir várias práticas sociais de modo a proporcionar uma hospitalidade sustentável. Todavia, é notório um choque cultural, enquanto no Reino Unido as festas decorriam durante toda a noite, na Madeira o mesmo não acontecia.

Pete Hay (2006) defende que nas ilhas também existe o sentimento de “connectedness” (Hay, 2006, p. 23), quer nos residentes, quer naqueles que decidem passar a viver ou visitar as Ilhas. Hay (2006) insiste em afirmar que “Connectedness describes the island condition better than isolation.” (Hay, 2006, p. 23).

Ao transpormos o conceito de Hay (2006) para a realidade relatada na obra, podemos verificar este sentimento de “Connectedness” (Hay, 2006, p. 23) em relação à tolerância religiosa vivida na Madeira.

Segundo Rita Mendonça Leite (2009), no século XVIII, desenvolveu-se na Europa um conjunto de princípios de origem Iluminista, que defendia fundamentos como a igualdade, liberdade e fraternidade, “inspirados no pensamento de autores de referência como Locke, Hume, Adam Smith, Montesquieu e Rousseau [...] [que] surgiram como base de um liberalismo que extravazou as fronteiras da cultura e acabou por se traduzir em realidades políticas” (Leite, 2009, p. 19).

Tratou-se de uma revolução política que chegou a influenciar o pensamento religioso da época, já que “a Revolução de 1820 reconheceu também um papel à religião católica como fonte de legitimação num projecto liberal que procurava caminhar em direcção ao progresso político, social, económico, jurídico e cultural” (Leite, 2009, p. 19). Materializada no “artigo 6.º (Leite, 2009, p. 22) da “Carta Constitucional [de 1822]” (Leite, 2009, p. 23), ficou assente que: “A Religião Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras Religiões serão permitidas aos Estrangeiros com seu culto doméstico” (Leite, 2009, pp. 22-23).

Harcourt dá-nos conta deste facto ao informar que “There are three British places of worship at present in Madeira; two Church of England, and one Presbyterian” (Harcourt, 1851, p. 33).⁷⁷

De igual modo, as ocupações inglesas na Ilha, bem como a sua presença e importância para o comércio, vieram beneficiar do “Tratado de Comércio e Navegação, assinado em Lisboa a 3 de Julho de 1842” (Leite, 2009, p. 24) assinado entre Portugal e o Reino Unido, que além de permitir liberdade religiosa na sociedade madeirense e em Portugal, a construção de igrejas e lugares de culto, veio também autorizar “cerimónias fúnebres, sendo explicitamente exigido o respeito pelas tradições britânicas, desde os rituais do enterro à construção das sepulturas” (Leite, 2009, p. 25). Uma circunstância referida por Harcourt, quando refere:

Religious toleration, which always accompanies the progress of a more healthy policy, has now granted to the English in Madeira two places of burial for their dead: the one is used by those constantly resident in the island; the other contains the bodies of those who, seeking for health in a foreign land, have there found rest for ever. The cypress droops over the stranger’s grave, and many a flower decks his lonely tomb. (Harcourt, 1851, p. 33)⁷⁸

Esta afirmação poderá ser entendida como um esforço em aceitar o outro e a tolerância na Ilha da Madeira, que na atualidade pode ler-se como “Uma fronteira, juridicamente assegurada entre ‘nós’ e ‘outros’” (Monteiro, 2022, p. 40). Ao mesmo tempo, vem permitir a aceitação e inserção de uma outra cultura numa “cidade-refúgio” (Monteiro, 2022, p. 109), um sentimento vivido nas ilhas, que segundo Hay (2006), expõe a “resilience and versatility, and a state of existence to be cherished.” (Hay P. , 2006, p. 22) no mundo islenho.

De qualquer modo, as relações entre madeirenses e ingleses reduziam-se aos assuntos comerciais, pois, como afirma o autor, “The English and Portuguese do not mix often together in society” (Harcourt, 1851, p. 35). Numa leitura atual, estamos perante uma comunidade inglesa inserida na sociedade madeirense, seguindo o princípio de um

⁷⁷ De acordo com Desmond Gregory (1988), foi concluída em 1822 e construída pelo britânico Henry Veitch (Gregory, 1988, p. 79).

⁷⁸ Segundo Desmond Gregory (1988), a construção de um cemitério inglês foi possível em 1808 (Gregory, 1988, p. 120).

cosmopolitismo restrito a “rotas de privilégio social [...] de base mercantil” (Monteiro, 2022, pp. 81-82).

Baldacchino (2020) insiste que as ilhas são potenciadoras de espaços de diversidade, pelo que a religiosidade na Madeira de Oitocentos é retratada de forma explícita.

De modo a fazer cumprir esta diversidade religiosa e acima de tudo o respeito pela religião local, Harcourt informa os leitores ingleses sobre a religião católica, a religião predominante da Ilha:

The ceremonial customs of the Romish Church in Madeira are not observed in a manner to attract much of attention of strangers, unless it be in the grotesque observance of Shrove Tuesday. Bad eggs, water, and blacking are stored in preparation for that day. Some bridge or corner of a street is selected by the different parties of mummers. (...) (Harcourt, 1851, p. 34)

Ainda sobre as instituições religiosas madeirenses, o autor refere que:

The spiritualities of the island are vested in the *Order of Christ*, and the sovereign, as grand master of the order, presents to the bishopric, the cathedral offices, canonries, vicarages, and benefices: the church preferment is only *temporarily* filled up by the bishop of the diocese. (Harcourt, 1851, p. 68)

De igual modo, Harcourt sente a necessidade de informar o leitor sobre as diversas igrejas no Funchal, mencionando que: “The nine collegiate churches are the following: - Santa Maria Maior, São Pedro, Camera de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta, Machico, Santa Cruz, and Porto Santo” (Harcourt, 1851, p. 68) e acrescenta que todas estas igrejas estão sobre a jurisdição do “Ecclesiastical body of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 70), desenvolvendo, assim, informação acerca da existência de “Monastic establishments” (Harcourt, 1851, p. 71) e de “Religious societies” (Harcourt, 1851, pp. 71-72).

Além da barreira linguística, estamos perante duas culturas que se distanciam não só no tempo como também nos costumes. Fazendo uma reflexão contemporânea, poderíamos citar Monteiro (2022) e afirmar que estamos perante um delimitar de “cidadania” (Monteiro, 2022, p. 40) num território islenho, onde se estabelece uma

fronteira de “invisibilidade e [...] silêncio” (Monteiro, 2022, p. 40) de dois povos que não se misturam socialmente.

3. Susan Vernon Harcourt: a mulher e a artista

Susan Vernon Harcourt, nome de solteira Susan Harriet Holroyd, nasceu em 1829, filha de George Augustus Frederick Charles Holroyd, o segundo Conde de Sheffield, e da Condessa Harriet Holroyd, filha do segundo conde de Harwood, Henry Lascelles.

A sua mãe tinha relações diretas à corte inglesa, como dama de companhia da rainha consorte Adelaide, mulher do Rei Guilherme IV. Após casar foi mencionada na Revista *La Belle assemblée: or Court and fashionable magazine* em junho de 1828 como “The Right Honourable Harriet” (Bell, 1828, p.231), cujos “ancesters [...] are of ancient standing and respectability in the county of York” (Bell, 1828, p. 231).

Seu pai, George Augustus Frederick Charles Holroyd, além de membro honorário da Royal Society, foi Visconde de Penvensey e ocupou um lugar na Câmara dos Lords pelo partido conservador. Susan casou com Edward William Vernon Harcourt em 1849, com quem teve dois filhos Aubrey Harcourt, que nasceu em 1852 e Edith Harcourt, nascida em 1855. Informações que colocam Susan Harcourt na sociedade nobre da Inglaterra do século XIX.

De acordo com Christine de Bellaigue (2007), a sociedade inglesa do século XIX esperava que uma mulher se tornasse boa dona de casa, pelo que a sua educação era exclusivamente doméstica e, para algumas mais mulheres nobres, as artes estariam também incluídas na sua formação, enquanto os homens “occupied themselves with serious public matters” (Bellaigue, 2007, p.2).

Neste contexto, Susan Harcourt torna-se numa privilegiada, pois, como pertencia à nobreza britânica, a sua formação também passava pelas artes, no seu caso em particular desenvolveu um gosto pela pintura e pelo desenho, o que fez com que se tornasse numa mulher revolucionária para a sua época, dado que pinta e consegue publicar a sua obra.

Segundo Carita (2020), Susan acompanhou Edward Harcourt na sua viagem à Ilha em abril de 1848, regressando à Madeira logo após o seu casamento, “de novembro de 1849 a maio de 1850 e de novembro de 1850 a abril de 1851” (Carita, 2020).⁷⁹ Ambos

⁷⁹ A referência não contém números de página. Para fins de citação usaremos somente o sobrenome do autor e a data.

pertencem à época do “‘grand tour’ de educação das sociedades europeias abastadas” (2020), por isso as viagens de Susan Harcourt com o marido tornaram-se num incentivo para desenhar e aumentar a sua coleção. Uma circunstância que lhe trará maior vantagem em relação às mulheres da sua época, como refere Rui Carita (2020) com Susan Harcourt podemos perceber “uma nova posição e atitude da mulher ao longo do séc. XIX, que não só desenha em público, o que até então era quase impossível, como edita depois as suas obras, podendo, inclusivamente, trabalhar na sua passagem à litografia.” (Carita, 2020).

Da sua viagem à Ilha da Madeira com Edward Vernon Harcourt resultaram desenhos com vinte e duas paisagens da Ilha, os quais surgem numa publicação em 1851 pela editora Thomas McLean, intitulada *Sketches in Madeira: drawn from nature and on stone*. Os originais estão em destino incerto, segundo Rui Carita (2022), e pela investigação que fizemos, podemos comprovar que provavelmente estarão na posse da família ou dispersos pelo mundo, uma vez que do arquivo familiar, à guarda da *Bodleian Library* da Universidade de Oxford, consta somente a correspondência da família.

Lady Susan Harcourt torna-se, assim, numa autora de conteúdos sobre a cultura madeirense, com a sua visão artística sobre a Madeira. As suas litografias ilustram a obra em estudo e “com um traço suave, delicado e feminino, [abarcam]os grandes planos gerais e [esboçam] [...] os pequenos detalhes.” (Carita, 2020). Através do seu olhar artístico feminino, o leitor e apreciador de arte contemporânea poderá reconstruir as paisagens românticas da Ilha da Madeira Oitocentista.

3.1. A arte como preservação da memória da Ilha

Carlos Reis (1996) refere que “A relação entre a literatura e outras artes estabelece-se a partir da noção de que as linguagens artísticas [...] interagem e complementam-se” (Reis, 1996)⁸⁰. Neste contexto, as imagens, que ilustram a obra em estudo, contribuem para complementar a descrição paisagista da Ilha da Madeira, ao mesmo tempo que adoptam “a observação da natureza como um espectáculo estético” (Salgueiro, 2001, p. 38).

⁸⁰ A referência não contém números de página, pois pertence a um vídeo do autor publicado no repositório da Universidade Aberta, o qual disponibilizamos na bibliografia. Para fins de citação usaremos somente o sobrenome do autor e a data.

Susan Vernon Harcourt acompanhou Edward Vernon Harcourt na sua viagem à Ilha da Madeira, tendo a sua passagem pela Ilha contribuído também para a sua divulgação no meio artístico da aristocracia britânica. A ilustradora desenhou várias paisagens madeirenses, um olhar artístico que ficaria imortalizado num álbum publicado em 1851 pela editora Thomas McLean, intitulado *Sketches in Madeira: drawn from nature and on stone*. Estas imagens foram inseridas no livro por Edward Vernon Harcourt e, deste modo, estabelecem um vínculo entre literatura e arte. Nas suas ilustrações, “a paisagem inscreve-se [...] como forma de comunicação, não necessariamente verbal” (Nabozny, 2011, p. 38), mas complementando o discurso do autor.

Ao mesmo tempo, estas litografias permitem ao leitor contemporâneo não só “a possibilidade de revisitar a memória e fazer da experiência de fruição da arte um verdadeiro ressuscitar do que se perdeu pelo passar do tempo” (Antunes, 2010, p. 192), como também analisar estas imagens do ponto de vista das Humanidades Ambientais, não só estabelecendo uma conexão visual entre a paisagem isleña do século XIX e a atualidade, como também ganhar uma consciência ecológica. Segundo Syma A. Ebbin (2020):

Broadening ocean literacy to incorporate the arts and “blue humanities” leads to a richer and more robust knowledge of the ocean, enhances the process of learning and becoming ocean literate, and can generate value-driven or emotional responses that may catalyze conservation ethics. (Ebbin, 2020, p. 381)

Frederick J. Swanson (2015) refere que “Among the sciences, ecology is especially well suited for linking science, arts, and humanities to help connect people with the land.” (Swanson, 2015, p. 2). Numa aproximação à perspetiva das Humanidades Azuis, a arte exposta na obra de Harcourt, poderia ser lida como “new ways to understand ecological histories” (Ballard & Saunders, 2022), tendo em conta que as ilustrações apresentam alternativas saudáveis como um ilha, contribuindo “para a compreensão de qual o momento da História em que o impacto humano no meio começou a ser irreversível” (Brito, 2022, p. 463).

Segundo Carolyn Merchant (2020), o desenvolvimento europeu do século XIX empoderou o homem sobre a natureza (Merchant, 2020, p. 47). O aparecimento dos comboios e dos barcos a vapor fizeram com que na arte e na literatura surgissem ondas de consternação, denunciando os atentados ambientais sobre a paisagem, como “the

smoke and steam [...] [as] symbols of human dominance” (Merchant, 2020, p. 47). Assim, as artes visuais tornaram-se “an essential part of creating the largescale public awereness and understanding of climate change” (Merchant, 2020, p. 46) e dos problemas ambientais que o desenvolvimento científico e industrial trouxe.

De igual modo, Susana Gastal (2013) refere que, no século XIX, a paisagem na pintura ganha uma nova percepção, mais orientada para influenciar o “sensorial do que ao intelectual do observador” (Gastal, 2013, p. 128). Deste modo, a paisagem na arte ganha uma “leitura semiótica” (Gastal, 2013, p. 128), o lugar retratado surge “como fruto de uma construção social” (Gastal, 2013, p. 128) e além do embelezamento visual, procura-se retratar emoções e provocar sensibilidades, como menciona Nabozny (2011).

As litografias de Susan Harcourt apresentam-se, nesta época, como uma alternativa à vida citadina europeia. As paisagens e aspectos do quotidiano representados nos seus desenhos não só descrevem a memória de uma paisagem urbana, que conta uma história social e humana, como também revelam uma alternativa à industrialização que se vivia nas cidades europeias. As suas ilustrações divulgam a cultura madeirense, provocando no leitor a sensibilidade do viajante para um novo “espaço [...] [socialmente] construído” (Gastal, 2013, p.128).

Em *A Sketch of Madeira* (1851), Harcourt insere seis ilustrações de Susan Harcourt a inaugurar vários capítulos, que terá tido dificuldade em captar a imponência da paisagem da Ilha da Madeira, devido à luminosidade inconstante.

A primeira ilustra a folha de rosto do livro, Figura 1. Trata-se de uma paisagem romântica do quotidiano madeirense, que convida à paragem e ao descanso à beira mar. Estamos perante uma paisagem bucólica, convidando o leitor a conhecer a Ilha, como uma “matriz” (Nabozny, 2011, p. 38) do que o visitante necessita naquele momento para viver (Nabozny, 2011). A imagem de uma mulher e uma criança adornam a vida local e estabelecem uma relação entre a arte e a cultura local.

A segunda intitula-se “FRONTISPIECE. Funchal from the Sea” (Harcourt, 1851, p. iii), Figura 7, em anexo, e oferece ao leitor contemporâneo a “caligrafia de uma época” (Fontes, 2002, p. 1). Vislumbra-se o acesso à Ilha por mar, “factor de aproximação” (Vieira, [s.d], p. 2) “estimulado pela viagem” (Gaspar, 2001), o visitante abraça um novo destino. A paisagem expressa-se com pouca influência humana, o casario concentrado no Funchal e subindo a encosta, expõe a relação dos habitantes com o mar e o porto do Funchal (Baldacchino, 2018), colocando a Ilha da Madeira como parte de um “*corpus within broader framework of maritime history*” (Margariti, 2013, p. 201).

A terceira ilustração denominada “View of Funchal Hollway’s Cottage” (Harcourt, 1851, p. 25), Figura 8 em anexo, ilustra a vista panorâmica de uma quinta: “Hollway’s Cottage” (Harcourt, 1851, p. 24), “a house with a garden, standing in the suburbs of the town” (Harcourt, 1851, p. 27), realçando os terraços que permitiam uma vista panorâmica sobre a cidade. Uma pintura através da qual o leitor descobre uma nova cultura de estar em sociedade, uma organização de identidades (Nabozny, 2011, p. 40). Susan Harcourt transmite nesta litografia do quintal de uma habitação, a mais pura e romântica fruição de uma sociedade, na qual “a percepção do espaço é social e socialmente construída” (Gastal, 2013, p. 128) para proporcionar um encontro individual com a coletividade, a paisagem humana da Ilha da Madeira (Ballard & Saunders, 2022, p. 462).

Ao mesmo tempo, trata-se da “realidade do homem modelada pela natureza estética” (Seel, 2011, p. 407), uma imagem que vai ao encontro do fundamento apresentado por Matthew Dennis *et al* (2018), no que concerne um planeamento urbano sustentável, buscando o equilíbrio entre o ambiente natural e o bem-estar humano. Um urbanismo que “involves the maximisation of physical and functional connectivity whilst optimising multi-functionality in terms of social, ecological and economic benefits” (Dennis, *et al.*, 2018, p. 2). O leitor, como futuro visitante, tem assim a possibilidade de experienciar “the reality of a place as lived by the place’s residents” (Kavaratzis, 2017, p. 98).

A quarta imagem de Susan Harcourt inaugura o quarto capítulo da obra em estudo, sendo legendada como “Group of peasants” (Harcourt, 1851, p. 56), Figura 9, em anexo. Uma envolvimento captada por Susan Harcourt, que transmite um dos agentes que compõe a paisagem madeirense - o ilhéu, mas sobretudo o que vive no mundo rural. Em forma de retrato da vida quotidiana, a personagem do camponês chega como uma representação da “condição do Homem em determinadas circunstâncias do tempo e do lugar” (Morão, 2007, p. 187).

Para o leitor contemporâneo, a ilustração “Group of peasants” (Harcourt, 1851, p. 56) não só “surge [...] como meio de reconhecimento” (Pommier, 2007, p. 176) e do “conhecimento da história na qual se inscreve a personagem representada” (Pommier, 2007, p. 177), como também transporta consigo a importância da “tradição” (Pommier, 2007, p. 178).

De acordo com Ritter (2011), “esta presença fulcral do homem transparece também em assunto que define paisagem como ‘o espaço que se constitui em objecto de

experiência estética” (Ritter, 2011, p. 341). O pormenor dos trajes dos camponeses revela uma geografia social, cultural e humana, acompanhada de um “ducto epocal” (Fontes, 2002, p. 1). Enriquecido com elementos etnográficos, Susan Harcourt pinta “o mundo insular, assente numa singular personalidade, numa particular conexão, numa forma de ser e estar no mundo” (Vieira, 2018, p. 10). Ao mesmo tempo, Harcourt, no fim da ilustração, remete o leitor para a página 90: “see page 90”⁸¹ (Harcourt, 1851, p. 56), dando-lhe oportunidade de comparar a ilustração com a descrição que faz da indumentária “of the peasantry” (Harcourt, 1851, p. 90).

A quinta ilustração de Susan Harcourt, intitulada “Bananas” (Harcourt, 1851, p. 110), Figura 10, inaugura o sexto capítulo da obra, que é dedicado à história natural e geologia madeirense. A ilustradora insere no seu álbum de litografias, um elemento que caracteriza a “Paisagem-marca” (Berque, 2012, p. 240) de um território, ou ainda, como refere Salgueiro (2001), faz uma “artialização *insitu*”, que consiste na inscrição do código artístico na materialidade do lugar” (Salgueiro, 2001, p. 38). Ao longo dos anos, a banana tornou-se um elemento que se associa dogmaticamente à Madeira, como um “consistent branding exercise in human history” (Baldacchino, 2010, p. 374). Uma vez mais, Edward Harcourt direciona o leitor para a página 114 do livro, onde escreve sobre os frutos e vegetais da Ilha e se refere ao modo de comer banana, com uma citação de John Ovington’s (1869) no livro *Voyage to Suratt* ⁸²: “T is almost a crime inexpiable to cut this fruit with a knife, which after dissection gives a faint similitude of our Saviour crucified; and this they say is to wound his sacred image” (Harcourt, 1851, p. 114).

A última ilustração de Susan Harcourt intitula-se “English Burial Ground” (Harcourt, 1851, p. 136), Figura 12, inaugurando o apêndice da obra sobre a inscrição “List of plants, birds, etc, of Madeira” (Harcourt, 1851, p. 136). Estamos perante uma imagem de um cemitério para residentes ingleses a viver na Madeira, arquitetado paisagisticamente com plantas e árvores endémicas da Ilha. De igual modo, esta paisagem, segundo Salgueiro (2001), distingue-se por uma individualização das “paisagens culturais face às paisagens naturais” (Salgueiro, 2001, p. 41), pelo modo como une duas culturas no mesmo território. Trata-se de uma representação visual de um diálogo cultural baseado na tolerância e acolhimento, no qual “o outro não é um

⁸¹ O itálico na citação faz parte do corpo do texto.

⁸² Do qual temos acesso à versão digital editada por H. G. Rawlison e publicada em (1929) pela Oxford University Press. Vide <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.79805/page/n5/mode/2up>.

adversário, mas uma extensão dialógica [...] e necessária para o eu existir” (Nabozny, 2011, p. 38).

Segundo Lee-Niiniola (2002), a arte e a paisagem complementam-se para revelar “culture as a visual language” (Lee-Niinioja, 2022, pp. 103-104). Rica em símbolos culturais, a pintura do cemitério inglês manifesta a construção de uma “Collective memory” (Lee-Niinioja, 2022). Não só enobrece a Ilha como um lugar que abraça a diversidade cultural, como também transmite ao leitor “traditional beliefs, values, norms, and shared rituals to create the collective transcendence” (Lee-Niinioja, 2022, p. 105).

Ao longo do livro, Harcourt faz referência a outras litografias de Susan Harcourt. Ao descrever uma paisagem, como podemos ler: “On the road you get a avery good view of Penha d’Águia* through a frame of chestnuts covered with vines” (Harcourt, 1861, p. 22), o autor, em notas de rodapé, remete o leitor para o álbum da artista: “See ‘Sketches in Madeira’ by Lady S. V. Harcourt” (Harcourt, 1851, p. 22), um convite à viagem entre a arte literária e o desenho.

Talvez por influência de Susan Harcourt, o autor insere no livro uma secção intitulada “Sketching” (Harcourt, 1851, p. 6), um segmento da obra que pretende oferecer alguma informação àqueles que visitam a ilha por lazer, como podemos ler:

The great difficulty of sketching in Madeira consists in the grandeur of the scenery and the quickness with which the lights disappear. In the ravines about town the town there are many exquisite little pieces to be found. There is an endless fund of amusement for the lover of the pencil; sit down where you will, you get a good subject, as far as rocks, water, and sky are concerned. Fine trees are great desideratum to the artist on the south side of the island; on the north he has them to his heart’s content. The production of drawing utensils always excites curiosity amongst the natives. The artist is immediately surrounded by a motley group of people, who seem as if they had nothing to do but watch his motions. (Harcourt, 1851, p. 6)

De acordo com Jorge Gaspar (2001), a descrição visual da paisagem “manifesta-se em vários outros domínios onde é necessário apreender a luz, as formas, os ambientes, para compreender os lugares e o sentido do espaço e do tempo” (Gaspar, 2001, p. 83), o que vai ao encontro da complexidade mencionada no excerto supracitado.

A Sketch of Madeira (1851) encontra-se inserida no subgénero literatura de viagens, como consequência do *Grand Tour* Europeu e antecessora do grande *Boom* do

turismo de lazer, referido por Marc Boyer (2003). Como tentamos demonstrar ao longo deste capítulo, a livro ganha, assim, um novo contorno estético, para uma dupla leitura do lugar. Estimula-se, deste modo, a construção de sensações em relação à experiência vivida. Neste contexto, a literatura aliada à arte incentiva no leitor um novo olhar sobre a paisagem, como menciona Gastal (2013). Ao leitor exige-se um “Múltiplo objeto de construção de sentido e de leitura, espaço sob essa compreensão estimula o olhar, embora exigindo um expectador ativo” (Gastal, 2013, p. 128), activando a sua sensibilidade para a paisagem como lugar e como humana, aquela que diferencia uma cultura da outra.

Tendo em conta que, atualmente, ambas as publicações se encontram em domínio público e estão disponíveis para consulta online, o leitor contemporâneo tem a oportunidade de visualizar a Madeira da época. Susan Vernon Harcourt, através das suas litografias, oferece ao leitor contemporâneo um poema ecfástico da Ilha da Madeira. Tanto o escritor naturalista como a artista contribuem para a existência de uma ligação entre a Ilha e os países do norte da Europa, neste caso particular o Reino Unido. *A Sketch of Madeira* (1851) e as suas ilustrações mostram à Europa uma Madeira “moldada, humanizada, por pés e por mãos” (Steiner, 2007, p. 28) e a arte apresenta-se como “a única capaz de fazer conviver homens de vários lugares e tempos diversos” (Antunes, 2010, p. 192).

Considerações finais

Após as questões de investigação que formulámos inicialmente, podemos concluir que a literatura de viagens sobre a Madeira contribui não só para a divulgação da História madeirense e como instrumento de preservação da memória, como também comprova a sua relevância para o estudo nas diversas áreas das Humanidades e para a construção da identidade e da cultura madeirenses.

Ao direcionarmos o nosso foco para os estudos insulares, em particular o acervo relacionado com o Fundo Local da Região Autónoma da Madeira, foi de particular importância a disponibilização em linha dos exemplares do século XIX por parte da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro, e a existência do Catálogo Coletivo das Bibliotecas da Madeira, pois pudemos analisar a cultura comportamental e auferir quantos e quais exemplares estavam acessíveis.

A observação bibliométrica que nos propusemos realizar veio confirmar que a Região detém, à sua guarda, um número de livros sobre a Madeira relativamente pertinentes para nos podermos debruçar sobre as indagações formuladas, pois comportam um número significativo com valor histórico e documental capaz de definir e preservar a nossa memória coletiva. No entanto, na análise extensiva às bibliotecas mundiais, verificamos que este género literário tem sido pouco utilizado para a realização de investigações, situação esta que poderá ser justificada pelo projeto digital ainda em curso e do difícil acesso a esta literatura. Contudo, acreditamos que o seu valor histórico, cultural e literário (particularmente da obra escolhida para análise) contrastam o parco número de exemplares, de citações ao longo dos anos e pela transdisciplinaridade das suas temáticas.

Da pesquisa que fizemos, consideramos como indicadores a barra cronológica e a importância da análise sobre o título e a autoria, sugeridos por Alão (1997), Jauss (1978), Macherey (2014) e Hoeck (1981).

A Sketch of Madeira (1851) chega-nos pela escrita de Edward Vernon Harcourt em pleno século XIX. Inserida na literatura de viagens sobre a Madeira, trata-se de um olhar estrangeiro que aborda a insularidade exigente da Ilha e a sua orografia austera. Pela inclusão de dados estatísticos sobre o clima, a flora e a fauna da Madeira, por parte do autor, julgamos poder afirmar que o primeiro turismo e as primeiras literaturas sobre a

Ilha, surgem dos estudos científicos europeus, destinados à aristocracia europeia que procurava um destino terapêutico e um clima ameno para passar os invernos rigorosos.

Pela análise que fizemos ao título da obra, pudemos constatar que Edward Vernon Harcourt alargou o público-alvo da sua obra ao estabelecer uma relação de diálogo cultural entre a Ilha da Madeira e a Grã-Bertanha. O padrão do visitante expandiu-se a *invalids*, cientistas ou ao simples viajante, à procura de uma estância de lazer, uma circunstância que justifica a mudança do nicho turístico que se verificou no início do século XX.

De igual modo, pudemos constatar que o estilo discursivo do autor surge pautado por um pendor estético ao descrever a história, a paisagem e a antropologia da Ilha. Numa exposição esquemática e organizada, Harcourt informa sobre os costumes, os hábitos, as crenças, as tradições dos ilhéus, a sua organização social e a sua economia, aspectos da sociedade madeirense que se confirmaram relevantes para desenvolver vários estudos imagológicos, capazes de analisar e percepcionar as duas culturas, a inglesa e a madeirense. Ao mesmo tempo, para os estudos entre duas culturas torna possível a desconstrução de estereótipos inerentes aos relacionamentos interculturais.

Apesar de se tratar de uma obra do século XIX, tentamos aproximar a nossa análise a uma abordagem contemporânea das *Blue Humanities*, Humanidades Azuis ou Humanidades Ambientais e dos estudos insulares, o que cremos ter contribuído para fundamentar a diversidade temática oferecida pela obra. Este olhar proporcionado por esta abordagem ecológica, ajudou a construir uma ponte entre o passado e o presente, enquanto nos deu oportunidade de deslindar conceitos como o de “ilheidade”, “insularidade” e “maritimidade” em relação à Madeira de Oitocentos e seus habitantes.

Através dos fundamentos lançados por Steve Mentz (2009-2024), Serpil Oppermann (1987-2023), John R. Gillis (2001-2017), Michel P. Cohen (2004), Vilma L. da Fonseca (2001) entre outros teóricos, pudemos lançar um olhar sobre a atitude do ilhéu perante o mar e a natureza, intuindo que o oceano faz parte do ser ilhéu: o mar torna-se uma extensão de si mesmo, ao construir a sua identidade ilhoa, ao proporcionar o desenvolvimento de uma economia marítima e conectando-o com o mundo, o mar abre espaço ao encontro entre duas culturas, não o limita nem isola, mas humaniza-o. Constatamos que o seu quotidiano, a sua vida económica e social se desenvolveram em sintonia com o ambiente. Ajudaram-no a fortalecer uma economia (agrícola), uma sociedade sustentável e tolerante em relação a uma outra cultura, ampliando, deste modo, a sua condição insular.

Torna-se relevante salientar que *A Sketch of Madeira* (1851), à luz de um olhar contemporâneo, permite ao leitor construir uma consciência ecológica no que diz respeito à organização e construção de uma cidade, das infraestruturas e dos edifícios, com o objetivo de proporcionar um ambiente saudável e sustentável. O mesmo podemos concluir relativamente às relações entre duas culturas distintas, pois torna-se evidente que a diversidade cultural pode proporcionar o desenvolvimento económico de uma região, se este relacionamento se estabelecer numa base de respeito mútuo. Foi neste sentido que procurámos relacionar concomitantemente as Humanidades Azuis com o debate ambiental e humano, permitindo-nos verificar que o epítome “sustentável” não se restringe às relações entre o Homem e o ambiente, mas também às relações culturais.

De igual modo, quanto aos estudos insulares, sobretudo o conceito de insularidade, as enunciações defendidas por Baldacchino (2004-2020), Conkling (2007), Ronström (2021) e demais investigadores estudados, ajudaram a evidenciar que na Ilha da Madeira de Oitocentos a insularidade não definiu os ilheús como seres totalmente isolados.

No entanto, tornou-se evidente que a aceitação da comunidade inglesa na sociedade madeirense foi impulsionada pela necessidade de um povo pobre e de uma sociedade que necessitava destes estrangeiros para desenvolver a sua economia. Todas as inovações, as infraestruturas construídas na cidade do Funchal, os percursos, as excursões organizadas e a rede de contactos organizada para receber estes visitantes como residentes nas suas habitações locais, foram pensadas para os convidar a investir na Ilha. Pelo contrário, a sua realidade, a visão do turismo como uma política económica, a aceitação de uma outra nacionalidade, com meios para o investimento, materializou-se num exemplo de como uma ilha poderá ser um espaço de diversidade civilizacional, testemunhado aliás por Harcourt na sua obra *A Sketch of Madeira* (1851).

Não podemos deixar de salientar o choque cultural entre as duas culturas, pois o leitor não fica indiferente às diferentes críticas que Harcourt dirige à sociedade madeirense, quer a nível da sua conduta social e a sua pobreza, pelo que se torna explícita a sua preocupação em informar o leitor sobre todos os hábitos e costumes madeirenses, de modo a construir um entendimento cultural para que a nacionalidade inglesa consiga conviver pacificamente na Ilha. Apesar de alguns alertas e observações, estamos perante um relatório da cultura insular madeirense, envolto numa descrição bucólica e romântica da Ilha, alusiva às suas paisagens, habitantes e às relações socialmente estabelecidas com os seus visitantes. Para o leitor britânico, trata-se de uma perspetiva de um viajante sobre uma cultura estrangeira.

Por fim, tentámos também verificar como a arte de Susan Vernon Harcourt assume um papel complementar na divulgação da Ilha da Madeira no universo artístico europeu. As suas litografias contribuem para uma leitura visual do discurso de Edward Vernon Harcourt, bem como para a humanização da paisagem e da etnografia madeirenses.

Podemos, assim, concluir que *A Sketch of Madeira* (1851), de Edward Vernon Harcourt, se torna numa fonte relevante e rica em temáticas multidisciplinares para os estudos culturais e insulares e também como do ponto de vista das Humanidades Ambientais, estamos perante uma obra capaz de construir uma nova consciência ecológica no leitor contemporâneo.

Bibliografia

Ativa

Harcourt, E. V. (1851). *A sketch of Madeira; containing information for the traveller, or invalid visitor*. London: John Murray. https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/mpnografias_pdf/AsketchMadeira.pdf. (Obtido em 2024).

Passiva

A guide to Madeira: containing a short account of Funchal with instructions to such as repai to that island of health. (1810). G. Woodfall, Paternoster-Row.

A letter home: being a description of a trip to Lisbon, Madeira, Grand Canary and Tenerife. (1913). Yeoward Bros.

Alão, G. (1997). Dois aspectos da tipologia da literatura de viagens: os títulos e os autores. In A. M. Falcão, M. Nascimento, & M. L. Leal, *Literatura de viagens: narrativa, história, mito* (pp. 543-553). Cosmos.

Albergaria, I. S. (2016). Turismo de Jardins na Madeira e nos Açores: da dimensão histórica à situação atual. https://run.unl.pt/bitstream/10362/36741/1/Isabel_ALBERGARIA_turismo_jardins.pdf. (Consultado em 10-01-2025).

Alves, G. (2020). Um canto à ilha da Madeira. In D. N. Chaves (Ed.), *questões de identidade insular na Macarronésia*. CHAM - Centro de Humanidades: Santa Casa da Misericórdia. <http://hdl.handle.net/10400.3/6107>. (consultado a 10-01-2025).

Alves, I. F. (2024). A paisagem rural: relações e formas afetivas em Crónica da Casa Ardida. In A. Carvalho, I. Alves, & A. Luz (Eds.), *Minho, Douro e Trás-os-Montes: imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*. By The Book.

An historical sketch of the Island of Madeira. (1819). F. S. Hopkins.

Andrade, N. R. (2022). A Epidemia de Cólera na Madeira (1856): Das Políticas Régias às Práticas Locais. *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, 299-316.

André, J. M. (2012). *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*. Palimage.

Anglíker, E. (2021). The Cycladic Archipelago beyond geographical definitions: Redefining Boundaries and Limits through Material Culture and Religion. In L. Dierksmeier, F. Schön, A. Kouremenos, A. Condit, & V. Palmowski (Eds.),

- European Islands between isolated and interconnected life worlds* (pp. 53-70).
Tübingen University Press.
- Antunes, L. M. (2010). A construção da memória cultural por meio da literatura: alguns aspectos. In *(Pro) Posições Culturais* (pp. 189-211). Editora Univille.
https://www.researchgate.net/publication/330856978_A_construcao_da_memoria_cultural_por_meio_da_literatura_alguns_aspectos (consultado a 03-01-2025)
- Aragão, A., & notas). (1981). *A Madeira vista por estrangeiros, 1455-1700*. Secretaria Regional da Educação e Cultura /DRAC.
- Augustin, G. (2006). Um novo viajante na literatura de viagens. *Linha D'Água*, 0(19), pp. 13-32. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v019p13-32>. (consultado a 12-11-2024).
- Backès, J.-L. (1999). *A Literatura europeia*. (L. C. Feio, Trans.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Bacon, F. (1902). *Novum Organum*. (J. Devey, Ed.) New York: P.F. Collier.
- Baedeker, K. (1911). *The Mediterranean seaports and sea routes including Madeira, the Canary Islands, the Coast of Morocco, Algeria and Tunisia: handbook for travellers*. Karl Baedeker.
- Baldacchino, G. (2004). The coming age of island studies. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geographie*, 95(3), pp. 272-283. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9663.2004.00307.x>. (consultado a 2-12-2024).
- Baldacchino, G. (2005). The Contribution of 'Social Capital' to Economic Growth: lessons from Island Jurisdictions'. *The Round Table*, 94(1), 31-46. https://www.researchgate.net/publication/228353783_The_Contribution_of_'Social_Capital'_to_Economic_Growth_Lessons_from_Island_Jurisdictions. (consultado a 02-05-2025).
- Baldacchino, G. (2010). Editorial: Entrepreneurship and Small Business Development in Small Islands. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 9(373-377). https://www.researchgate.net/publication/271941565_Editorial_Entrepreneurship_and_Small_Business_Development_in_Small_Islands. (Consultado a 19-05-2025).
- Baldacchino, G. (2013). Island landscapes and European culture: an island studies' perspective. *Journal of Marine and Island Cultures*, 2(1), 13-19. doi:<http://dx.doi.org/10.1016/j.imic.2013.04.001>. (consultado a 28-04-2025).
- Baldacchino, G. (2018). *The Routledge International Handbook of Island studies: a world of Islands*. Routledge.

- Baldacchino, G. (2020). A psychology of islanders? In R. Pine, & V. Konidari (Eds.), *Island of the mind: Psychology, literature and biodiversity*. Cambridge Scholars Publishing. https://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=TQXPDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA2&ots=gV_znMmf20&sig=aVvMC3nnuAgh2GiBh4aUJ5YuqfI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. (Consultado a 28-04-2025).
- Ballard, S., & Saunders, J. (2022). Art writing and coastal change: storytelling in the blue economy. *Geohumanities*, 8(2), 462-481. doi:<https://doi.org/10.1080/2373566x.2022.2094280>. (Consultado a 20-05-2025).
- Barral, F. A. (1854). *Noticia sobre o clima do Funchal e sua influencia no tratamento da tísica pulmonar oferecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Imprensa Nacional.
- Barthes, R. (1987). *O rumor da língua*. (A. Gonçalves, Trans.) Edições 70.
- Bazenga, A. (2019). Turismo e romance na literatura popular cor-de-rosa tendo por cenário a ilha da Madeira. In D. Chaves (Ed.), *Memória e identidade insular: religiosidade, festividades e turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores* (pp. 323-335). CHAM.
- Bell, J. (1828). Illustrative memoir of the right honourable Harriet, Countess of Sheffield, *La Belle Assemblée: Or Court and Fashionable Magazine*, 7(42), 231–234. https://books.google.pt/books?id=4sERAAAAYAAJ&pg=PA231&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. (Consultado a 09/05/2025).
- Bellaigue, C. (2007). *Educating Women*. OUP Oxford. https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=fBJREAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR9&dq=Women+education+in+english+society+XIX+century&ots=C-ik4gMcQD&sig=O6s2TbCawWVefl01jhqhhDL14yY&redir_esc=y#v=onepage&q=Women%20education%20in%20english%20society%20XIX%20century&f=false. (Consultado a 10/07/2025).
- Berque, A. (2012). Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In R. Corrêa, & Z. Rosendahl (Eds.), *Geografia cultural: uma antologia* ([online] ed., Vol. 1). EdUERJ. <https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=IuGvDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA239&dq=a+paisagem+humana+cultural&ots=DB1H->

- Bonesio, L. (2012). Habitar a terra e reconhecer-se nos lugares. In A. SERRÃO (Ed.), *Filosofia e Arquitetura da Paisagem: um manual* (pp. 203-210). Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Bourdieu, P. (1991). *Language and symbolic Power*. (J. Thompson, Ed., & M. Adamson, Trans.) Polity Press.
- Borges, J. L. (1998). *Jorge Luís Borges: Obras Completas (1923-1949)* (Vol. 1). Lisboa: Teorema.
- Bowdich, T. E. (1825). *Excursions in Madeira and Porto Santo, during the autumn of 1823, while on his third voyage to Africa*. George B. Whittaker.
- Boyer, M. (2003). *História do turismo de massa*. (V. Ribeiro, Trans.) EDUSC.
- Braidotti, R. (2019). *Posthuman Knowledge*. Polity Press.
- Braidotti, R., & Casper-Hehne, H. (2023). New Humanities. In N. Wallenhorst, & C. Wulf (Eds.), *Handbook of the Anthropocene* (pp. 463-468). Springer.
- Branco, J. F. (2019). *Camponeses da Madeira: As bases materiais do quotidiano no arquipélago (1750-1900)* (2.^a ed. ed.). Direção Regional da Cultura.
- Brassey, A. (1885). *In the trades, the tropics, & the roaring forties*. Longmans.
- Britannica. (2024). *Charles Darwin: On the Origin of Species*. Retrieved from Encyclopædia Britannica: <https://www.britannica.com/biography/Charles-Darwin/On-the-Origin-of-Species#/media/1/151902/15844>. (consultado a 30-10-2024).
- Brito, C. (2022a). Uma Agenda de Investigação nas Humanidades Azuis: Exploração dos Ambientes Aquáticos e os 4 Oceanos em Épocas Pré-Industrialização. *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha*, 12(2), 459-474. doi:<https://doi.org/10.32991/2237-2717.2022v12i2.p459-474>. (Consultado a 17-03-2025).
- Brito, C. (2022b). An early modern blue Anthropocene, or the historical entanglements between humans and nonhumans. (M. Riquito, & A. Carvalho, Eds.) *Cescontexto, Beyond Modernity: Alternative Incursions into the anthropocene*(31), 67-74. https://research.unl.pt/ws/files/42632941/Brito_2022_Anthropocene_CES.pdf. (Consultado a 10-04-2025).
- Brito, C., Vieira, N., Garcia, C., Carvalho, P., Lacerda, T., & Baço, J. (2022a). O oceano histórico e ecológico: Narrativas e contextos da época moderna. *Negócios Estrangeiros*(22).https://research.unl.pt/ws/files/45837501/RNegociosEstrangeiros_2_O_oceano_historico_e_e.pdf. (consultado a 10-04-2025).

- Brown, A. S. (1889). *Madeira and the Canary Islands: a practical and complete guide for the use of invalids and tourists*. Sampson Low, Marston, Searle & Rivington.
- Brown, A. S. (1932). *Brown's Madeira Canary islands and Azores*. Simpkin, Marshall.
- Brunel, P., & Chevrel, Y. (. (2004). *Compêndio de Literatura Comparada*. (M. d. Monteiro, Trans.) Fundação Calouste Gulbenkian.
- Buescu, A. I. (1988). "O peregrino Instruído". Em torno de um projeto de viagem setecentista. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa*(2), pp. 27-58. <http://hdl.handle.net/10362/5370>. (consultado a 23-10-2024).
- Burton, R. F. (1863). *Wanderings in West Africa*. Tinsley Brothers.
- Byrans, R. (1959). *Madeira: pearl of the Atlantic*. Robert Hale.
- Caetano, C. F. (2017). *O contributo das Bibliotecas Públicas Portuguesas para as Humanidades Digitais*. [Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra]. <https://hdl.handle.net/10316/85399> (consultado a 17-12-2024)
- Câmara, B. (2002). *A economia da Madeira (1850-1914)*. Imrensa de Ciências Sociais.
- Camões, L. V. (1572). *Os Lusíadas*. en Casa de Antonio Goçaluez Impressor.
- Cane, E. F. (1909). *The flowers and gardens of Madeira*. Adam and Charles Black.
- Cappelli, G. (2013). Travelling words: Languaging in English tourism discourse. In A. Yarrington, S. Villani, & J. Kell (Eds.), *Travels and Translations* (pp. 353-374). Brill.
- Carita, R. (1997). Literatura de viagens na Madeira. In A. M. Falcão, M. T. Nascimento, & M. L. Leal, *Literatura de viagens: narrativa, história, mito* (pp. 69-83). Cosmos.
- Carita, R. (2008). *História da Madeira : o longo século XIX*. SRE.
- Carita, R. (2019). *História da Madeira séc. XIX: o caminho do Liberalismo*. Imprensa Académica.
- Carita, R. (2020). Harcourt, Susan Harriet Vernon. *Aprender Madeira*. <https://aprenderamadeira.net/article/susan-harriet-vernon-harcourt>. (consultado a 03-03-2024).
- Carvalho, A., Alves, I., & Luz, A. (Eds.). (2024). *Minho, Douro e Trás-os-Montes: imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*. The Book.
- Carvalho, J. C. (2003). *Ciência e alteridade na literatura de viagens*. Colibri.
- Castro, F. D. (1960). *Eternidade* ([1.ª ed. 1933] ed.). Guimarães.

- Chiou, C.-R., Tsai, W.-L., & Leung, Y.-F. (2010). A GIS-dynamic segmentation approach to planning travel routes on forest trail networks in Central Taiwan. *Landscape and Urban Planning*, 97(4), 221-228. . doi:Doi: 10.1016/j.landurbplan.2010.06.004. (consultado a 12-12-2024).
- Claval, P. (2012). A paisagem dos geógrafos. In R. Corrêa, & Z. Rosendahl (Eds.), *Geografia cultural: uma antologia* (on-line ed., Vol. I). EdUERJ. Retrieved from https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=IuGvDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA239&dq=a+paisagem+humana+cultural&ots=DB1H-5Sy2l&sig=R52axHuxMjsPa_5GOCHkPCGqGWI&redir_esc=y#v=onepage&q=a%20paisagem%20humana%20cultural&f=false. (consultado a 20-05-2025).
- Clode, L. P. (1949). Algumas famílias inglesas que passaram a esta ilha. *Arquivo <histórico da Madeira, II(2)*.
- Clode, L. P. (1984). *Registo bio-bibliográfico de Madeirenses: sécs xix e xx*. Caixa Económica do Funchal.
- Coelho, J. D. (1983). *Dicionário da Literatura* (3.^a ed., Vol. ii). Figueirinhas.
- Cohen, M. (2010). *The novel and the sea*. Princeton University Press.
- Cohen, M. P. (2004). Blues in the Green: Ecocriticism under critique. 9(1), pp. 9-36. doi:<https://doi.org/10.2307/3985943>. (Consultado a 14-11-2024).
- Collot, M. (2012). Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In C. Negreiros, M. Lemos, & I. Alves (Eds.), *Literatura e Paisagem em diálogo*. Edições Makunaima. <http://www.edicoesmakunaima.com/catalogo/2-critica-literaria/12-literatura-e-paisagem-em-dialogo>. (consultado a 2-1-2025).
- Collot, M. (2013). *Poética e filosofia da paisagem*. (I. Alves, Trans.) Oficina Raquel. https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Z67wDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Po%C3%A9tica+da+paisagem+michel+collot&ots=DiHcez5lqc&sig=sv3D3vbS3oPn3XUQIonprW1KDA8&redir_esc=y#v=onepage&q=Po%C3%A9tica%20da%20paisagem%20michel%20collot&f=false. (Consultado a 20-04-2025).
- Combe, W. (1821). *A history of Madeira: with a series of twenty-seven coloured engravings, illustrative of the costumes, manners and occupations of the inhabitants of the island*. . R. Ackermann.

- Conkling, P. (2007). On Islanders and Islandness. *Geographical Review*, 97(2), 191-201. doi:<https://doi.org/10.1111/j.1931-0846.2007.tb00398.x>. (consultado a 09-02-2025).
- Cordeiro, A. (1717). *Historia Insulana das Ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental*. Na officina de Antonio Pedrozo Galvam. Retrieved from <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000092542&page=1>. (Consultado a 10-02-2025).
- Corrêa, R. L. (2012). Paisagem e geografia. In *Literatura e Paisagem em diálogo*. Edições Makunaima.
- Corrêa, R., & Rosendahl, Z. (2012). Geografia cultural: apresentando uma antologia. In R. Corrêa, & Z. Rosendahl (Eds.), *Geografia cultural: uma antologia* (On-line ed., Vol. I). EdUERJ. Retrieved from https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=IuGvDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA239&dq=a+paisagem+humana+cultural&ots=DB1H-5Sy2l&sig=R52axHuxMjsPa_5GOCHkPCGqGWI&redir_esc=y#v=onepage&q=a%20paisagem%20humana%20cultural&f=false. (Coonsulatdo a 05-05-2025).
- Cortese, G., & Duszak, A. (2005). *Identity, community, discourse: english in intercultural settings* (Vol. 18). Peter Lang.
- Costa, J. P. (s.d.). *Assistência Médico-Social na Madeira e a escola médico-cirúrgica do Funcha*. DRAC.
- Costa, M., & Nascimento, M. (2021). Madeira Landscapes: Crossovers between Literature and Geography. In J. Oliveira-Costa, T. Moreira, & F. Castro (Eds.), *Landscapes representations: conceptions of physical and Human space* (pp. 2-16). Cambridge Scholar Publishing.
- Cristóvão, F. (1999). Para uma teoria da literatura de viagens. In F. C. (coord.), *Condicionantes culturais da literatura de viagens* (pp. 13-52). Cosmos.
- Cristóvão, F. (2009). Introdução à literatura de viagens: da tradicional à nova e à novíssima. In F. Cristóvão, *Literatura de viagens da tradicional à nova e à novíssima* (pp. 7-18). Almedina.
- Cuddon, J. A. (1991). *The Penguin dictionary of literary terms and literary theory* (3.^a ed. ed.). Penguin Books.
- Cury, A. (2004). *Dez leis para ser feliz*. Pergaminho.
- Dana, J. D. (1853). *On the classification and geographical distribution of crustaceos*. C. Sherman.
- Darwin, C. (1859). *The Origin of Species*. John Murray.

- Darwin Correspondence Project, “Letter no. 1883,” <https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-1883.xml> (Consultado a 22-10-2024).
- Dawson, H., & Pugh, J. (2021). The Lure of islands studies. In L. Dierksmeier, F. Schön, A. Kouremenos, A. Condit, & V. Palmowski (Eds.), *European Islands between isolated and interconnected life worlds* (pp. 33-52). Tubigen University Press.
- Debrett. (1886). *Debrett's illustrated: heraldic and biographical House of Commons and Judicial bench*. <https://archive.org/stream/debrettshouseo1886londuoft/page/70>. (consultado a 20-04-2025).
- Dennis, M., Barlow, D., Cavan, G., Cook, P., Gilchrist, A., Handley, J., . . . Lindley, S. (2018). Mapping Urban Green Infrastructure: A Novel Landscape-Based Approach to Incorporating Land Use and Land Cover in the Mapping of Human-Dominated Systems. *Land*, 7(17). doi:<https://doi.org/10.3390/land7010017>. (Consultado a 19-05-2025).
- Diário da República I Série*. (1985, 14 de março) (Portugal). Aprova o Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, Decreto-Lei n.º 63/85, (61/1985). <https://dre.pt/application/file/327000>. (Consultado a 17-12-2024).
- Dolman, A. (1924). *In the Footsteps of Livingstone : being the Diaries and Travel Notes made by Alfred Dolman*. John Irving.
- Dover, J. W. (2015). *Green Infrastructure: Incorporating Plants and Enhancing Biodiversity in Buildings and Urban Environments*. Routledge. doi:<https://doi.org/10.4324/9780203121993>. (Consultado a 20-04-2025).
- Drabble, M. (Ed.). (1995). *The Oxford companion to English Literature*. Oxford University Press.
- Driver, J. (1834). *Letters from Madeira in 1834: with an appendix, illustrative of the island, climate, wines and other information up to the year 1834*. Longmann & Co.
- Ebbin, S. A. (2020). Immersing the arts: Integrating the arts into ocean literacy. *Parks Stewardship Forum*, 36(3), 381–403. Retrieved from <https://escholarship.org/uc/psf>. (Consultado a 20-05-2025).
- Erlil, A. (2009). Narratology and Cultural Memory Studies. In S. Heinen, & R. Sommer (Eds.), *Narratology in the Age of Cross-Disciplinary Narrative Research* (pp. 212-227). De Gruyter. doi:<https://doi.org/10.1515/9783110222432>.

- Falconer, T. (1750). *Voyage of Hanno: Translated, and Accompanied with Greek Text, explained from the accounts of modern travellers, defended against the objections of Mr. Dodwell and other writers, and illustrated by maps from Ptolemy, D'Ánville, and Bougainville.* https://books.google.pt/books?id=qbMBAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. (Consultado a 24-10-2024).
- Ferber, M. (1999). *A Dictionary of Literary Symbols*. Cambridge University Press.
- Fernandes, F. (2004). *Madeirenses Errantes*. Oficina Livro.
- Fernandes, R. (1992). Educação e ensino popular na Madeira (séc. XVIII - 1840). *Separata da Revista da Universidade de Coimbra, XXXVII*, 1-69. https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=IgTcnMfwsFAC&oi=fnd&pg=PA1&dq=história+da+educação+ilha+da+Madeira&ots=8xntnhxqBZ&sig=-nuEWv48cMgnZjEcEh2z6DzMtvQ&redir_esc=y#v=onepage&q=história%20da%20educação%20ilha%20da%20Madeira&f=false. (Consultado a 20-04-2025).
- Ferreira Dias, A. R., & Vecchia da Rocha e Silva, R. (2022). A palavra na literatura e em outras artes. *FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*(28), pp. 1-4. doi:<https://doi.org/10.23925/1983-4373.2022i28p1-1>. (Consultado a 02-10-2024).
- Figueiredo, A. B. (1963). *Introdução à História Médica da Madeira*. Edições Marânus. Retrieved from https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/monografias_pdf/2023/03/introducao_historia_medica_da_madeira.pdf. (Consultado a 10-03-2025).
- Fonseca, A. M. (2012). *Percursos de identidade*. Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Fonseca, V. L. (2001). José Lezama Lima e a busca da identidade insular: uma reflexão sobre a fronteira imaginária. *Diálogos Revista Electrónica de Historia*, 2(2). Retrieved from <https://www.redalyc.org/pdf/439/43920202.pdf>. (Consultado a 15-11-2024).
- Fontes, M. A. (2002). Ut Pictura Poësi e Mimesis: considerações teóricas sobre as relações entre pintura e poesia. *Revista eletrônica do Instituto de Humanidades*, 1(3). <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/reihm/article/view/404>. (Consultado a 24-05-2025)

- Forsyth, W. B. (2006). *Jornada no império: vida e obra do Dr. Kally no Brasil*. Fiel.
- França, I. d. (1970). *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal 1853-1854*. (C. d. Nascimento, Trans.) Junta Geral do Distrito Autónomo.
- Frith, H. (1893). *The romance of navigation: a brief record of maritime discovery from the earliest times to the 18th century*. Lock & Bowden.
- Fussel, P. (2001). Travel Books as literary phenomena. In S. L. Robertson, & S. Robertson (Ed.), *Defining Travel: Diverse visions*. University Press of Mississippi.
- Garcia, A. C. (2023). Surgimento dos portos insulares e a Geomorfologia costeira: os casos de Angra, Funchal e Riberia Grande. *A linha da Costa como espaço de interface e identidade: contributos interdisciplinares das Humanidades Azuis*. https://redebraspor.org/reunioes/2023/Braspor2023_Resumos.pdf. (Consultado a 01-11-2024).
- Gaspar, J. (2001). O retorno da paisagem à geografia: apontamentos místicos. *Finisterra*, 36(72), 83-99. doi:<https://doi.org/10.18055/Finis1624>. (Consultado a 10-05-2025).
- Gastal, S. (2013). Imagem, Paisagem e Turismo: a construção do olhar romântico. *Pasos: Revista de Turismo y Património Cultural*, 11(3), 123-133. doi:<https://doi.org/10.25145/j.pasos.2013.11.044>. (Consultado a 20-05-2025).
- Gibson, H. J. (2008). Sport Tourism at a crossroad? Considerations for the future. In M. Weed (Ed.), *Sport & Tourism: a reader* (pp. 24-38). Routledge. Retrieved from https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9781134090976_A24555300/preview-9781134090976_A24555300.pdf. (Consultado a 12-12-2024).
- Gillis, J. R. (2001). Places remote and islanded. *Michigan Quarterly Review*, XL(1), 39-58.
- Gillis, J. R. (2004). *Islands of the Mind: How the Human Imagination Created the Atlantic World*. Palgrave Macmillian.
- Gillis, J. R. (2012). *The Human Shore: Seacoasts in History*. University of Chicago Press.
- Gillis, J. R. (2013). The Blue Humanities. *Humanities*, 34(3). <https://www.neh.gov/humanities/2013/mayjune/feature/the-blue-humanities>. (Consultado a 20-01-2025).
- Gillis, J. R. (2014). Not continents in miniature: islands as ecotones. *Island Studies Journal*, 9(1), 155-166.

- Gillis, J. R. (2017). Afterword: Beyond the Blue Horizon. In N. Allen, N. Groom, & J. Smith (Eds.), *Coastal Works: Cultures of the Atlantic Edge*. Oxford University Press. doi:<https://doi.org/10.1093/oso/9780198795155.001.0001>. (Consultado a 2-12-2024).
- Gordon-Brown, A. (1959). *Madeira and the Canary Islands: a concise guide for the visitor*. The Union-Castle Mail Steamship.
- Gorlay, W. (1811). *Observations on the natural history, climate and diseases of Madeira, during the eighteen years*. J. Callow.
- Grabham, M. C. (1870). *The Climate and resources of Madeira, as regarding chiefly the necessities of consumption and the welfare of invalids*. John Churchill & Sons.
- Grabham, M. C. (1926). *The garden interests of Madeira*. William Cloves & Sons.
- Grabham, M. C. (1934). *Plants seen in Madeira: a handbook of botanical information for visitors and intending residents*. H. K. & Co. Ltd.
- Gregory, D. (1988). *The beneficent usurpers : a history of the british in Madeira*. Fairleigh Dickindon University Press.
- Guyard, M.-F. (1951). *La Littérature comparée*. Presses Universitaires de France.
- Hafield, W. (1854). *Brazil, the River Plate, and the Falkland Islands: with the cape horn route to Australia including notices of Lisbon, Madeira, the Canaries, and Cape Verds*. John Cassel.
- Harcourt, E. V. (1855). Notes on the ornithology of Madeira: To the editors of the annals of Natural History. *Annals and Magazine of Natural History*, 15(90), 430-438. https://darwin-online.org.uk/converted/pdf/1855_Harcourt_Madeira_CUL-DAR196.4.1.pdf. (Consultado a 10-05-2025).
- Harcourt, E. V. (1856, may 31). "Letter no. 1883". Retrieved 05 02, 2025, from Darwin Correspondence Project: <https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-1883.xml>. (Consultado a 20-04-2025).
- Harcourt, S. V. (1851). *Sketches in Madeira: drawn from nature and on stone*. McLean. Retrieved from <https://hdl.handle.net/10079/bibid/3334483>. <https://collections.britishart.yale.edu/catalog/orbis:3334483>. (Consultado a 20-04-2025).
- HathiTrust Digital Library. (2024). *L'antichità di Roma*. Retrieved from <https://catalog.hathitrust.org/Record/009322170/Cite>. (consultado a 22-10-2024)
- Hatoum, M. (1989). *Relato de um certo Oriente*. Companhia das Letras.

- Hay, P. (2006). A Phenomenology of Island. *I*(1), 19-42.
- Hay, P. R. (2002). *Main currents in western environmental thought*. Indiana University Press.
- Heberden, T. (1777). Observations of immersions and emersions of Jupiter's first satellite, made at Funchal, in Madeira, with a reflecting telescope of 18 inches focus, made by Mr. Short. The time was found by taking equal altitudes, with a quadrant of 12 inches radius, made. *Philosophical Transactions. The Royal Society*, 60, 502-503.
- Hodgson, S. (1838). *Truths from West Indies: including a sketch of Madeira in 1833*. [s.n.].
- Hoeck, L. H. (1981). *La marque du titre*. Mouton.
- Holiday tours in Portugal and Madeira: illustrated guide*. (1905). The Booth Steamship Company.
- Horden, P., & Purcell, N. (2006). The Mediterranean and "The new Thalassology". *The American Historical Review*, 111(3), 722-740. doi:<https://doi.org/10.1086/ahr.111.3.722>. (Consultado a 1-1-2025).
- Houaiss, A., Villar, M., & Franco, F. (2003). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Vol. III). Temas & Debates.
- Hughes, T. M. (1845). *The Ocean Flower: a poem preceded by an historical and descriptive account of the Island of Madeira(...)*. Longman, Brown, Green and Longmans.
- Hutcheon, J. E. (1928). *Things seen in Madeira: description of one of the most beautiful islands in the world, the impressiveness of its mountain scenery, its rich flora, the genial nature of its people, their occupations, habits & festas*. Seeley Service & Co.
- James, Frank A.J.L. (2013). "British Association for the Advancement of Science". In Hessenbruch, Arne (ed.). *Reader's Guide to the History of Science*. Routledge. pp. 106–107. https://books.google.pt/books?id=fjhdAgAAQBAJ&pg=PA106&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. (Consultado a 10-07-2025).
- Jankovic, V. (2006). The Las Resort: A British Perspective on the Medical South, 1815-1870. *Journal of International Studies*, 27(3), pp. 271-298. doi:<https://doi.org/10.1080/07256860600779295>. (Consultado a 09-10-2024).
- Jauss, H. R. (1978). *Pour une esthétique de la réception*. (C. Maillard, Trans.) Gallimard.
- Jones, E. E. (1909). *A handy guide to Madeira: containing a synopsis of useful and necessary information for intending visitors*. [s.n.].

- Kalley, R. R. (1875). *Exposição de factos: relativo à agressão contra os protestantes na Ilha da Madeira*. Typ. Luso-Britannica de W. T. Wood.
- Kant, I. (2020). *À paz perpétua: um projeto filosófico*. Retrieved from https://books.google.pt/books?id=vWQWEQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. (Consultado a 02-10-2024).
- Kavaratzis, M. (2017). The Participatory Place Branding Process for Tourism: Linking Visitors and Residents Through the City Brand. In N. Bellini, & C. Pasquinelli (Eds.), *Tourism in the City* (pp. 93-107). Springer, Cham. doi:https://doi.org/10.1007/978-3-319-26877-4_6. (Consultado a 28-04-2025).
- Koebel, W. H. (1909). *Madeira: old and new*. Francis Griffiths.
- Lee, H. (1887). *Madeira and the Canary Islands: a handbook for tourists*. Lee and Nightingale.
- Lee-Niinioja, H. S. (2022). Landscapes in Shaping Nordic National Identity through Ephemeral-Perpetual Green Midsummer and White Winter in Romantic Art. In M. Vicelja-Matijašić, T. Germ, I. Prijatelj-Pavičić, & J. Erdeljan (Eds.), *Art and Nature* (pp. 92-110). Rijeka. <https://www.researchgate.net/publication/364060823>. (Consultado a 05-05-2025).
- Leite, R. M. (2009). *Representações do protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea : da exclusão à liberdade de culto : 1852-1911*. Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10400.14/7214>. (Consultado a 02-05-2025).
- Lethbridge, A. (1924). *Madeira: impressions and associations*. Methuen.
- Leyll, C. (1837). *Principles of geology*. John Murray.
- Lowe, R. T. (1828). *A manual flora of Madeira and the adjacent islands of Porto Santo and the Desertas*. John van Voorst.
- Machado, Á. M., & Pageaux, D.-H. (2001). *Da literatura comparada à teoria da literatura* (2.ª ed.). Editorial Presença.
- Macherey, P. (1971). *Para uma teoria da produção literária* (2.ª ed.). Estampa.
- Macherey, P. (2014). *Pour une théorie de la production littéraire*. (A. Glinoyer, Ed.) ENS Éditions.
- Mais, S. P. (1951). *Madeira holiday*. Alvim Redman.

- Margariti, R. (2013). An ocean of islands: Islands, insularity and historiography of the Indian Ocean. In P. Miller (Ed.), *The sea: Thalassography and Historiography* (pp. 198-229). The University of Michigan Press. doi:<https://doi.org/10.3998/mpub.4843903>. (Consultado a 26-04-2025).
- Marsh, A. E. (1892). *Holiday Wanderings in Madeira*. Sampson Low, Martson & Company.
- Marshall, J. (1999). Insiders and Outsiders: the role of insularity, migration and modernity on Grand Manan, New Bursnwick. In R. King, & J. Connell (Eds.), *Small Worlds, Global Lives* (pp. 97-112). Pinter.
- Mason, J. A. (1928). *A treatise on the climate and meteorology of Madeira*. (J. S. Knowles, Ed.) John Churchill.
- Matheson, K., Pawson, C., & Clegg, P. (2024). Social Psychological prespective on Islandness: identities, vulnerabilities and precarities. *Island studies*, 19(1). doi:<https://doi.org/10.24043/001c.92155>. (Consultado a 22-04-2025).
- Matos, R. D. (2008). A propósito das casas madeirenses. *Revista Islenha*(43), 117-136.
- Matos, R. D. (2022). Arquitectura e Turismo na Madeira, (Des)Continuidades Históricas. *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*(4), pp. 243-272.
- Matos, R. M. (2016). A Arquitectura do Turismo Terapêutico: Madeira e Canárias, 1800-1914. Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa.
- McCall, G. (1994). Nissology: a proposal for consideration. *Journal of the Pacific Society*, 17(2-3).
https://www.researchgate.net/publication/293227716_Nissology_A_proposal_for_consideration. (Consultado a 17-03-2025).
- McCall, G. (1996). Clearing Confusion in a Disembedded World: The Case for Nissology. *Geographische Zeitschrift*, 84(2), pp. 77-85.
- Menezes, S. D. (1849). *Uma epoca administrativa da Madeira e Porto Santo, a contar do* (Vol. 1). Typ. Nacional.
- Mentz, S. (2009). Toward a Blue Cultural Studies: The sea, Maritime Culture, and Early English Literature. *Literature Compass*, 6(5), pp. pp. 997-1013. doi:<https://doi.org/10.1111/j.1741-4113.2009.00655.x>. (Consultado a 10-10-2024).
- Mentz, S. (2023). A poetics of planetary water: The Blue Humanities after John Gillis. *Coastal Studies & Society*, 2(1), pp. 137-152. doi:<https://doi.org/10.1177/26049817221133199>. (Consultado a 10-10-2024).

- Mentz, S. (2024). *An Introduction to the Blue Humanities*. Routledge.
- Merchant, C. (2020). *The Anthropocene & the humanities: from climate change to a New Age of Sustainability*. Yale University Press. Retrieved from <https://www.jstor.org/stable/j.ctvzpv6xj>
- Mitchell, W. J. (Ed.). (2002). *Landscape and Power* (2.^a ed. ed.). The University Chicago Press.
- Moniz, A. I. (2023). *Viagem e Utopia - Os Lugares da Invenção Literária em Helena Marques*. Humus e a autora.
- Monteiro, H. (2022). *Migrações e hospitalidades: crítica do cosmopolitismo nas fronteiras do século*. Húmus.
- Morão, P. (2007). Retrato e auto-retrato - fronteira e limites. In K. Basílio, M. Torres, P. Morão, & T. Amado (Eds.), *Concerto das artes* (pp. 187-197). Campo das Letras.
- Moseley, H. N. (1879). *Notes by a naturalist: an account of observations made during the voyage of H. M. S. "Challenger" round the world in the years 1872-1876*. T. Werner Laurie.
- Murray, C. (Ed.). (1999). *Encyclopedia of Literary critics and criticism* (Vol. 2). Fitzroy Dearborn Publishers.
- Nabozny, A. (2011). Da paisagem como olhar do geógrafo à paisagem como olhar. *Geografia Ensino & Pesquisa*, 5(1). doi:DOI:10.5902/223649947375. (Consultado a 10-10-2024).
- Name, L. (2011). O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. *GeoTextos*, 6 (2). <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v6i2.4835>. (consultado a 03-06-2025).
- Nascimento, C. D. (1954). As Quintas Fulcro da Paisagem. *Revista Panorama*.
- Natividade, J. V. (1953). *Madeira, a Epopeia Rural*. Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- Neale, J. M. (1844). *On the ecclesiology of Madeira*. Cambridge.
- Newell, H. A. (1931). *The English church in Madeira now the church of the holy and undivided trinity: a history*. University Press by John Johnson.
- Nóbrega, M. A. (2004). *Tradições madeirenses* (Vol. III). Edição da Autora.
- Nora, P. (1984-1992). *Les lieux de mémoire*. Gallimard.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projecto História: Revista do programa de Estudos Pós-graduados d História*(10), 7-28.

- Norton, H. (1849). *Record of the facts concerning the persecutions at Madeira in 1843 and 1846: the flight of a thousand converts to the west India island, and also, the sufferings of those who arrived in the United States*. American Protestant Society.
- Novaes, L., & Rambelli, G. (2017). As praias e a Arqueologia de ambientes aquáticos: diálogos transversais. *Cadernos do Lepaarq, XIV(27)*.
- Nunes, H. B. (1998). A biblioteca e a memória da vida local. In *Da Biblioteca ao leitor: estudos sobre leitura em Portugal* (2.^a ed.). Autores de Braga.
- Ogilve, G. (Ed.). (19--). *Guide to Madeira: pearl of the Atlantic*. Vesta Narclay.
- Oliveira-Costa, J., Moreira, T., & Castro, F. (Eds.). (2021). *Landscapes representations: conceptions of physical and human space*. Cambridge Scholar Publishing.
- Onfray, M. (2009). *Teoria da viagem*. Quetzal.
- Online Library of Liberty. (2024). *Novum Organum*. Retrieved from <https://oll.libertyfund.org/titles/bacon-novum-organum>. (Consultado a 24-10-2024)
- Opitz, A. (1997). Viagem e memória. A construção de um passado por-*vir* em relatos sobre a Península Ibérica. In A. M. Falcão, M. T. Nascimento, & M. L. Leal, *Literatura de viagens: narrativa, história, mito* (pp. 654-). Cosmos.
- Opperman, S. (2023). *Blue Humanities: storied Waterscapes in the Anthropocene*. (L. Westling, S. Iovino, & T. Maran, Eds.) Cambridge University Press.
- Opperman, S. (1987). *Teorizando a ecocrítica: para uma prática pós-moderna*. (J. E. Reis, Trans.) Edições Afrontamento.
- Opperman, S. (2013). Diffractive narratives, Prismatic ecologies: The Fisherman of Halicarnassus. (L. Bryant, & E. Joy, Eds.) *O-Zone: A Journal of Object Oriented Studies*(1).https://www.academia.edu/2400345/Diffractive_narratives_Prismatic_ecologies_The_Fisherman_of_Halicarnassus?sm=b. (Consultado a 01-01-2025).
- Opperman, S. (2019). Storied seas and living metaphors in the Blue Humanities. *Configurations*, 27(4), pp. 443-461. doi:<https://dx.doi.org/10.1353/con.2019.0030>. (Consultado a 4-12-2024).
- Osborne, J. (18--). *Guide to Madeiras, Azores, british and foreign West Indies, Mexico and Northen, South-America*. . Walton & Mitchell.
- Outeirinho, M. d. (2008). Fragmento e narrativa de viagem. *O fascínio da linguagem. Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, pp. 309-314. Retrieved from

- <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13871/2/6712000072320.pdf>.
(Consultado a 10-05-2025).
- Ovington, J. (1869). *A Voyage To Surat In The Year 1689*. Jacob Tonson.
- Ovington, J. (1929). *A voyage to Surat in the year of 1689*. (H. G. Rawlisson, Ed.)
Oxford University Press.
<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.79805/page/n5/mode/2up>.
(consultado a 20-05-2025).
- Palladio, A. (1554). *L'Antichità di Roma*. V. Lucrino.
- Paredes, L., & Magalhães, J. (2023). História do ensino primário na ilha da Madeira: uma escolarização lenta e desigual. *E-Letras com vida*(10), 160-174.
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/107509452/Hist_C3_B3ria_do_Ensino_Pr_im_C3_A1rio_na_ilha_da_Madeira_3A_Uma_escolariza_C3_A7_C3_A3o_lent_a_e_desigual.pdf_filename_UTF-8Hist_C3_B3ria-libre.pdf?1700359079=&response-content-disposition=inline%3B+filename%.
(Consultado a 20-04-2025).
- Pastore, C. L. (2023). Thinking with islands, living with coasts: John Gillis and the making of a blue Atlantic. *Costal Studies & Society*, 2(1), pp. 3-13.
doi:<https://doi.org/10.1177/26349817221142> (Consultado a 11-11-2024).
- Penfold, J., & Garnons, W. (1845). *Madeira Flowers, Fruits and Ferns: A Selection of the Botanical Productions of the Island, Foreign and Indigenous / Drawn and Coloured from Nature by Jane Wallas Penfold / of the Achada, Madeira*. Reeve, Brothers.
- Pessoa, F. (2018). *Sobre a arte literária*. (F. C. Martins, & R. Zenith, Eds.) Assírio & Alvim.
- Picken, A. (1840). *Madeira illustrated*. James Macaulay.
- Pimenta, A., Portela, A., Oliveira, C., & Ribeiro, R. (2017). A Bibliometria nas pesquisas Acadêmicas. *Scientia*, 4(7), pp. 1-13. https://flucianofejiao.com.br/flf/wp-content/uploads/2017/12/EDUCAR_PARA_A_CIDADANIA_FINANCEIRA.pdf. (Consultado a 14-11-2024).
- Pinheiro, A. V. (2009). Livro Raro: antecedentes, propósitos e definições. In H. Silva, & M. Barros (Eds.), *Ciência de Informação: Múltiplos diálogos* (pp. 31-44). Editora Oficina Universitária. doi:<https://doi.org/10.36311/2009.978-85-60810-16-1>. (Consultado a 03-11-2024).

- Pinto, F. M. (1614). *Peregrinação*. Pedro Crasbeeck : a custa de Belchior de Faria Cavaleyro da casa del Rey nosso Senhor, & seu Livreyro.
- Pitta, N. C. (1812). *Account of the Island of Madeira*. Longman, Hurts, Rees, Orne & Brown.
- Pommier, É. (2007). Introdução - retratar. In K. Basílio, M. Torres, P. Morão, & T. Amado (Eds.), *Concerto das artes* (pp. 165-185). Campo das Letras.
- Quintal, R. (1986). Os jardins da Quinta do Palheiro Ferreiro. *Revista Atlântico*(6).
- Quintal, R. (2001). *Levadas e veredas Madeira*. Francisco Ribeiro & Filhos.
- Quintal, R. (2007). *Quintas, parques e jardins do Funchal: estudo fitogeográfico*. Esfera do Caos.
- Radnorshire Fine Arts Ltd. (2022). *Lady Susan Holroyd – Lady Charlotte Lindsay in her Bedchamber*. <https://www.radnorshire-fine-arts.co.uk/brand/holroyd-lady-susan-harriett-harcourt-nee-1829-94/>. (Consultado a 08-07-2025).
- Raffestin, C. (2008). A produção das estruturas territoriais e sua representação. In M. Saquet, & E. Sposito (Eds.), *A produção das estruturas territoriais e sua representação* (pp. 17-35). Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia. doi: (Consultado a 28-02-2025).
- Rambles in Madeira and Portugal, in the early part of 1826: with an appendix of details, illustrative of the health, climate, produce, and civil history of the Island*. (1827). C. & J. Rivington.
- Ratter, B. (2021). Foreword. In L. Dierksmeier, F. Schön, A. Kouremenos, A. Condit, & V. Palmowski (Eds.), *European Islands between isolated and interconnected worlds: Interdisciplinary Long-Term Perspectives* (pp. 13-16). University Press. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10900/121446>. (Consultado a 09-04-2025).
- Reis, C. (1996). Introdução aos estudos literários: literatura e outras artes. [Em linha]. Realização de José Bidarra; Tecnóloga Isabel Ribeiro. 1 prog. vídeo (18 min., 47 seg.). Universidade Aberta. <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/135> (Consultado a 22-05-2025).
- Rendell, J. M. (1890). *Concise handbook of the island of Madeira: with plan of Funchal and map of the island*. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.
- Ribeiro, O. (1985). *A Ilha da Madeira até meados do século XX: estudo geográfico*. (M. d. Raposo, Trans.) Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Ministério da Educação.

- Ribeiro, O.(1991). *Portugal: o mediterrâneo e o Atlântico* (6.^a ed. ed.). Livraria Sá da Costa Editora.
- Ritson, K. (2020). The view from the sea: the poer of Blue Comparative Literature. *Humanities*, 9(3). doi:Doi: 03390/h9030068. (Consultado a 12-10-2024).
- Ritter, J. (2011). A paisagem e a estética. In A. V. Serrão, *Filosofia da paisagem: uma antologia* (pp. 95-123). Universidade de Lisboa.
- Rodrigues, E. (2019). O turismo na Madeira oitocentista. *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*(1), pp. 337-379.
- Rodrigues, E., & Santos, P. (2020). A poética do mar: metáfora do entrelugar na Literatura Africana. *Navegações*, 13(2). doi:https://doi.org/10.15448/1983-4276.2020.2.37167. (Consultado a 1-12-2024).
- Rodrigues, P. (2015). Da Madeirensidade: Contributo para uma reflexão necessária. In N. Veríssimo, & T. Santos (Eds.), *Universidade da Madeira : 25 anos, 1988-2013* (pp. 165-190). Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.13/1813> (Consultado a 1-10-2024).
- Rodrigues, P. (2008). *A Madeira Entre 1820 e 1842 Relações de Poder e Influência Britânica*. Empresa Municipal "Funchal 500 anos.
- Rodrigues, P. (2014). Henry Veitch (1782-1857): um anglo-madeirense, decano dos cônsules britânicos em Portugal.
- Ronström, O. (2021). Remoteness, islands and islandness. *Island Studies Journal*, 16(2), 270-297. doi:https://doi.org/10.24043/isj.162. (Consultado a 3-02-2025)
- Rössler, M. (1992). *UNESCO WORLD HERITAGE CENTRE BACKGROUND DOCUMENT ON UNESCO WORLD HERITAGE CULTURAL LANDSCAPES: Prepared for the FAO Workshop and Steering Committee Meeting of the GIAHS project: Globally Important Ingenious Agricultural Heritage Systems*. UNESCO.
- Rousseau, J.-J. (1989). *O contrato social*. Europa-América.
- Salgueiro, T. B. (2001). Paisagem e Geografia. *Finisterra*, 36(72), 37-53. doi:https://doi.org/10.18055/Finis1620. (Consultado a 02-05-2025).
- Santos, L. R. (2022). Do Colonialismo ao Cosmopolitismo: Kant e o esquecido legado da Proto-Modernidade. *Estudos Kantianos [EK]*, 9(2), 93-116. doi:https://doi.org/10.36311/2318-0501.2021.v9n2.p93. (Consultado a 10-10-2024).
- Seel, M. (2011). Uma estética da Natureza. In A. V. Serrão, *Filosofia da paisagem: uma antologia* (pp. 396-418). Universidade de Lisboa.

- Seel, M. (1998). *Poéticas da viagem na literatura*. Cosmos.
- Serrão, J., Barreto, A., & Mónica, M. F. (Eds.). (1984). *Dicionário de História de Portugal*. Livraria Figueirinhas.
- Silva, A. D. (2021). *Histórias da vida das gentes de cima*. 5 Livros.
- Silva, A. R. (1994). *Apontamentos sobre o quotidiano madeirense (1750-1900)*. Caminho.
- Silva, F. A. (1945). *A antiga escola médico-cirúrgica do Funchal*. Typografia Esperança.
- Silva, F. A., & Meneses, C. A. (1984). *Elucidário Madeirense* (Vol. 1). Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- Silva, F. A., & Meneses, C. A. (1984). *Elucidário Madeirense* (Vol. 3). Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- Silva, F. A., & Meneses, C. A. (1998). *Elucidário Madeirense*. (vol. 2). Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- Silva, I. (1983). Resenha histórica. In J. Sumares, A. Simoes, I. Silva, & Á. Simões (Ed.), *Transportes na Madeira*. Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- Silva, C., Gaspar, H. & Furtado, I. Á. (2021). O ensino de Arte obstétrica na Eschola Medico-cirurgica do Funchal. *Archives of Anatomy: Official Journal of the Portuguese Anatomical Society (SAP/AAP)*, 10(1), 12-19.
- Smith, A., Jones, K., & Denyer, S. (2007). *Cultural Landscapes of the Pacif Islands*. ICOMON.
- Smith, G. D. (2013). *The Lake Poets*. Amberley Publishing.
- Smyth, C. P. (1882). *Madeira meteorologic: being a paper on the above subject read before the Royal Society, Edinbrugh, on the 1st of May 1882*. David Douglas.
- Sousa, R. M. (2004). A Unificação Monetária em Portugal (Continente e Ilhas). https://www.researchgate.net/publication/277106728_A_unificacao_monetaria_de_Portugal_Continente_e_Ilhas. (Consultado a 17-02-2025).
- Spice, R. P. (1884). *The wanderings of the Hermit of Westminster on the Island of Madeira in 1883*. [s.n.].
- Spilanis, I., Kizos, T., Kondili, J., Koulouri, M. & Vakoufaris, H. (2005). Sustainability measurement in islands: The case of South Aegean islands, Greece. In *International Conference on Biodiversity Conversation and Sustainable Development in Mountain Areas of Europe* (pp. 20-24). <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/39257898/02e7e51cd74894e3c8000000-libre.pdf?1445116254=&response-content->

[disposition=inline%3B+filename%3DSustainability_measurement_in_islands_T
h.pdf&Expires=1745922571&Signature=KOaOJ9jl63asYLEbkPweFO6agoMQ
5Ok0bjPj~](#). (consultado a 17-04-2025).

- Springett, W. S. (1843). *Recollections of Madeira: dedicated to Mrs. Geo. Stoddart*. W. S. Pitt Springett.
- Steiner, G. (1992). *No Castelo do Barba Azul. Algumas notas para a redefinição da cultura*. Relógio D'Água.
- Steiner, G. (2017). *A ideia da Europa* (4.^a ed.). (J. M. Barrosos, Trans.) Gradiva.
- Stouhi, D. (2022, maio 25). Os benefícios da biofilia para a arquitetura e os espaços interiores. *ArchDaily*, s.p. <https://www.archdaily.com.br/br/927908/os-beneficios-da-biofilia-para-a-arquitetura-e-os-espacos-interiores>. (Consultado a 08-01-2025).
- Stratford, E., Baldacchino, G., & McMahon, E. (2023). *Rethinking Islands methodologies*. Rowman Littlefield. https://books.google.pt/books/about/Rethinking_Island_Methodologies.html?id=aaimeAAAQBAJ&redir_esc=y. (Consultado a 08-02-2025).
- Swanson, F. J. (2015). Confluence of arts, humanities, and science at sites of long-term ecological inquiry. *Ecosphere*, 6(8). doi:<http://dx.doi.org/10.1890/ES15-00139.1>. (Consultado a 5-05-2025).
- Tate, J. R. (1847). *Madeira: or, the spirit of Anti-Christ in 1846 ...*. James Nosbet and Co.
- Taylor, E. M. (1882). *Madeira: its scenery and how to see it*. Edward Stanford.
- Taylor, F. W. (1840). *The Flag Ship: Or A Voyage Around the World In The United States Frigate Columbia, Attended by Her Consort the Sloop of War John Adams*. D. Appleton & Co.
- The Traveller's guide to Madeira and the West Indies: being a hieroglyphic representation of appearances and incidents during a voyage out and homewords*. (1815). Haddington.
- Thomas-Stanford, C. (1909). *Leaves from Madeira garden*. John Lane, Bodley Head.
- Todorov, T. (1999). A viagem e seu relato. *Revista de Letras* (39), pp. 13-24. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/27666708>. (Consultado a 10-10-2024).
- UNEP, Division of Technology, Industry and Economics. World Tourism Organization. (2005). *Making tourism more sustainable : a guide for policy makers*. UNEP, Division of Technology, Industry and Economics. World Tourism Organization.

- Retrieved from <https://digitallibrary.un.org/record/561577?v=pdf>. (Consultado a 27-04-2025).
- UNESCO. (1972). *Convention concerning the protection of the World Cultural and Natural Heritage*. UNESCO. Retrieved from <https://whc.unesco.org/archive/convention-en.pdf>. (Consultado a 02-05-2025).
- Vallejo, I. (2023). *O infinito num junco*. (À. Terradellas, & R. Custodio, Trans.) Bertrand.
- Vieira, A. ([s.d]). O discurso de identidade insular no Atlântico Açores, Madeira e Santa Catarina.
https://www.academia.edu/1153139/o_discurso_da_identidade_insular?auto=download. (Consultado a 10-11-2024).
- Vieira, A. (2010). As Ilhas: Da Nissologia à Nesologia. *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*(2), pp. 16-21.
https://www.academia.edu/15401107/AS_ILHAS_DA_NISSOLOGIA_À_NESOLOGIA. (Consultado a 02-02-2025).
- Vieira, A. (2016). As Ilhas: Da Nissologia à Nesologia. *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*(2), pp. 1-26.
- Vieira, A. (2017). Anti-Autonomia. In *Enciclopédia dos Anti-Íls*. Imprensa Nacional.
- Vieira, A. (2018). Arquipélagos e ilhas entre memória, desmemória e identidade. In C. d. Autonomia. SRTC / DRC.
- Vizetelley, H. (1880). *Facts about Port and Madeira: with notices of the wines vintaged around Lisbon, and the wines of Tenerife*. Ward, Lock & Co.
- Webster, D. (1856). *Sketches and adventures in Madeira, Portugal and the Andalusias Spain*. Harper & Brothers.
- Westerdahl, C. (1992). The maritime cultural landscape. *International Journal of Nautical Archaeology*, 21(1), 5-14. doi:<https://doi.org/10.1111/j.1095-9270.1992.tb00336.x>. (Consultado em 10-04-2025).
- Westphal, B. (2017). *A geocrítica: real, ficção, espaço*. (M. H. Amado, Trans.) Edições Afrontamento.
- White, K. (2023). Nomadismo intelectual e geopoética. *Gragoatá*, v. 28, n. 61. (R. Poulet, & S. Antunes, Interviewers)
- White, R. (1851). *Madeira its climate and scenery: containing medical and general information for invalids and visitors*. Cradock & Co. Paternoster Row.
- White, R. (1857). *Madeira its climate and scenery: a hand-book for invalid and other visitors* (2nd. ed.). (J. Y. Johnson, Ed.) Adam and Charles Black.

- Wilde, W. R. (1840). *Narrative of a voyage to Madeira, Teneriffe, and along the Shores of the Mediterranean including a visit to Algiers, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus and Greece ...* . William Curry, Jun and Co.
- Wilson, W. C. (1856). *The Madeira persecutions : chiefly compiled from the Rev. J. Baillie's "Life of Hewitson", and Mr. R. Tate's "Madeira in 1846"* . . The Religious Tract Society.
- Wollaston, T. V. (1854). *Insecta Maderensia: being an account of the insects of the islands of the Madeiran group*. John van Voorst.
- Wollaston, T. V. (1856). *On the variaton of species*. John van Voorst.
- World, U. (2018). Levadas of Madeira Island - UNESCO World Heritage Centre. Unesco.org. <https://whc.unesco.org/en/tentativelists/6230>. (Consultado a 20-04-2025).
- Wortley, E. S. (1854). *A visit to Portugal and Madeira*. Chapman and Hall.
- Yeoward line: from Liverpool to Portugal, Madeira, and Canary Island*. (1921). Glendsdale & Jennigs.
- Zúquete, A. E. (Ed.). (1989). *Nobreza de Portugal e do Brasil* (2.^a ed., Vol. 2). Editorial Enciclopédia.
- Zurara, G. E. (1651-1700). *Crónica da Tomada de Ceuta*. Livraria de Alcobaça.

Anexos

TABELA 1 – LITERATURA DE VIAGENS SOBRE A MADEIRA, SÉCULO XIX ATÉ MEADOS SÉCULO XX

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	DRABL ⁸³	BMF ⁸⁴	TOTAL
<i>A guide to Madeira: containing a short account of Funchal with instructions to such as repair to that island of health.</i> (1810). G. Woodfall, Paternoster-Row	0	1	1
Gorlay, W. (1811). <i>Observations on the natural history, climate and diseases of Madeira, during the eighteen years.</i> J. Callow	0	3	3
Pitta, N. C. B. (1812). <i>Account of the Island of Madeira.</i> Longman, Hurts, Rees, Orne & Brown	0	2	2
<i>The Traveller's guide to Madeira and the West Indies: being a hieroglyphic representation of appearances and incidents during a voyage out and homewords.</i> (1815). Haddington	1	1	2
Osborne, J. (18--). <i>Guide to Madeiras, Azores, british and foreign West Indies, Mexico and Northen, South-America.</i> Walton & Mitchell	0	1	1
<i>An historical sketch of the Island of Madeira.</i> (1819). F. S. Hopkins	1	0	1
Combe, W. (1821). <i>A history of Madeira: with a series of twenty-seven coloured engravings, illustrative of the costumes, manners and occupations of the inhabitants of the island.</i> R. Ackermann	2	1	3
Bowdich, T. E. (1825). <i>Excursions in Madeira and Porto Santo, during the autumn of 1823, while on his third voyage to Africa.</i> George B. Whittaker	1	0	1
<i>Six months in the West Indies in 1825.</i> (1826). John Murray	0	1	1

⁸³ Direção Regional dos Arquivos, Bibliotecas e do Livro. Nesta coluna, o número de exemplares encontrado no Centro Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira (CEHA), encontram-se contabilizados juntamente com os da DRABL, uma vez que o CEHA depende hierarquicamente da Direção Regional.

⁸⁴ Biblioteca Municipal do Funchal.

<i>Rambles in Madeira and Portugal, in the early part of 1826: with an appendix of details, illustrative of the health, climate, produce, and civil history of the Island.</i> (1827). C. & J. Rivington	2	1	3
Lowe, R. T. (1828). <i>A manual flora of Madeira and the adjacent islands of Porto Santo and the Desertas.</i> John Van Voorst ⁸⁵	2	0	2
Driver, J. (1834). <i>Letters from Madeira in 1834: with an appendix, illustrative of the island, climate, wines and other information up to the year 1834.</i> Longman & Co.	0	1	1
Hodgson, S. (1838). <i>Truths from West Indies: including a sketch of Madeira in 1833.</i> [s.n.]	0	2	2
Wilde, W. R. (1840). <i>Narrative of a voyage to Madeira, Teneriffe, and along the Shores of the Mediterranean including a visit to Algiers, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus and Greece ...</i> William Curry, Jun and Co.	1	1	2
Taylor, F. W. (1840). <i>The Flag Ship: Or A Voyage Around the World In The United States Frigate Columbia, Attended By Her Consort The Sloop Of War John Adams.</i> D. Appleton & Co	0	1	1
Picken, A. (1840). <i>Madeira illstrated.</i> James Macaulay	1	0	1
Springett, W. S. P. (1843). <i>Recollections of Madeira: dedicated to Mrs. Geo. Stoddart.</i> W. S. Pitt Springett	2	0	2
Neale, J. M. (1844). <i>On the ecclesiology of Madeira.</i> Cambridge	0	1	1
Hughes, T. M. (1845). <i>The Ocean Flower: a poem preceded by an historical and descriptive</i>	2	1	3

⁸⁵ 1 dos exemplares pertence à Biblioteca Escolar Liceu Jaime Moniz.

<i>account of the Island of Madeira(...)</i> . Longman, Brown, Green and Longmans			
Tate, J. R. (1847). <i>Madeira: or, the spirit of Anti-Christ in 1846 ...</i> James Nisbet and Co	0	1	1
Norton, H. (1849). <i>Record of the facts concerning the persecutions at Madeira in 1843 and 1846: the flight of a thousand converts to the west India island, and also, the sufferings of those who arrived in the United States.</i> American Protestant Society. ⁸⁶	1	0	1
Harcourt, E. V. (1851). <i>A sketch of Madeira: containing information for the traveller or invalid visitor.</i> John Murray	3	0	3
White, R. (1851). <i>Madeira its climate and scenery: containing medical and general information for invalids and visitors.</i> Cradock & Co Paternoster Row	1	1	2
Wortley, E. S. (1854). <i>A visit to Portugal and Madeira.</i> Chapman and Hall	1	1	2
Hafield, W. (1854). <i>Brazil, the River Plate, and the Falkland Islands: with the cape horn route to Australia including notices of Lisbon, Madeira, the Canaries, and Cape Verds.</i> John Cassel	0	2	2
Wollaston, T. V. (1854). <i>Insecta Maderensia: being an account of the insects of the islands of the Madeiran group.</i> John van Voorst	1	0	1
Bloxam, J. M. (1855). <i>The climate of the Island of Madeira ... considered in a letter addressed to George Lund</i> T. Richards	1	1	2
Wilson, W. C. (1856). <i>The Madeira persecutions: chiefly compiled from the Rev. J.</i>	1	0	1

⁸⁶ Apesar de ser uma publicação de um autor americano e publicado nos Estados Unidos, inserimos no nosso trabalho, pois trata-se de um tema relevante para investigações futuras sobre relações interculturais entre a Ilha da Madeira e outros países.

Baillie's <i>"Life of Hewitson"</i> , and Mr. R. Tate's <i>"Madeira in 1846"</i> . The Religious Tract Society			
Webster, D. (1856). <i>Sketches and adventures in Madeira, Portugal and the Andalusias Spain</i> . Harper & Brothers	0	1	1
White, R. (1857). <i>Madeira its climate and scenery: a hand-book for invalid and other visitors</i> . (J. Y. Johnson, ed.). (2 nd . ed.). Adam and Charles Black ⁸⁷	1	1	2
Burton, R. F. (1863). <i>Wanderings in West Africa</i> . Tinsley Brothers	1	0	1
Grabham, M. C. (1870). <i>The Climate and resources of Madeira, as regarding chiefly the necessities of consumption and the welfare of invalids</i> . John Churchill & Sons.	1	1	2
Kalley, R. R. (1875). <i>Exposição de factos: relativo à agressão contra os protestantes na Ilha da Madeira</i> . Typ. Luso-Britannica de W. T. Wood.	1	0	1
Moseley, H. N. (1879). <i>Notes by a naturalist: na account of observations made during the voyage of H. M. S. "Challenger" round the world in the years 1872-1876</i> . T. Werner Laurie	1	0	1
Vizetelley, H. (1880). <i>Facts about Port and Madeira: with notices of the wines vintaged around Lisbon, and the wines of Tenerife</i> . Ward, Lock & Co.	1	1	2
Smyth, C. P. (1882) <i>Madeira meteorlogic: being a paper on the above subject read before the Royal Society, Edinbrugh, on the 1st of May 1882</i> . David Douglas	2	1	3
Taylor, E. M. (1882). <i>Madeira: its scenery and how to see it</i> . Edward Stanford	3	4	7

⁸⁷ BMF tem 1 exemplar datado de 1860 e outro de 1885

Spice, R. P. (1884). <i>The wanderings of the Hermit of Westminster on the Island of Madeira in 1883</i> . [s.n.]	1	0	1
Brassey, A. (1885). <i>In the trades, the tropics, & the roaring forties</i> . Longmans	1	0	1
Lee, H. (1887). <i>Madeira and the Canary Islands: a handbook for tourists</i> . Lee and Nightingale	0	1	1
Brown, A. S. (1889). <i>Madeira and the Canary Islands: a practical and complete guide for the use of invalids and tourists</i> . Sampson Low, Marstson, Searle & Rivington ⁸⁸	1	4	5
Rendell, J. M. (1890). <i>Concise handbook of the island of Madeira: with plan of Funchal and map of the island</i> . Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.	2	2	4
Marsh, A. E. W. (1892). <i>Holiday Wanderings in Madeira</i> . Sampson Law, Martson & Company	2	1	3
Frith, H. (1893). <i>The romance of navigation: a brief record of maritime discovery from the earliest times to the 18th century</i> . Lock & Bowden	1	0	1
Ogilvie, G. (ed.). (19--). <i>Guide to Madeira: pearl of the Atlantic</i> . Vesta. Narclay	1	0	1
Biddle, A. J. D. (1900). <i>The Madeira Islands</i> . Hurst & Blackett	2	2	4
<i>Holiday tours in Portugal and Madeira: illustrated guide</i> . (1905). The Booth Steamship Company	3	0	3
Koebel, W. H. (1909). <i>Madeira: old and new</i> . Francis Griffiths	4	1	
Thomas-Stanford, C. (1909). <i>Leaves from Madeira garden</i> . John Lane, Bodley Head.	2	2	4
Du Cane, E. (1909). <i>The flowers and gardens of Madeira</i> . Adam and Charles Black	0	1	1

⁸⁸ Um dos exemplares da BMF é datado de 1910 e o exemplar do DRABL data de 1910

Jones, E. E. G. (1909). <i>A handy guide to Madeira: containing a synopsis of useful and necessary information for intending visitors.</i> [s.n.] ⁸⁹	2	2	4
Baedeker, K. (1911). <i>The Mediterranean seaports and sea routes including Madeira, the Canary Islands, the Coast of Morocco, Algeria and Tunisia: handbook for travellers.</i> Karl Baedeker	1	0	1
<i>A letter home: being a description of a trip to Lisbon, Madeira, Grand Canary and Tenerife.</i> (1913). Yeoward Bros.	1	0	1
<i>Yeoward line: from Liverpool to Portugal, Madeira, and Canary Island.</i> (1921). Glendsdale & Jennings	0	1	1
Dolman, A. (1924). <i>In the Footsteps of Livingstone: being the Diaries and Travel Notes made by Alfred Dolman.</i> John Irving	0	1	1
Lethbridge, A. (1924). <i>Madeira: impressions and associations.</i> Methuen	3	0	3
Grabham, M. C. (1926). <i>The garden interests of Madeira.</i> William Cloves & sons	3	0	3
Bolton, W. (1928). <i>The Bolton letters: the letters of an English merchant in Madeira.</i> (ed. A. L. Simon). Graham Blandy	2	0	2
Mason, J. A. (1928). <i>A treatise on the climate and meteorology of Madeira.</i> (J. S. Knowles ed.). John Churchill	1	5	6
Hutcheon, E. (1928). <i>Things seen in Madeira: description of one of the most beautiful islands in the world, the impressiveness of its mountain scenery, its rich flora, the genial nature of its people, their occupations, habits & festas.</i> Seeley Service & Co.	4	0	4

⁸⁹ Um dos exemplares existentes na DRABL data do ano de 1895.

Newell, H. A. (1931). <i>The English church in Madeira now the church of the holy and undivided trinity: a history</i> . University Press by John Johnson	5	2	7
Brown, A. S. (1932). <i>Brown's Madeira Canary Islands and Azores</i> . Simpkin, Marshall ⁹⁰	3	1	4
Grabham, M. (1934). <i>Plants seen in Madeira: a handbook of botanical information for visitors and intending residents</i> . H. K. & Co. Ltd	1	0	1
Mais, S. P. R. (1951). <i>Madeira holiday</i> . Alvin Redman	3	0	3
Gordon-Brown, A. (1959). <i>Madeira and the Canary Islands: a concise guide for the visitor</i> . The Union-Castle Mail Steamship ⁹¹	2	1	3
Byrans, R. (1959). <i>Madeira: pearl of the Atlantic</i> . Robert Hale ⁹²	2	1	3

⁹⁰ Os exemplares do acervo da DRABL: 2 são edições de 1922 e 1 de 1927.

⁹¹ Um dos exemplares da DRABL pertence ao acervo da biblioteca do CEHA

⁹² Um exemplar pertence à biblioteca do CEHA.

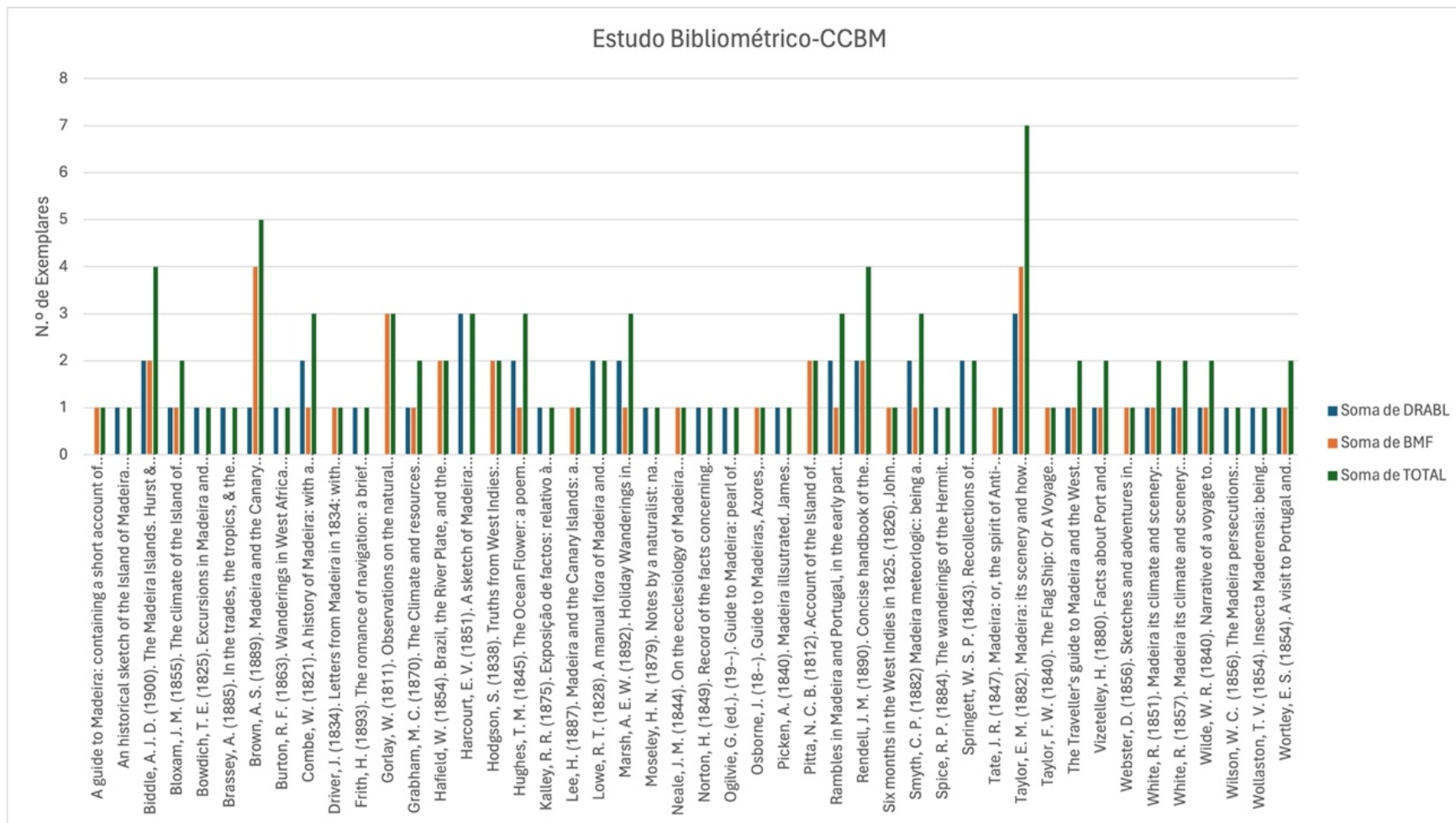


GRÁFICO 1: LITERATURA DE VIAGENS SOBRE A ILHA DA MADEIRA EM LÍNGUA INGLESA - SÉC. XIX (CCBM)

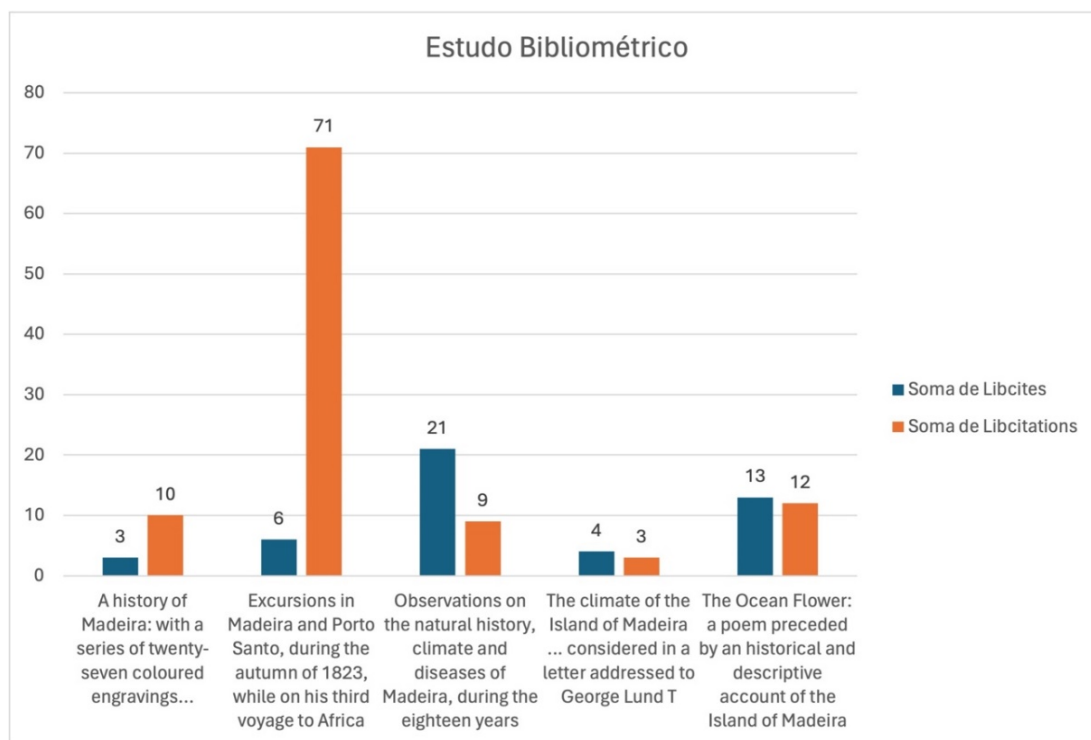


GRÁFICO 2: ESTUDO BIBLIOMÁTICO: WORLDCAT E GOOGLESCHOLAR

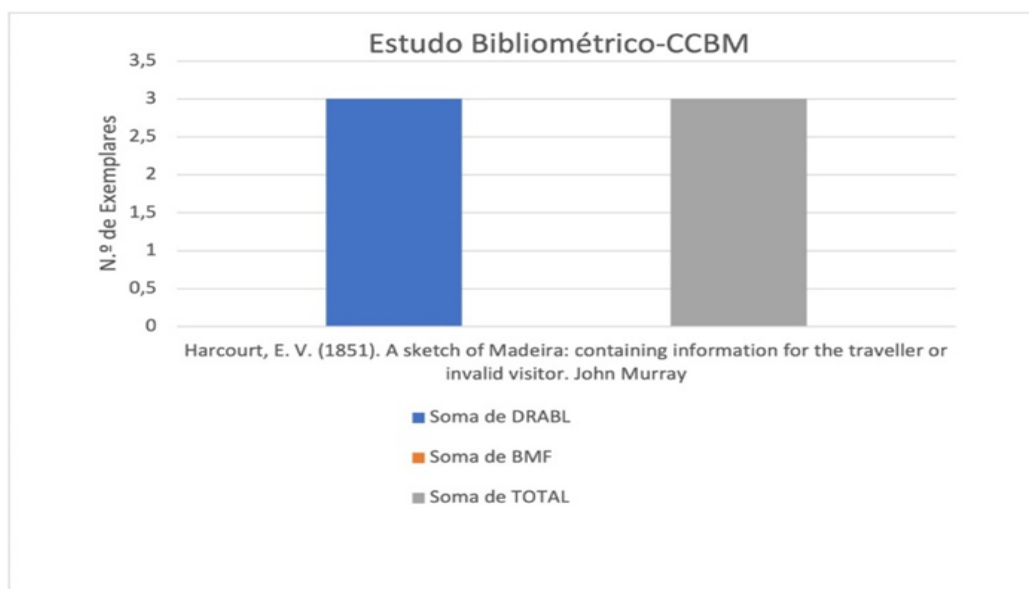


GRÁFICO 3: A SKETCH OF MADEIRA (1851) - ESTUDO BIBLIOMÉTRICO (CCBM)

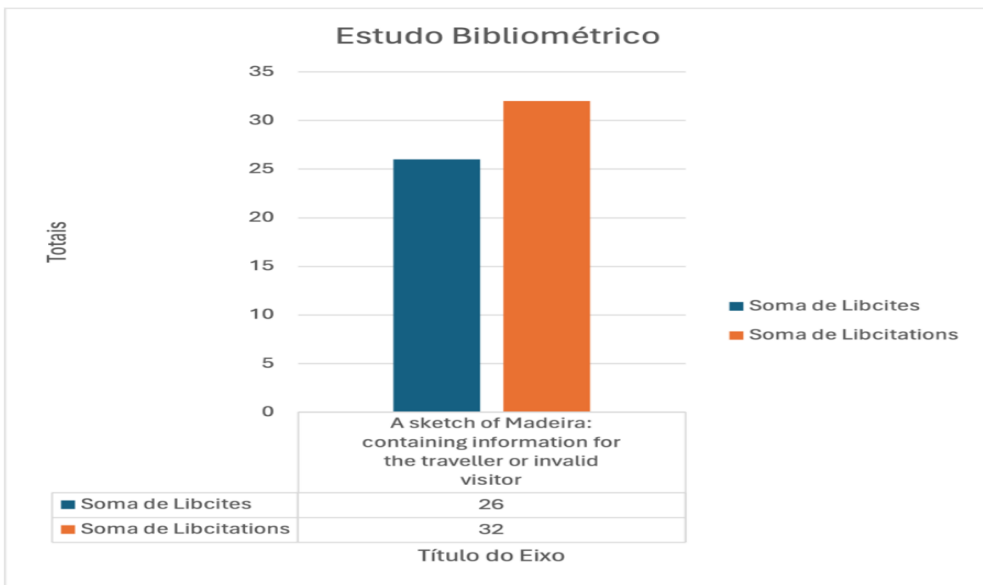


GRÁFICO 4: *A SKETCH OF MADEIRA* (1851) - WORLDCAT E GOOGLE SCHOLAR



GRÁFICO 5: *A SKETCH OF MADEIRA* (1851): ESTUDOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO

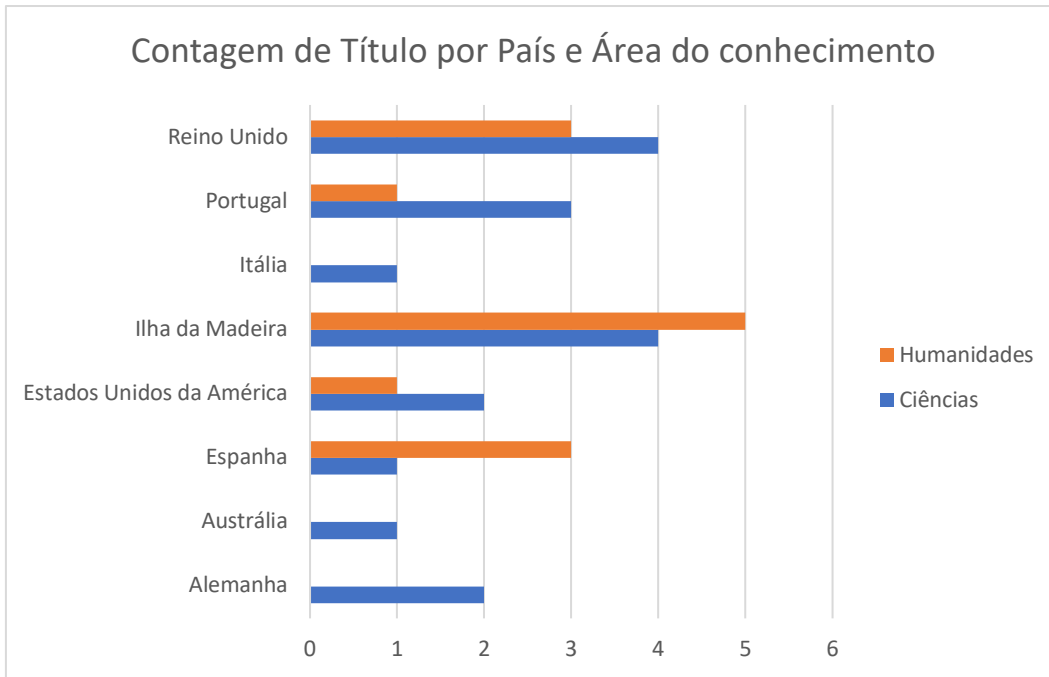


GRÁFICO 6: *A SKETCH OF MADEIRA* (1851) – TÍTULO POR PAÍS E ÁREA DO CONHECIMENTO

Dr. Heberden's account of monthly maxima and minima of temperature in Madeira, as observed a century ago, shows an amount of variation similarly small.

ANNO 1749.

ANNO 1750.

	Barometer.			Thermometer.			Barometer.			Thermometer.		
	M. H.	G. H.	L. H.	M. H.	G. H.	L. H.	M. H.	G. H.	L. H.	M. H.	G. H.	L. H.
January ..							29.195	29.3	29.4	64.	68.	62.
February .							29.692	29.75	29.5	63.3	67.	61.
March	29.81	30.2	29.8	64.65	70.	61.	29.12	29.63	29.3	66.5	71.	61.
April	30.075	30.2	29.8	69.7	69.	64.	29.285	29.4	29.1	66.45	68.	65.
May	29.55	30.1	29.6	66.53	69.	65.	29.775	29.9	29.5	66.25	68.	65.
June	30.017	30.15	29.75	63.75	72.	64.	29.875	30.1	29.5	69.06	72.	65.
July	30.027	30.1	29.45	74.58	75.	72.	29.867	29.95	29.8	73.	75.	71.
August	30.013	30.1	29.95	75.07	77.	74.	29.326	30.1	29.75	75.4	78.	72.
September .	30.054	30.15	29.85	76.53	78.	72.	29.915	30.05	29.7	74.93	77.	72.
October ..	29.841	30.	29.7	72.2	77.	68.	29.797	29.9	29.5	73.87	77.	70.
November .	29.881	30.	29.55	68.6	73.	67.	29.675	30.05	29.55	70.825	76.	67.
December	29.675	29.9	29.4	64.9	68.	62.	29.843	30.2	29.7	68.27	74.	64.

Dr. Heberden's Tables. Phil. Trans., x. abr., 1751, 232.

“Dr. Heberden goes on to give the mean height of the barometer and thermometer at Funchal for each month of the years 1751, 1752, 1753, which have but very small differences and changes.

“By collecting the respective sums of the daily heights of the instruments throughout the year, and extracting the mean altitude, it is found that the mean altitude of the barometer for each day is 29.915 inches, and of the thermometer 68°.918. The greatest thermometrical variation during the said time has been 20°, viz., from 60° to 80°; but it may be observed that it never rose so high but once, occasioned by a very strong L'Esté, or Levant wind, the extreme height, without such an accident, being never more than 78°.”



FIGURA 2: TABELA DO DR. HEBERDEN (HARCOURT, 1851, P. 39)

on the tree, being full of white worms. The quantity of rain which fell in the seven years from 1747 to 1753 inclusive, amounts to 214·346 inches. Therefore the mean quantity for each year is 30·62.”

Dr. Mason’s Observations give the following quantities for 1834, 1835:—

1834 and 1835.	DAY.		NIGHT.		Days on which thunder occurred.
	Days' rain.	Hours' rain.	Nights' rain.	Hours' rain.	
January	14	74	6	45	2
February	9	21	1	12	...
March.....	8	32	5	46	...
April	10	63	5	39	...
May	2	24	2	22	...
June	6	40	2	21	...
July	7	6	0	0	...
August	3	5	1	2	...
September	5	25	4	42	...
October	10	103	7	93	3
November	18	79	13	108	3
December	10	56	10	111	1

	1834-1835.	Winter.	Spring.	Summer.	Autumn.	Year.
Days.	Days rainy ..	33	19	16	33	101
	Hours rainy..	151 = 12·7	119 = 9·11	51 = 4·3	207 = 17·3	528 = 44·0
Nights.	Nights rainy ..	17	11	3	24	55
	Hours rainy..	163 = 14·0	107 = 8·11	23 = 1·11	243 = 20·3	541 = 45·1

Great inequalities, however, subsist between one year and another at Madeira in the distribution of the rain through the seasons, though the general average does not much differ. The amount of that which falls in the mountains is unknown. In comparing the climate with those of more northern latitudes it must be remembered that the *frequency* of the rain here bears no proportion to its amount; Dr. Macaulay has computed that whilst it rains in London 178 days in the

FIGURA 3: TABELA DO DR. MASON (HARCOURT, 1851, P. 43)

kept down the population. What may have been the cause, in 1768, of the decrease of population, is not recorded; but in 1839 the greater mortality is to be attributed to small pox, and in 1847 to the famine which then visited the island.

Under these circumstances, the policy of the Government appears to have been rather to repress than encourage emigration; and the fees exacted before a licence to emigrate can be obtained are very large. When the great demand for labour in Demerara occasioned the offer of a considerable premium to volunteers from Madeira, many of the young men were tempted to leave their families, and were surreptitiously smuggled on board the emigrant ships. These emigrants are reported to have made excellent labourers; but it is said also, that, overworking themselves under a tropical sun, they contracted the diseases of a climate in which the negro alone is capable of enduring much labour, and died by

CENSUS TAKEN IN 1847.	
Population of Madeira	104,747
„ Porto Santo	1,739
Total	<u>106,486</u>
Births	3,452
Deaths	<u>3,252</u>
Increase of Population	200
CENSUS TAKEN IN 1849.	
Population of Madeira	108,274
„ Porto Santo	1,810
Total	<u>110,084</u>
Births	3,988
Deaths	<u>2,293</u>
Increase of Population	1,695

FIGURA 4: TABELA CENSOS ILHA DA MADEIRA 1847 (HARCOURT, 1851, P. 54)

It should seem from these particulars that there are periods of excessive mortality, which, amongst other causes, have

Proportion of the yearly births to the number of persons, as 1 to 29·35	
” ” burials	as 1 to 49·89
” births to burials	as 100 to 58·77
” males born to females	as 100 to 96·39
” females buried to males	as 108·33 to 100
Weddings each year at a medium	470 $\frac{1}{2}$
Proportion of weddings to births	as 1 to 4·68
” ” burials	as 1 to 2·75
The mortality of spring and summer to that of autumn and winter	as 115 to 100

CENSUS TAKEN IN 1835.

Population of Madeira	113,828
” Porto Santo	1,618
Total	115,446
Births	4,102
Deaths	2,751
Increase of Population	1,351

CENSUS TAKEN IN 1839.

Population of Madeira	114,147
” Porto Santo	1,614
Total	115,761
Births	4,671
Deaths	3,962
Increase of Population	709

CENSUS TAKEN IN 1843.

Population of Madeira	117,372
” Porto Santo	1,669
Total	119,041
Births	4,627
Deaths	2,883
Increase of Population	1,744

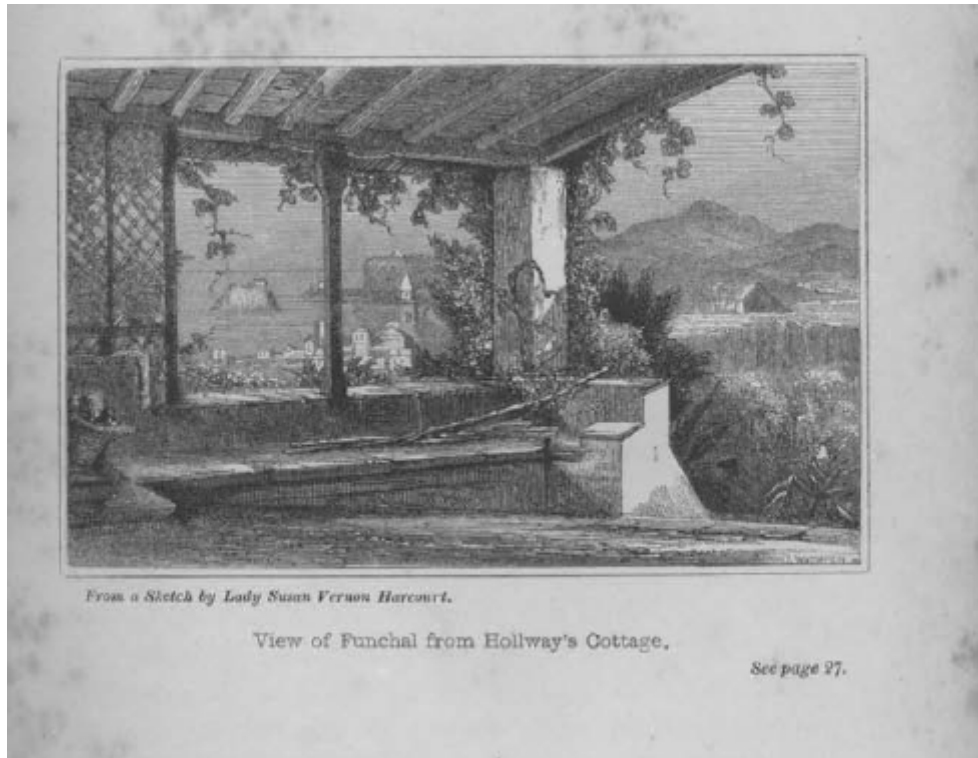
FIGURA 5: TABELA CENSOS ILHA DA MADEIRA 1835 (HARCOURT, 1851, P. 53)



FIGURA 6: CARRO DE BOIS. HARCOURT, E. (1851) *A SKETCH OF MADEIRA*. JOHN MURRAY, P. 32



FIGURA 7: FRONTISPIECE. FUNCHAL FROM THE SEA

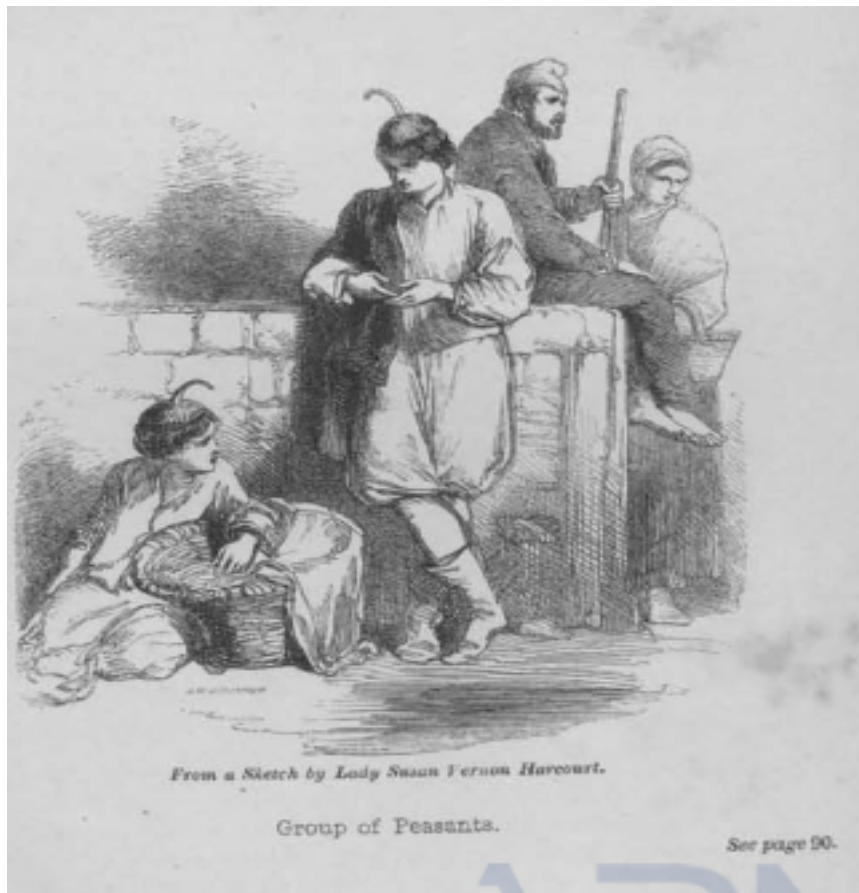


From a Sketch by Lady Susan Vernon Harcourt.

View of Funchal from Hollway's Cottage.

See page 27.

FIGURA 8: VIEW OF FUNCHAL FROM HOLLWAY'S COTTAGE



From a Sketch by Lady Susan Vernon Harcourt.

Group of Peasants.

See page 90.

FIGURA 9: GROUP OF PEASANTS



FIGURA 10: BANANAS

" TABLE OF COURSES AND DISTANCES.

VARIOUS POINTS DETERMINED.	Latitude North.	Longitude West.	COURSES.		Distances in Geog. Miles.
			True.	Magnetic.	
From Southampton Dock to Calshot Light-vessel . . .			Various	Various	7
Calshot Light to Hurst Castle			Ditto	Ditto	12.2
Hurst Castle to the Needles			Ditto	Ditto	3
Needles to a position 15 miles to the S. of Start Point	50 40	1 34	S. 61° 49' W.	W. ½ S.	91.0
Position off Start to a fairway in Chops of Channel .	49 57	3 39	S. 53 41 W.	W. by S.	121.6
Fairway of Channel to a position 30 leagues W. of C. Finiaterre	48 45	6 00			
Position off C. Finiaterre to one 5 miles south of Porto Santo	42 55	11 20	S. 32 28 W.	S.W. by W.	414.8
Position off Porto Santo to one 3 miles off Point St. Lourenço	32 59	16 17	S. 21 24 W.	S.W. Southerly	640.0
Position off St. Lourenço to one 2½ miles off Brazen Head	32 40	16 39	S. 45 00 W.	S.W. by W. ¾ W.	26.9
Position off Brazen Head to Mr. Veitch's house, Funchal	32 35	16 51	S. 63 26 W.	W. ¼ S.	11.2
	32 38	16 55	N. 53 12 W.	W. by N. ¼ N.	5.0
				Miles..	1332.7

APPENDIX I. TABLE OF COURSES AND DISTANCES. 171

J. B. CALDBECK,
'Brilliant,'
Funchal Roads."

January 24th, 1851.

FIGURA 11: TABLE OF COURSES AND DISTANCES



FIGURA 12: ENGLISH BURIAL GROUND

Índice Onomástico

1.º Conde do Carvalhal	90
Acciaioili, Luiz	91
Alão, George.....	10, 11, 14, 20
Albergaria, Isabel Soares	92
Alcoforado, Francisco	7
Alves, Graça	48, 52, 62
Alves, Isabel Fernandes	28, 37, 57, 62
Andrade, Manuel Joaquim da Costa.....	91
Andrade, Nulita Raquel Freitas	80
André, João Maria	81, 88, 94, 95, 100
Angliker, Erica.....	82
Antunes, Luísa Marinho	25, 66, 110, 116
Augustin, Gunther	18, 21, 24
Backès, Jean-Louis	5
Baço, Joana.....	91
Bacon, Francis	6
Baedeker, Karl.....	152
Baldacchino, Godfrey.....	25, 41, 69, 88, 99, 100, 102, 107, 112, 113
Ballard, Susan.....	111, 112
Barni, Roberta.....	87
Barral, Francisco António.....	53
Barthes, Roland	26
Bazenga, Aline.....	24
Bellaigue, Christine de	108
Berque, Augustin	83, 100, 113
Bettencourt, José.....	43
Biblioteca Digital Hispânica.....	71
Biblioteca Municipal do Funchal	16
Biddle, Anthony Joseph Drexel.....	151
Bloxam, James Mackenzie	14, 53, 149
Blum, Hester.....	29

Bolton, William	15, 152
Bona, Fabiano Dalla	87
Bonesio, Luisa	28
Bordieu, Pierre.....	24
Bowdich, Thomas Edward	147
Boyer, Marc	115
Braidotti, Rosi.....	35
Branco, Jorge Freitas	38, 44, 50, 62, 65
Brassey, Anna.....	150
Brito, Cristina	56, 64, 66, 67, 68, 69, 88, 90, 91, 111
Brown, Alfred Samler.....	150, 153
Brunel, Pierre.....	39
Buescu, Ana Isabel	8, 9
Bulkeley, C.	78
Burton, Richard Francis.....	149
Byrans, Robin	153
Caetano, Cristina Filipe	12, 13
Câmara, Benedita.....	82
Camões, Luís Vaz de	7
Cappelli, Gloria	24
Capuana, Luigi.....	57
Carita, Rui.....	7, 22, 80, 87, 93, 95, 109
Carvalho, Ana Cristina	37, 57, 62
Carvalho, João Carlos.....	39
Carvalho, Patrícia	43, 91
Casper-Hehne, Hiltraud	35
Castro, Fátima Velez de.....	37
Chevrel, Yves	39
Chiou, Chyi-Rong Chiou.....	58
Claval, Paul.....	83
Clegg, Peter	97, 98
Clode, Luiz Peter	22, 91
Coelho, Jacinto do Prado	5
Cohen, Margaret	31

Cohen, Michael P.	34
Coleridge, Samuel Taylor.....	32
Collot, Michel.....	36, 40, 58, 62, 64, 69
Combe, William.....	146
Conkling, Philip.....	72, 73, 97, 99
Conrad, Joseph.....	31
Cordeiro, António.....	71
Corrêa, Roberto Lobato	63, 82
Cortese, Giuseppina.....	25
Costa, José Pereira da	101
Costa, Maite.....	67
Cristóvão, Fernando.....	5, 6, 7, 9
Cuddon, J. A.	32, 57
Dana, James Dwight.....	8
Darwin, Charles.....	6, 85
Dawson, Helen.....	84, 85
Defoe, Daniel.....	31
Dennis, Matthew.....	112
Denyer, Susan.....	51, 104
Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro.....	14, 15, 16, 19
Dolman, Alfred.....	152
Dover, John W.....	60
Drabble, Margaret.....	32
Driver, John	147
Du Cane, Edmund Frederick	151
Ebbin, Syma A.....	110
Emerson, Ralph Waldo.....	32
Erll, Astrid	17
Falconer, Thomas	70
Ferber, Michael.....	56
Fernandes, Ferreira	83
Fernandes, Rogério.....	99, 102
Ferreira Dias, Ana Rosa.....	5
Figueiredo, A. Bandeira de.....	80

Fisherman of Halicarnassus.....	28
Fonseca, Ana Margarida Godinho da.....	27
Fonseca, Vilma L. da.....	19, 40, 41, 46
Fontes, Maria Aparecida R.....	113
Forsyth, William.....	83
França, Isabella de.....	78
Franco, Francisco Manoel de Mello.....	74
Frith, Henry.....	151
Furtado, Ivo.....	101
Fussel, Paul.....	21, 23
Garcia, Ana Catarina Abrantes.....	30
Garcia, Catarina.....	91
Gaspar, Hugo.....	101
Gaspar, Jorge.....	112, 115
Gastal, Susana.....	111, 112, 115
Gibson, Heather J.....	58
Gilbert, Sara.....	93
Gillis, John R.....	30, 31, 32, 42, 44, 46, 54, 55, 72, 86
Gordon-Brown, Alfred.....	153
Gorlay, William.....	14, 53, 146
Grabham, Michael Comport.....	15, 149, 152, 153
Gregory, Desmond.....	71, 92, 103, 106
Hafield, William.....	149
Harcourt, Edward Vernon.....	10, 12, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 85, 87, 89, 92, 94, 96, 97, 99, 101, 102, 106, 109, 110, 114
Harcourt, Susan Vernon.....	10, 22, 108, 110, 111, 112, 114
Harcourt, William Vernon.....	21, 93
Hay, Pete.....	105, 106
Hay, Peter.....	31, 32
Heberden, Thomas.....	87, 93
Hodgson, Studholme.....	147
Hoeck, Leo H.....	11

Holroyd, George Augustus Frederick Charles Holroyd	108
Holroyd, Harriet.....	108
Horden, Peregrine.....	29
Houaiss, Antônio	74
Hughes, Terence MacMahon.....	148
Hutcheon, J. Edith	152
Jankovic, Vladimir.....	9, 10
Jauss, Hans Robert.....	11
Jones, Eugene E. G	151
Jones, Kevin L.	51, 104
Kabaağaçlı, Cevat Şakir	28
Kalley, Robert Reed	15
Kant, Immanuel	7
Kavaratzis, Mihalis.....	91, 112
Kizos, Thanassis	89
Koebel, William Henry.....	151
Kondili, Julia	89
Koulouri, Maria	89
Lacerda, Teresa.....	91
Lee, Harold	150
Lee-Niinioja, Hee Sook	114
Leite, Rita Mendonça	105
Lethbridge, Alan.....	152
Leung, Yu-Fai.....	58
Lowe, Richard Thomas.....	147
Luz, Ana Luísa	37, 57, 62
Lyell, Charles, sir.....	8
Machado, João José Xavier de Carvalhal e Vasconcelos de Atouguia de Bettencourt de Sá	90
Magalhães, Justino.....	99
Mais, Stuart Petre Brodie.....	153
Mancherey, Pierre.....	40
Margariti, Roxani.....	100, 112
Marsh, A. E. W.....	151

Marshall, Joan.....	41
Mason, John Aldon.....	152
Matheson, Kate.....	97, 98
Matos, Rui Campos	10, 74, 75
McCall, Grant.....	76
McMahon, Elizabeth	25, 69, 88
Melville, Herman.....	31
Meneses, Carlos Azevedo de.....	75, 91, 93, 102
Menezes, Sérvulo Drummond de	89
Mentz, Steve	27, 32, 33, 34, 41, 45, 48, 55
Merchant, Carolyn.....	111
Mitchell, W. J. T.....	67
Moniz, Ana Isabel.....	45, 67
Monteiro, Hugo	81, 90, 91, 99
Morão, Paula.....	113
Moreira, Tatiana A.	37
Moseley, Henry Nottidge	150
Murray, Chris.....	57
Murray, John.....	23
Nabozny, Almir	110, 111, 112, 114
Name, Leo	86
Nascimento, Cabral do	74
Nascimento, Maria Teresa.....	67
Natividade, J. Vieira	86
Neale, John Mason	148
Newell, H. A.....	15
Newell, Herbert Andrews	153
Nóbrega, Maria Augusta Correia de.....	98
Nora, Pierre.....	5, 69
Norton, Herman.....	148
Novaes, Luciana de Castro Nunes	43, 45
Nunes, Henrique Barreto Nunes	13
Ogilvie, Germaine	151
Oliveira, Alexandre	91

Oliveira, Cluciane Barros de	14
Oliveira-Costa, Jorge Luís P.....	37
Onfray, Michel.....	11
Oppermann, Serpil.....	28, 33, 41, 44, 65
Osborne, John	146
Outeirinho, Maria de Fátima	23, 24, 94
Ovington, John.....	114
Palladio, Andrea	6
Paredes, Luciana.....	99
Pastore, Christopher L.	41, 42, 49
Pawson, Chris	97, 98
Penfold, Jane Wallas.....	92
Penfold, William.....	92
Pessoa, Fernando	26
Picken, Andrew	148
Pimenta, Akcineide Aguiar.....	14
Pinheiro, Ana VÍrgina.....	13
Pinto, Fernão Mendes	6
Pitta, Nicholas Cayetano de Bettencourt	53, 146
Pommier, Édouard	113
Pugh, Jonathan.....	84, 85
Purcell, Nicholas.....	29
Quintal, Raimundo.....	74, 93
Raffestin, Claude	62, 65, 68, 76
Rambelli, Gilson.....	43, 45
Ratter, Beate	73
Rei D. João V.....	9
Reid, William.....	93
Reis, Carlos.....	109
Rendell, James Meadows	151
Ribeiro, José Silvério.....	89
Ribeiro, Orlando	38, 47, 55, 62, 65
Ribeiro, Rogeane Morais.....	14
Ritson, Katie	70

Ritson, Katie	34
Ritter, Joachim.....	113
Rodrigues, Edimilson Moreira	42, 44, 47
Rodrigues, Elizabete.....	22
Rodrigues, Paulo Miguel	68, 71, 92
Ronström, Owe.....	72, 77, 97
Rosendhal, Zeny	82
Rössler, Mechtild.....	51
Rousseau, Jean-Jacques	86
Salgueiro, Teresa Barata.....	110, 113
Santos, Leonel Ribeiro dos.....	7, 81
Santos, Paulo Henrique Carvalho dos	42, 44, 47
Saunders, Jen	111, 112
Seel, Martin	112
Seixo, Maria Alzira.....	5, 24
Silva, Andreia	97
Silva, António Ribeiro Marques.....	97
Silva, Celso.....	101
Silva, Fernando Augusto	91, 93
Silva, Fernando Augusto da.....	75, 80, 102
Silva, Iolanda.....	77, 79, 88
Smith, Anita.....	51, 104
Smyth, Charles Piazzì.....	150
Sousa, Manuel Caetano	9
Sousa, Rita Martins.....	75
Southey, Robert	32
Spice, R. P.	150
Spilanis, Ioannis.....	88
Springett, William Samuel Pitt.....	148
Startford, Elain.....	88
Steiner, George	5, 18, 116
Stouhi, Dima.....	60
Stratford, Elain.....	25, 69
Swanson, Frederick J.....	110

Tate, John Roddam	148
Taylor, Ellen M.....	16, 150
Taylor, Frederick Winslow	147
Teixeira, Tristão Vaz	71
Thomas-Stanford, Charles	151
Thoreau, Henry David	32
Todorov, Tzvetan.....	9
Tsai, Wei-Lun.....	58
UNEP - United Nations Environment Programme.....	88
UNESCO World Heritage Convention.....	104
Vakoufaris, Hristos	89
Vallejo, Irene	12
Vecchia da Rocha e Silva, Rejane	5
Veitch, Henry.....	92
Verga, Giovanni.....	57
Verne, Jules	31
Vieira, Alberto	26, 71, 113
Vieira, Nina	91
Villar, Mário de Sales	74
Vizetelley, Henry	150
Webster, Daniel	149
Westerdahl, Christer	43
Westphal, Bertrand	42, 61, 69
White, Kenneth.....	61
White, Robert.....	148, 149
Wilde, William Robert Wills.....	147
Wilkinson, William	93
Wilson, William Carus	149
Wollaston, Thomas Vernon.....	8, 149
Wordsworth, William	32
Wortley, Emmeline Stuart	148
WTO - World Tourism Organization	88
Zarco, João Gonçalves.....	71
Zúquete, Afonso Eduardo Martins	90

Zurara, Gomes Eannes de 6